

PQ9261

.G8

P3

1927

JUNQUEIRO

Patria





a 00001 27983 2

*Handwritten signature*

*F/4 50.00*



PÁTRIA

OBRAS DO MESMO AUTOR

---

<i>A velhice do Padre Eterno</i> (edição profusamente ilustrada por Leal da Câmara), 1 vol.	<i>Finis Patriæ.</i>
<i>A velhice do Padre Eterno</i> (edição popular).	<i>O Crime.</i>
<i>A vitória da França.</i>	<i>A Lágrima.</i>
<i>Baptismo do Amor</i> (poemeto, com uma apreciação por C. C. Branco).	<i>Oração à Luz.</i>
<i>Pátria</i> , 1 vol.	<i>Oração ao Pão.</i>
	<i>Poesias dispersas.</i>
	<i>Prosa dispersas.</i>
	<i>Horas de combate.</i>
	<i>O caminho do Céu.</i>
	<i>Prometheu Libertado.</i>

---

*A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à convenção de Berne — (Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2577 de 7 de janeiro de 1912)*

---

**A presente obra é propriedade dos editores.**

---

GUERRA JUNQUEIRO

PQ9261

.68

P3

1927

# PÁTRIA

*Esta é a ditosa pátria minha amada.*

CAMÕES

---

Quinta edição

---



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão, L.<sup>da</sup>

EDITORES

Rua das Carmelitas, 144

11111111

11111111

11111111  
11111111  
11111111

A alma do meu amigo

DR. JOSÉ FALCÃO



Aos meus amigos

BASÍLIO TELES  
JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO



## ACTORES

UM DOIDO.

O REI.

MAGNUS, duque de S. Vicente de Fóra.

OPIPARUS, príncipe d'Oiro Alegre.

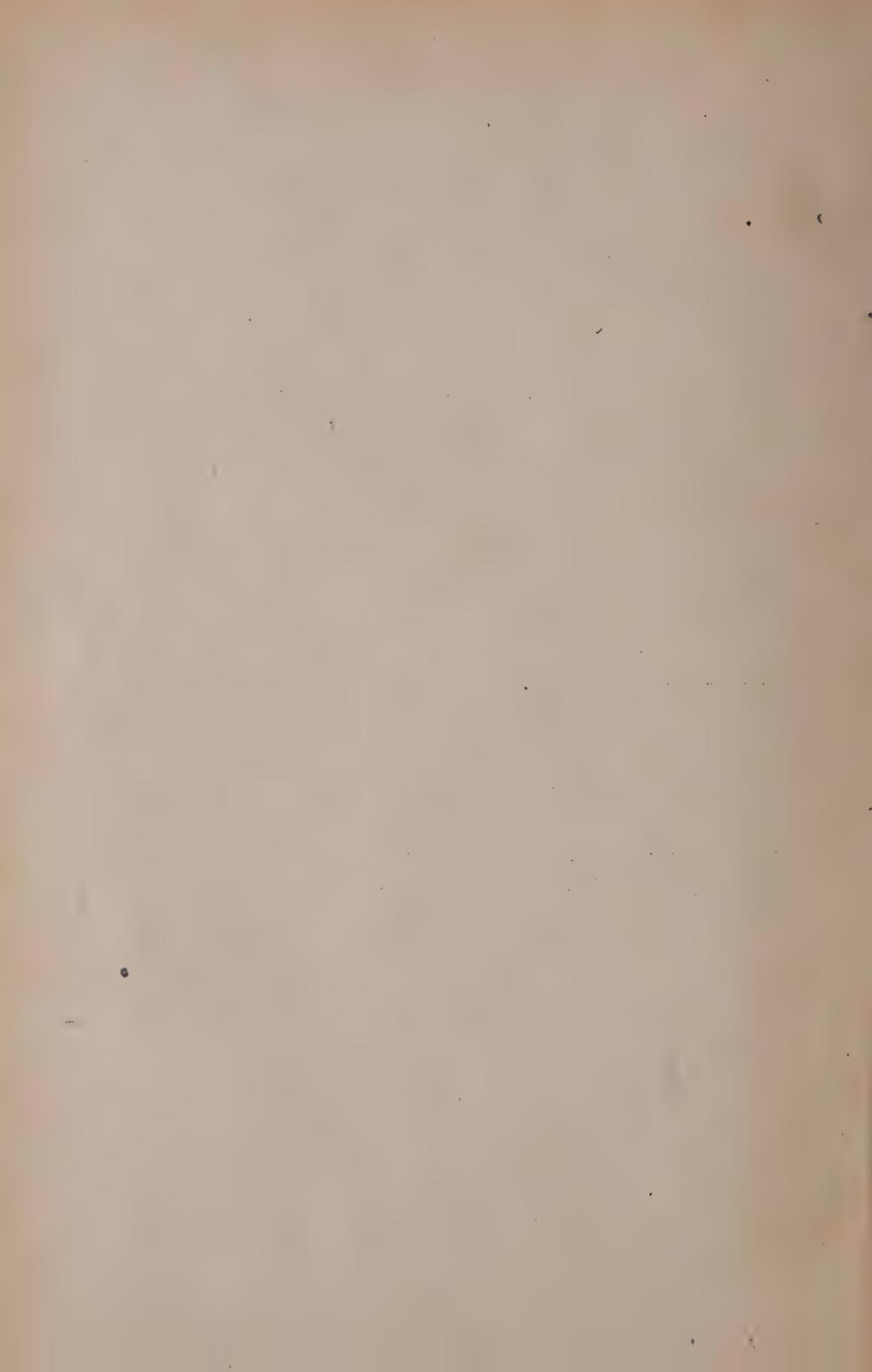
CIGANUS, marquês de Saltamontes.

ASTROLUGUS, cronista-mór de el-rei.

IAGO, antigo cão de fila, dentes pôdres; obeso, gordura flácida.

JUDAS, cão mestiço de lobo, carcunda, sarnento, olhar falso, injectado de bilis.

VENENO, fraldiqueirito anão, ladrinchador e lambareiro.



# PÁTRIA

Noite de tormenta. Céu caliginoso, mar em fúria, ventanias trágicas, relâmpagos distantes. O castelo do rei à beira-mar. Sala de armas. Nos muros, entre panóplias, os retratos em pé da dinastia de Bragança. Agachados ao lume, os três cães familiares de el-rei, — Iago, Judas, Veneno. Entram Opiparus, Magnus e Ciganus. Sentam-se, afagando os cães. Magnus poisa na mesa um pergaminho com o sêlo real. É o tratado com a Inglaterra.

## SCENA I

CIGANUS, *apontando o pergaminho e rindo* :

Necrológio a assinar pelo defunto !

MAGNUS, *com gravidade* :

É urgente :

Salvamo-nos . . .

OPIPARUS, *acendendo um charuto* :

Perdendo a honra . . . felizmente !  
Inda bem ! inda bem ! vai-se a *ária das Quinas* . . .

MAGNUS, *convicto* :

Glorioso pendão sôbre um castelo em ruínas . . .

OPIPARUS :

O pendão ! o pendão ! . . . um trapo bicolor,  
A que hoje o mundo limpa o nariz . . . por favor.

CIGANUS :

Enquanto a mim, que levem tudo, o reino em massa,  
Pouco importa ; o demónio é que o levem de graça . . .  
Mas agora acabou-se ! . . . e, em lugar de protesto,  
Vejam os antes se o ladrão nos compra o resto . . .  
Um bom negócio . . . hein ? ! . . . manobrando com arte . . .

OPIPARUS, *soprando o fumo do charuto* :

Dou por cem libras, quem na quer ? a minha parte . . .

MAGNUS, *grandioso* :

Quando d'ânimo leve o príncipe assim fala,  
Não se queixem depois que a dinamite estala.

Nem se admirem de ver o país qualquer dia  
Na mais desenfreada e tremenda anarquia !  
Prudência ! haja prudência, ao menos, meus senhores . . .  
É grave a ocasião . . . gravíssima ! . . . Rumores  
De medonha tormenta andam no ar . . . Cuidado !  
Não desanimo, é certo . . . Um povo que deu brado,  
Uma nação heróica entre as nações do mundo,  
Há-de viver . . . É longo o horizonte e é fecundo ! . . .  
Creio ainda no meu país, na minha terra ! . . .  
Guardo a esp'rança . . .

OPIPARUS :

Bem sei, no Banco de Inglaterra . . .  
A esp'rança e dois milhões em oiro, tudo à ordem . . .  
Não é isto ? . . .

MAGNUS, *embaraçado* :

Exagêro . . . exagêro . . . Concedem . . .  
Sim, concordem . . . pouco me resta e pouco valho . . .  
Mas o suor duma vida inteira de trabalho . . .  
Economias . . . bagatela . . . um nada . . . era mister . . .  
No dia d'amanhã, com filhos, com mulher . . .  
Entendem, claro está . . . era preciso, enfim ;  
Segurança . . . Não me envergonho . . . Enquanto a mim,  
Posso falar de cara alta . . . o meu passado . . .

OPIPARUS :

Se é mesma a profissão do duque o ser honrado !  
É o seu modo de vida, o seu ofício . . . Creio  
Que é daí . . . que é daí que a fortuna lhe veio :  
Ninguém lho nega . . . O duque é dos bons, é dos puros . . .  
E a virtude a render, a dignidade a juros  
Acumulados . . . Francamente, eu noto, eu verifico  
Que era caso de estar muitíssimo mais rico . . .  
O duque foi modesto : a honra de espartano  
Não a deu nem talvez a dois por cento ao ano !

MAGNUS, *sorrindo constrangido* :

Má língua ! . . .

CIGANUS, *côm seriedade irónica* :

O nosso duque a ofender-se . . . que asneira !  
O príncipe graceja . . . histórias . . . brincadeira . . .  
À honradez do duque, inteiriça e massiça,  
Todo o mundo lhe faz a devida justiça . . .  
Mas vamos ao que importa, — ao bom pirata inglês . . .

MAGNUS :

El-rei assinará ? . . . o que julga, marquês ?

OPIPARUS :

El-rei nesse tratado é rei como Jesus,  
E, portanto, vão ver que o assina de cruz.

CIGANUS :

Sem o ler. Quem duvida ? Assinatura pronta !  
Paris vale uma missa e Lisboa uma afronta.  
E, em suma, concordemos nós que um mau reinado,  
Por um bom pontapé, fica de graça, é dado.  
A el-rei àmanhã nem lhe lembra. Tranquilo,  
Dormirá, jantará, pesará mais um kilo.  
Uma bóia de enxúndia ; um zero folgazão,  
Bispote português com toucinho alemão.

OPIPARUS :

Sensualismo e patranha, indif'rença e vaidade,  
Gabarola balofo e glutão, sem vontade,  
Às vezes moralista, (acessos de moral,  
Que lhe passam jantando e não nos fazem mal)  
Eis el-rei. Um egoísmo obeso, alegre e loiro,  
Unto já de concurso e de medalha d'oiro.  
Termina a dinastia ; e Deus, que a fez tamanha,  
Põe-lhe um ponto final de oito arrôbas de banha . . .  
Laus Deo !

## MAGNUS :

Que má língua ! El-rei, coitado ! uma criança,  
Nem leve culpa tem nos encargos da herança . . .  
Não se aprende num dia a governar um povo . . .  
E em casos tais, em tal momento, um homem novo,  
Habitado à lisonja, habituado ao prazer . . .  
Maravilhas ninguém as faz . . . não pode ser ! . . .  
El-rei é bom ! El-rei é um espírito culto,  
Ilustrado . . . Não digo, enfim, que seja um vulto,  
Um talento, uma coisa grande de espantar ;  
Mostra, porém, cordura, o que não é vulgar . . .  
Cordura e senso . . . Eu falo e falo com razão . . .  
Não minto . . . sou cortês, nunca foi cortesão !  
Duque e plebeu . . . vim do trabalho honrado que magôa . . .  
Não lisonjeio o povo e não adulo a C'roa.  
Os defeitos d'el-rei ? : . . . Não me custa a dizê-lo :  
Eu quisera maior int'rêsse . . . maior zêlo . . .  
Mais idade, afinal . . . Deixem correr os anos,  
E hão-de ver o arquetipo exemplar dos sob'ranos.

OPIPARUS, *sorrindo* :

Ingénua hipocrisia, duque . . . Olhe que el-rei  
Conhece-nos a nós, como nós a el-rei . . .

CIGANUS :

Sabem ? Dá-me cuidado el-rei . . . dá-me cuidado . . .  
Melancolia . . . um ar de nojo . . . um ar de enfado . . .  
Sem comer, sem dormir, não repousa um minuto,  
E é raríssima a vez que êle acende um charuto.

OPIPARUS :

Indício bem pior : há já seguramente  
Três dias que não vai à caça e que não mente.  
Ora, se el-rei não mente e não fuma e não caça,  
É que não anda bom, não anda . . .

MAGNUS :

Que desgraça !

Pudera ! hão-de afligi-lo, e com tôda a razão,  
As tremendas calamidades da nação.  
Cada hora um desastre, um infortúnio . . . Eu scismo,  
Eu olho . . . e vejo perto o cairel dum abismo !

OPIPARUS :

Oh, nunca abismo algum tolheu el-rei, meu amo  
De aldravar uma pêta ou de caçar um gamo.

CIGANUS :

E depois o cronista-mór, tonto e velhaco,  
A insinuar-lhe, a embeber-lhe endróminas no caco,  
Telepatias, bruxarias, judiarias  
Do *Livro das Visões, Sonhos e Profecias*.  
O que vale é que el-rei, um gordo hereditário,  
Pesa de mais para profeta ou visionário.  
Não me assusta . . .

MAGNUS, *confidencial* :

Marquês . . . dum amigo a um amigo !  
Entre nós . . . fale franco : a ordem corre p' rigo ? . . .  
O mal-estar . . . desassocêgo . . . uma aventura . . .  
Os quartéis . . . Diga lá : julga a C' roa segura ? . . .

CIGANUS :

Segura e bem segura. Equivocar-me hei,  
No entretanto, parada feita : jógo ao rei !  
Neste lance . . . No outro . . . A inspiração é vária,  
E bem posso mudar para a carta contrária.

OPIPARUS :

De maneira que apenas eu, sublime idiota,  
Guardo fidelidade ao rei nesta batota !

Alapardou-se em mim o dever e a virtude !  
Quando o trono de Afonso Henriques se desgrude,  
Eu cá vou com el-rei . . . Isto da pátria e lar  
É boa fêmea, bom humor e bom jantar.  
O ditoso torrão da pátria ! . . . que imbecis !  
No globo não há mais que uma pátria : Paris,  
A nossa então, que choldra ! Infecta mercearia,  
Guimarães, Policarpo, Antunes, Braga & C.<sup>a</sup> !  
Um horror ! um horror ! Não temam que proteste,  
Se emigrando me vejo livre de tal peste.  
Fico por lá . . . não torno mais . . . fico de vez . . .  
O que é preciso é bago . . . Ora, você, marquês,  
Adorável canalha e salteador galante,  
Não me deixa embarcar el-rei como um tunante,  
El-rei que vai viver por côrtes estrangeiras,  
Sem duas dúzias de milhões nas algibeiras . . .  
Eu sou trinchante-mór, conservo o lugar,  
Havendo, claro está, faisões para trinchar ! . . .

MAGNUS, *imponente* :

Incrível ! No momento grave em que a Nação  
Dorme (ou finge dormir !) à beira dum vulcão,  
Nesta hora tremenda, hora talvez fatal,  
Há quem graceje como em pleno carnaval !  
E assim vamos alegremente, que loucura !  
Cavando a todo o instante a própria sepultura . . .

No dia d'amanhã ninguém pensa, ninguém !  
Os resultados vê-los hão . . . caminham bem . . .  
Divertem-se com fogo . . . Olhem que o fogo arde . . .  
E extingui-lo depois (creiam-me) será tarde . . .  
Já não é tempo . . . As labaredas da fogueira  
Abrasarão connosco a sociedade inteira !  
A mim o que me indigna e ruboriza as faces  
É ver o exemplo mau partir das altas classes,  
Sem se lembrarem (doida e miserável gente !)  
Que as vítimas seremos nós . . . infelizmente !  
Não abalemos, galhofando, assim à tôa,  
A égide do Scetro, o prestígio da C'roa !  
Quando a desordem tudo infama e tudo ameaça,  
A Realeza é um penhor . . .

CIGANUS :

Destinado a ir à praça.  
Questão d'anos, questão de mês ou questão d'hora,  
Segundo ronde a ventania lá por fóra . . .  
Observemos o tempo . . . anda brusco, indeciso . . .  
Não arme o diabo algum ciclone d'improviso ! . . .  
O trono, defendê-lo enquanto nos convenha ;  
Depois . . . trono sem pés já não é trono, é lenha.  
Queima-se ; e no braseiro alegre a chamejar  
Cozinhamos os dois, meu duque, um bom jantar ! . . .

O duque a horrorizar-se ! . . . Eu conspiro em segrêdo . . .  
Pode ouvir, pode ouvir . . . duque, não tenha mêdo !  
A república infame, a república atroz,  
Uma bella manhã será feita por nós,  
Meu caro duque ! . . . E o presidente . . .  
Ora quem . . . ora quem, duque de S. Vicente ? ! . . .  
O duque ! Não há outro, escusado é lembrar ! . . .  
Um prestígio europeu . . . a independência . . . o ar . . .  
Não há outro ! . . . d'arromba ! . . . à verdadeira altura ! . . .  
Tôdas as condições, tôdas . . . até figura !  
Parece um rei ! que nem já sei como se move  
Com as trinta gran-cruzes . . .

MAGNUS, *lisonjeado* :

Úpa ! . . . trinta e nove !

CIGANUS :

Trinta e nove gran-cruzes, hãn ! no mesmo peito . . .  
Caramba, duque ! . . . é bem bonito . . . é de respeito !  
E o povo gosta, deixe lá . . . De mais a mais  
Duque e plebeu . . .

MAGNUS, *com dignidade* :

Não me envergonho de meus pais !  
Filho dum alfaiate . . . Honra-me a origem ! . . .

CIGANUS :

Sei . . .

E nobreza tão nobreza é que a não dá el-rei.  
Nobreza d'alma ! Enfim, meu duque, nem pintado  
Se encontraria igual para chefe do Estado !  
Queira ou não queira, pois, o meu ilustre amigo . . .

MAGNUS, *solene* :

Eu lhe digo, marquês . . . eu lhe digo . . . eu lhe digo . . .  
Devagar . . . devagar . . . Um problema importante,  
Que exige reflexão, maturação bastante . . .  
Sou monárquico . . . Fui-o sempre ! . . . Inda hoje creio  
O trono liberal o mais sólido esteio,  
Do Progresso e da Paz e a melhor garantia  
Da justa, verdadeira e sã Democracia.  
Não precisamos outras leis . . . Há leis à farta !  
Executem-nas ! . . . Basta executar a Carta !  
Cumpram as leis ! . . . Dentro da Carta, realmente,  
Cabem inda à vontade o futuro e o presente . . .  
É êste o meu critério . . . e já agora não mudo ! . . .  
Honrosas convicções, filhas dalgum estudo  
E muitas brancas . . . Mas, enfim, se as loucuras alheias . . .  
Desvairamentos . . . circunstâncias europeias . . .  
Derem de si em conclusão regímen novo,  
Acatarei submisso os ditames do Povo !

Monárquico e leal . . . no entretanto, marquês,  
 Antes de tudo, sou e serei português !!  
 Ao bem da Pátria em caso urgente, em horas críticas  
 Não duvido imolar opiniões políticas !  
 Darei a vida até, quando preciso fôr !!

CIGANUS :

El rei que chega . . .

MAGNUS, *curvando-se* :

Meu Senhor !

CIGANUS :

Meu Senhor !

OPIPARUS :

Meu Senhor !

## SCENA II

Os mesmos e o rei

Os três cães acodem festivos ao monarca.

O REI, *sombrio e melancólico, repelindo os cães :*

Que noite !

CIGANUS :

Vendaval furioso !

OPIPARUS :

Noite rara  
Para uma ceia de champagne e mulher cara . . .

O REI :

Faz-me nervoso a noite . . .

MAGNUS :

É da atmosfera espessa . . .  
Eléctrica . . . Atordôa e desvaira a cabeça . . .

O REI, *apontando o pergaminho* :

O tratado ?

CIGANUS :

O tratado.

MAGNUS :

Um pouco duro . . . El-rei . . .

O REI, *indiferente* :

Seja o que fôr . . . seja o que fôr . . . assinarei . . .

Vai ao balcão, ficando abstracto, a olhar a noite.

MAGNUS :

Não há duvida ; el-rei anda enfêrmo . . . é evidente . . .

OPIPARUS :

Galhofeiro, jovial, bom humor permanente,  
Scéptico, dando ao demo as paixões e a tristeza,  
Çaçador, toireador, conviva heróico à mesa . . .

Pobre do rei . . . quem o diria ! . . . que mudança !  
Oxalá que a loucura, a vir, lhe venha mansa . . .

CIGANUS :

O ratão do cronista é que o tem posto assim,  
Com mistérios em grego e aranzeis em latim . . .

Trovão formidável.

O REI, *voltando do balcão* :

Que noite !

MAGNUS :

Uma trovoadá enorme ! . . . Causa horror ! . . .

Ciganus desdobra o pergaminho e vai ler o tratado.

O REI :

Leitura inútil . . . Deixa lá . . . Seja o que fôr . . .  
Seja o que fôr . . . adeus ! . . . assinarei . . .

CIGANUS :

Perfeito.

Não há balas ? Resignação ; não há direito.  
Se entra no Tejo de surprêsa um coiraçado,  
Quem vai metê-lo ao fundo, quem ? A nau do Estado  
Com bispos, generais, bachareis, amanuenses,  
Pianos, pulgas, mangas d'alpaca e mais pertences ?  
A esquadra ? vai a esquadra real, um meio cento  
De alcatruzes, bidés e banheiras d'assento ?  
Sacrificar a vida à honra ? Acho coragem,  
Mas a honra sem vida é de pouca vantagem ;  
Não se goza, não vale a pena. A vida é boa . . .  
Defendamos a vida . . . e salvemos a C'roa.

MAGNUS, *eloqüente* :

E salvemos a C'roa ! A vida eu da-la-ia  
Pela honra da Pátria e pela Monarquia !  
Somos filhos de heróis ! mas nesta conjuntura  
A resistência é um crime grave, uma loucura !  
Um país decadente, isolado da Europa,  
Sem recursos alguns, sem marinha e sem tropa,  
Tendo no flanco, àlerta, o velho leão de Espanha,  
Arrojar doidamente a luva à Gran-Bretanha,  
Oh, pelo amor de Deus ! digam-me lá quem há-de  
Assumir uma tal responsabilidade ? ! ! . . .

A pátria de Albuquerque, a pátria de Camões  
Abolida era enfim do mapa das nações !  
Guardemos nobremente uma attitude calma !  
Recolhamos a dôr ao íntimo da alma,  
E o castigo do insulto, o prazer da vingança  
A nossos netos o leguemos, como herança !  
Que Deus há-de punir (é justiceiro e é bom)  
A moderna Cartago, a triunfante Albion !  
Saiba, porém, El-rei que o brio português  
O defendemos nós ante o leopardo inglês,  
À fôrça de critério e sisuda energia,  
No campo do direito e da diplomacia !  
Com as Instituições por norte e por escudo,  
Fizemos tudo quanto era possível ! — tudo !!

OPIPARUS, *ao rei, galhofando :*

Quer o duque dizer que ambiciona o colar  
Do Elefante Vermelho e do Pavão Solar . . .

MAGNUS, *com indignação e nobreza :*

Não requeiro mercê tão grandiosa e tão alta,  
Conquanto seja ela a que ainda me falta.  
O Elefante e o Pavão ! Um colar e uma cruz  
A que sòmente os reis e os príncipes tem jus !.

Não ousou . . . Mas, se um dia a gran munificência  
Da C'roa houver por bem, (florão duma existência !)  
Conceder-ma ! . . . . .  
Que, deixem-mo explicar : eu, medalhas e fitas,  
Não é por ser vaidoso ou por serem bonitas,  
Que as ostento . . . Plebeu nasci, de bom quilate . . .  
Não o escondo a ninguém : meu pai era alfaiate.  
Ora, num peito humilde e franco uma medalha,  
Como que atesta e diz ao homem que trabalha,  
Ao povo que moireja em seu officio duro,  
Que hoje na monarchia é dado ao mais obscuro  
Guindar-se à posição mais alta e mais egrégia,  
Por direito, — que é nosso ! e por mercê, — que é régia !  
Escritura de luz que em vivo amplexo abarca  
O Povo e a Sob'rania augusta do Monarca !

CIGANUS :

Meu caro duque, muito bem . . . Vamos agora,  
Resolvida a questão, assinar sem demora  
O pergaminho . . .

O REI :

Assinarei . . . Deixem ficar . . .

CIGANUS :

E enquanto às convulsões do leão popular,  
Como diria o nobre duque, afoitamente  
Respondo pelo bicho : um cão ladrando à gente :  
Dobrei guardas, minei as pontes à cautela,  
E fica a artilharia em volta à cidadela.  
Não há p' rigo nenhum. Durma el-rei sem temor.  
Boa noite, Senhor . . .

MAGNUS, *curvando-se até ao chão* :

Meu-senhor !

OPIPARUS :

Meu Senhor . . .

Saem os três.

MAGNUS, *vai pensando* :

Ora, se o filho do alfaiate qualquer dia  
Inaugurava ainda a quinta dinastia ! . . .  
Eu sentado no trono ! . . . Eu rei de Portugal ! ! . . .  
Que, rei ou presidente, enfim é tudo igual . . .

Muita finura agora e muita vigilância,  
Observando e aguardando as coisas a distância! . . .  
Magnus! lume no olho e não te prejudiques . . .  
Eu suceder, caramba! a D. Afonso Henriques!! . . .

### SCENA III

O rei, só

O temporal aumenta. Relâmpagos e trovões.

O REI :

Não me lembra de ver uma tormenta assim! . . .  
Que demónio de noite! . . . Ando fóra de mim,  
Desvairado . . . Um veneno oculto me afogueia,  
Que há três dias que trago uma cabeça alheia  
Nestes ombros . . . Que inferno! . . . É esquisito . . . é esquisito! . . .  
Foi beberagem má . . . droga horrenda . . . acredito!  
Uns vágados de louco, um frenesim medonho . . .  
Sonharei, porventura, e será tudo um sonho?! . . .  
Acordado ando eu, acordado a valer,  
Que há três noites não pude ainda adormecer! . . .

Peçonha ? . . . não ! . . . A causa disto . . . a causa é o doido,  
O raio do fantasma, êsse maldito doido  
Que me persegue ! . . . tenho mêdo . . . e vergonha em dizê-lo ! . . .  
E depois o cronista-mór, um pesadelo  
Ambulante, um maluco agoireiro e scismático,  
Com aquelas visões estranhas de lunático,  
Faz-me mal . . . faz-me mal . . . Que o leve o diabo . . . O certo  
É que há dentro de mim desarranjo encoberto . . .  
Uma insónia danada . . . um nervoso . . . um fastio . . .  
Misantropia tal que não bebo, nem rio,  
Nem de toiros me lembro enfim, nem de ir à caça !  
Mau sangue . . . Árvore má . . . Podre . . . podre . . . É de raça ! . . .

UMA VOZ TRÁGICA, *na escuridão* :

Ai, na batalha destroçado,  
Ai, na batalha destroçado,  
Rôta a armadura, ensanguentado,  
Debaixo duma arvore funesta  
Fui-me deitar, fui-me deitar . . . dormir a sésta . . .  
Fui-me deitar . . . dormi . . . dormi . . .  
Endoudeci, enlouqueci  
Debaixo duma árvore funesta ! . . .

Uivam os cães, espavoridos e furiosos.

O REI :

O doido ! o doido ! o doido ! . . . Há três noites a fio  
Que êste vólho alienado, horroroso e sombrio,  
À volta do palácio, ave negra d'azar,  
Anda a cantar ! . . . anda a cantar ! . . . anda a cantar ! . . .

Indo ao balcão :

Ei-lo !

(Ao clarão dum relâmpago, destaca-se, de súbito, fronteiro ao castelo o vulto trágico do doido. Um gigante. Rôto, cadavérico, longa barba esqualida, olhos profundos de alucinado, agitando no ar um bordão em culos de agoiro, cabalísticos. O manto esvoaçalhe tu ltuoso, restos duma bandeira vélha ou dum sudário).

Morro de mêdo ! . . . Há não sei que de extravagante,  
De inquietador, na voz, nas feições, no semblante  
Dêste doido . . . Será um doido porventura ? . . .  
Mal a sua voz acorda, rouca, a noite escura,  
Logo os cães a ladrar, a ladrar e a gemer,  
Como se entrasse a morte aqui sem eu a ver ! . . .  
Que raio de fantasma ! . . . É coisa de bruxedo . . .  
Não ando em mim . . . não ando bom, tremo de mêdo . . .  
Esquisito ! . . .

Sentando-se ao fogão :

Ora adeus ! É do tempo . . . é da lua . . .  
Nervoso . . . Passa . . . Mas, se o diabo continua  
Com as trovas de agoiro, eu forneço-lhe o mote,  
Mandando-o escorraçar a cacete e a chicote.

Vendo o pergaminho sôbre a mesa :

O tratado . . . Uma léria . . . Enfastia-me já . . .  
Mais preto menos preto, a mim que se me dá ? !  
Por via agora duma horrenda pretalhada  
Mil barafundas e alvorotos . . . Que maçada !  
Que maçada ! . . . Fazem-me doido, não resisto . . .

Desenrolando o pergaminho :

É assiná-lo, e pronto ! acabemos com isto !

Lendo alto

« Eu, rei de Portugal, súbdito inglês, declaro  
« Que à nobre Imperatriz das Índias e ao preclaro  
« Lord Salisbury entrego os restos duma herança  
« Que dum povo ficou à casa de Bragança,  
« Dando-me, em volta, a mim e ao príncipe da Beira  
« A desonra, a abjecção, o trono . . . e a Jarreteira. »

Cáspite ! um pouco forte . . . Ora adeus ! . . . uma história . . .  
Chalaças . . . Devo a c'roa à rainha Vitória !

O DOIDO, *na escuridão* :

Tive castelos, fortalezas pelo mundo . . .  
Não tenho casa, não tenho pão ! . . .  
Tive navios . . . milhões de frotas . . . Mar profundo,  
Onde é que estão ? . . . onde é que estão ? ! . . .  
Tive uma espada . . . Ah, como um raio, ardia, ardia  
Na minha mão ! . . .  
Quem ma levou ? quem ma trocou, quando eu dormia,  
Por um bordão ? ! . . .  
E tive um nome . . . um nome grande . . . e clamo e clamo,  
Que expiação !  
A perguntar, a perguntar como me chamo ! . . .  
Como me chamo ? Como me chamo ? . . .  
Ai ! não me lembro ! . . . perdi o nome na escuridão ! . . .

O REI, *desvairado, erguendo-se* :

O doido ! . . . Aquela voz de fantasma titânico  
Gela-me o sangue e petrifica-me de pânico !  
Porque ? . . . Ignoro . . . O mesmo instinto singular,  
Que faz ladrar os cães, mal o ouvem cantar . . .

Parece-me um algoz, um carrasco sangrento  
 D'além campa, a marchar no escuro a passo lento,  
 Direito a mim ! . . . Lá vem ! . . . lá vem vindo . . . não tarda ! . . .  
 Quem me defende ? . . . a minha côrte ? a minha guarda ?  
 A minha guarda ! . . . a minha côrte ! . . . Ah, bons amigos,  
 Como hei-de crer em saltimbancos e em mendigos,

Sentando-se ao fogão, junto dos cães :

Se nem mesmo nos cães tenho confiança já ! . . .

Os três cães, agachando-se-lhe aos pés, acariciam-no e lambem-no.

O REI, *enxotando Iago bruscamente* :

Iago . . . Iago . . . Então . . . basta de festas, vá ! . . .  
 Safado ! cachorro imundo ! . . . Olhem o odre  
 De gordura, já meio leso e meio podre !  
 Biltre ! À fôrça de comesainas e de enchentes  
 Emprenhou-te a barriga e caíram-te os dentes !  
 As unhas foi meu pai quem tas cortou de vez . . .  
 Já não és cão . . . és porco ; e inda em porco és má rês !  
 E lembrar-me eu de o ver, canzarrão duro e bruto,  
 O ventre magro, o olhar em sangue, o pêlo hirsuto,  
 Capaz de trincar ferro e mastigar cascalho ! . . .  
 E ei-lo agora : poltrão ! ventrudo-mór ! bandalho !

Iago redobra de festas. O rei dá-lhe um pontapé.

O bandalho ! o bandalho ! . . .

E êste Judas esperto,

Êste Judas, filho de lôba e cão incerto ! . . .

Um chagal remeloso e sarnento e pelado,

Todo carcunda, esguio e vêsgo, a olhar de lado ! . . .

E acredita, o pandilha sorna, o safardana,

Sempre a beijar-me os pés, sempre a tossir de esgana,

Que me ilude ! . . . Cachorro ! . . . Ora diz lá, meu traste :

Por quanto hás-de vender El-rei ? já calculaste ? . . .

E um Veneno, que é tão pequeno e que é tão mau !

Fraldiqueiro e feroz, pulgasita e lacrau !

Com ganas de trincar a humanidade inteira,

Vai trincando pasteis e barrigas de freira . . .

Erguendo-se :

E são três cães, três cães ! Iago, Judas, Veneno,

Um odre imundo, um chagal torto e um rato obsceno,

O meu amparo ! Que vergonha ! . . . Ao que eu cheguei ! . . .

Três podengos de esquina a tutelar um rei !

Mas, que demónio ! sou injusto . . . a verdade, a verdade

É que guardam o prédio e fazem-me a vontade . . .

Por amor à ração e não amor ao dono ?

Inda bem . . . inda bem . . . tem de salvar o trono,

Se quiserem jantar . . . perdida a monarquia,  
Adeus o regabofe e adeus a conesia !  
Por isso estão, como dragões, de sentinela  
Junto do rei, junto da copa e da gamela.  
Defendem-me. E eu ainda os insulto ! . . . coitados !  
Mandriões e glutões, gostam de bons bocados . . .  
Também eu . . . Porque os hei-de, afinal, descompor ?  
É da bÍlis, da inquietação, do mau humor  
Em que eu ando . . . Nem sei . . . que demónio ! foi praga . . .  
Raios partam o doido e essa abantesma aziaga  
Do cronista ! . . . Não há que ver, fazem-me tonto ! . . .

Vendo o pergaminho :

Mais esta geringonça inda por cima !

Indo a assinar :

Pronto !

Ô DOIDO, *na escuridão* :

Ai, a minh'alma anda perdida, anda perdida  
Ou pela terra, ou pelo ar ou pelo mar . . .

Ai não sei dela . . . ai não sei dela . . . anda perdida,  
E eu há mil anos correndo o mundo sem na encontrar ! . . .  
Pergunto às ondas, dizem-me as ondas :  
— Pergunta ao luar . . . —  
E a lua triste, branca e gelada,  
Não me diz nada . . . não me diz nada . . .  
Põe-se a chorar !  
Pergunto aos lobos, pergunto aos ninhos,  
E nem as feras, nem os passarinhos  
Me dizem onde habita, em que lugar ! . . .  
Sangram-me os pés das fragas dos caminhos . . .  
Não tenho alma, não tenho pátria, não tenho lar ! . . .  
Ai, quanta vez ! ai, quanta vez !  
Não passará talvez  
A minh' alma por mim sem me falar !  
Quem reconhece o cavaleiro antigo  
Neste mendigo  
Rôto e doido . . . quem há-de adivinhar ? ! . . .  
Adivinhava ela . . . adivinhava ! . . .  
O cão no escuro, pela serra brava,  
Não vai direito ao dono a farejar ?  
Adivinhava . . . É que está presa . . . é que está presa !  
Ontem sonhei . . . (lembro-me agora !) que está presa  
Naquela bruta fortaleza,  
Numa cova sem luz, num buracô sem ar,  
É que os carrascos esta noite, de surpresa,  
A vão matar ! a vão matar ! a vão matar ! . . .

.....

Por isso o mar anda a rezar ! . . .  
Por isso a lua desmaiada,  
Sem dizer nada . . . sem dizer nada . . .  
A olhar p'ra mim, branca de dor, fica a chorar ! . . .

Ribombam trovões, fusilam relâmpagos. Os cães, espavoridos, ululam sinistramente.

O REI, *alucinado, clamando* :

É demais ! é demais ! . . . Põe-me o caco do avesso ! . . .  
Um frenesim . . . Que fúria ! . . . irrita-me . . . endoideço . . .  
E anda às soltas êste ladrão dêste espantalho ! . . .  
Eu já o ensino, já o arranjo . . . um bom vergalho . . .  
Marquês ! marquês ! marquês !

---

## SCENA IV

O rei, Opiparus e Ciganus, acudindo

OPIPARUS :

Meu Senhor ! . . .

CIGANUS :

Meu Senhor ! . . .

O REI, *alucinado* :

Vão-no prender ! . . . vão-no prender ! . . . Um salteador . . .  
Tragam-mo aqui aos pés, de rastros, maniatado ! . . .  
Tragam-no aqui ! . . .

OPIPARUS, *à parte* :

El-rei endoideceu, coitado !

CIGANUS :

Meu Senhor ! meu Senhor ! que indignação ! . . . Dizei,  
Alguém desacatou a pessoa d'el-rei,  
Por acaso ?

O REI :

Um fantasma louco entre o arvoredado . . .

OPIPARUS :

Um fantasma ? ! . . . Ilusão . . . O ar atordôa ! . . .

CIGANUS

Mêdo

De que ? de agoiros infantis, de sonhos vagos ?  
Com ministros leais e escudeiros bem pagos,  
Que teme el-rei ? ! . . .

O REI :

Não foi vertigem, não foi sonho . . .  
Um brutamontes alienado, um gigante medonho  
Que me não deixa . . . Quero vê-lo . . . Ide prendê-lo . . . andai . . .

CIGANUS :

Mas que fantasma é êsse aterrador ?

O REI, *levando-os ao balcão e apontando:*

Olhai !

Além ! . . . além ! . . . além ! . . .

CIGANUS :

Strambótica figura ! . . .

É singular . . . é singular . . .

OPIPARUS :

Crime ou loucura . . .

Por certo um dóido . . .

O REI :

Há já três noites, sem descanso,

Uivando loas sôbre loas . . .

OPIPARUS :

Dóido manso . . .

---

O REI :

Ide prendê-lo ! . . . amordaçai-o, maniatai-o !  
Não me larga esta insónia há três noites ! . . . Um raio  
Dum profeta a grunhir cantochões de defuntos ! . . .  
Boa carga de pau . . . bom marmeleiro aos untos . . .  
Mas vejam lá que o diabo às vezes, com a telha,  
Não arme algum chinfrim . . . Peguem-no de cernelha !

---

## SCENA V

O rei, inquieto, preocupado, senta-se ao fogão. Os cães  
abeiram-se, uivando medrosos. Redobra a tormenta.  
Pestanejam, contínuos, relâmpagos formidáveis.

O DOIDO, *no escuro, em voz plangente de embalar crianças :*

Os vivos tem mêdo . . . mortos,  
Que andam de noite ao luar . . .  
Fantasmas de mortos  
São enganados mortos . . .  
Deixem-nos andar . . . deixem-nos andar ! . . .

---

Os vivos tem mêdo aos mortos,  
Que andam sonhando a penar . . .  
Quimeras de mortos  
São desejos mortos  
Deixem-nos sonhar . . . deixem-nos sonhar ! . . .

Os vivos tem mêdo aos mortos,  
Que andam cantando a chorar . . .  
As canções dos mortos  
São suspiros mortos . . .  
Deixem-nos cantar . . . deixem-nos cantar ! . . .

O REI :

O doido ! o doido ! o doido !

A MESMA VOZ, *na escuridão* :

Não lhes tenham mêdo . . . deixem-nos cantar . . .

---

## SCENA VI

Entram Ciganus e Opiparus acompanhando o fantasma, em meio de escudeiros armados e com archotes. O doido aparece tal qual o descrevemos : enorme, cada-vérico, envolto em farrapos, as longas barbas brancas flutuando. Numa das mãos o bordão. Na outra um vé-lho livro em pedaços. Lembra um doido é um profeta, D. Quixote e o rei Lear. O olhar, cavo e misterioso, é de sonâmbulo e de vidente. O rei empalidece como um sudário. Os cães ululam, furiosos e trémulos.

CIGANUS :

Eis o doido . . . É curioso êste Matusalem . . .  
 Como se chama ? onde nasceu ? de onde vem ?  
 Ignora tudo . . . Canta e soluça . . .

OPIPARUS :

De resto,  
 Não tem fúrias, nem anda armado : um doido honesto.

O REI :

Que estafermo ! . . . que monstro ! . . . Um espião talvez . . .

OPIPARUS :

Deixou-se maniatar, prender, qual uma rês  
 Submissa . . . Não, um doido . . .

CIGANUS :

Um doido extravagante . . .

Quem és ? Despacha a língua . . . olha que estás diante  
D'el-rei . . . Diz o teu nome . . .

OPIPARUS :

O teu nome, vilão !

O DOIDO, *absorto* :

Como me chamo . . . como me chamo ? . . .

Ai ! não me lembro . . . perdi o nome na escuridão . . .

CIGANUS :

Sempre a mesma resposta inalterável . . .

O REI :

Diz

De onde vens ? onde nascente ? em que país ?

Nada temas . . . El-rei é bom, podes falar . . .

O DOIDO, *sonâmbulo* :

Não tenho alma . . . não tenho pátria . . . não tenho lar . . .

O REI :

Traz um livro na mão, reparaí . . .

CIGANUS, *tomando o volume, que o doido entrega, pezaroso* :

Deixa ver . . .

Deixa-mo ver . . . um livro antigo . . . Sabes ler ?

Tu sabes ler ?

OPIPARUS :

Anda, responde, não te encolhas . . .

CIGANUS, *abrindo o livro* :

Nem princípio, nem fim ; trapos tôdas as fôlhas.

Folheando e lendo :

« *Esta é a ditosa pátria minha amada . . .*

.....

« *Alguns traidores houve algumas vezes . . .*

.....  
« *Porque essas honras vãs, êsse oiro puro*

« *Verdadeiro valor não dão . . .*

.....  
« *A que novos desastres determinas*

« *De levar êstes reinos, esta gente ? . . .*

.....  
« *. . . . . apagada e vil tristeza . . .*

O REI :

Parece verso . . .

CIGANUS, *restituindo o livro :*

Um alfarrábio fedorento,

Coisa de prègador, talvez . . . cheira a convento . . .

CIGANUS :

Quem sabe se algum vélho ermitão alienado,

Dêsses que vivem sós, longe do povoado,

Em ermos alcantis ou cavernas de fera . . .

OPIPARUS :

Onde dormes ?

O DOIDO :

Dormir ! . . . dormir ! . . . Oh, quem me dera  
Dormir ! . . . Oh, quem me dera esta cabeça vaga,  
Esta cabeça tonta, arrimá-la a uma fraga  
E quedar-me p'ra sempre esquecido no chão ! . . .  
E os mortos dormem . . . e eu morri . . . então . . . então  
Porque não durmo ? ! . . .

Vagueando os olhos esgazeados pelos retratos da dinastia  
de Bragança, e como que recordando-se gradual-  
mente, em sonho, dum escuro passado, abolido e lon-  
gínquo :

Olha os bandidos . . . os traidores ! . . .  
Bem nos conheço ! . . . fôram êles . . . subtilmente

Rosnam os cães, enfurecidos.

Com drogas más e com venenos de serpente,  
Sem eu saber, de noite e dia, a pouco a pouco,  
Me levaram a alma e me tornaram louco . . .  
Enlouqueceram-me, endoidaram-me os bandidos ! . . .  
A minha alma ! . . . a minha alma ! . . . Ouço gemidos . . .

São talvez dela . . . tem-na aqui encarcerada . . .

Onde estás, onde estás, alma desamparada ? ! . . .

Grita por mim ! . . . onde é que estás ? ! . . . Ai, quero enfim

Ver-te comigo . . . Onde é que estás ? ! . . .

Os cães, truculentos, investem com êle. Resignado e  
com desprezo :

Ah, cães danados . . . cães d'el-rei . . . mordei, mordei

Êste corpo sem alma ! . . . Ah fôsse outrora . . . outrora ! . . .

E ai dos cachorros e do dono ! . . . Assim . . . agora . . .

Mordei, mordei, ladrai, despedaçai sem p'rigo

A minha carne e os meus andrajos de mendigo ! . . .

CIGANUS :

Coitado ! um noitibó maluco e mansarrão . . .

OPIPARUS :

Delírio de tristeza e de perseguição . . .

O REI :

Astrologus talvez o conheça . . .

CIGANUS :

O farçante !

Prêgador, impostor, mágico, nigromante,

Meio raposa e meio c'ruja . . .

O REI :

É tal e qual . . . perfeito . . .

Mas o demónio do mostrengo tem seu geito

Para enigmas . . . Quem sabe ! . . . Ide-o chamar . . . talvez . . .

---

## SCENA VII

Opiparus vai em procura do cronista. O doido, sonâmbulo, vagueia em tórno do salão, contemplando os retratos. O rei ao lume, junto dós cães, segue-o com os olhos.

CIGANUS, *meditando* :

Bem complicado êste cronista ! . . . Quem o fez

Teve artes de engendrar singular criatura,

Contraditória, ondeante, incerta, ambígua, obscura . . .

Há duas almas no mostrengo : a que architecta

Quimeras vãs e sonhos vãos, a do poeta



O DOIDO, *absorto* :

Fantasmas de mortos

São enganos mortos . . .

Não lhes tenham mêdo . . . deixem-nos sonhar . . .

---

## SCENA VIII

Entram *Opiparus* e *Astrologus*.

O REI, *ao cronista-mór* :

Conheces porventura

Êste doido ?

ASTROLOGUS :

Conheço.

O REI :

É doido ?

ASTROLOGUS :

Na figura,  
Na voz, no olhar, em tudo o podeis ler, Senhor.

O REI :

E como endoideceu ?

ASTROLOGUS :

De miséria e de dôr.

O REI :

Há muito ?

ASTROLOGUS :

Vai fazer três séculos . . .

CIGANUS :

A vista  
Do espantalho endojou a mioleira ao cronista . . .

O REI :

Três séculos ! . . . caramba ! então que idade tem ?  
Mil anos ? . . .

ASTROLOGUS :

Quási . . .

OPIPARUS :

Pronto ! endoideceu também !

ASTROLOGUS :

A mil não chega ainda ; oitocentos . . .

CIGANUS :

Coitado !

Endoideceu ! doido varrido e confirmado !

O REI :

Gracejas ? . . .

## ASTROLOGUS :

Não perdi a razão, nem gracejo : . . .

Acaso, meu senhor, não vedes, como eu vejo,  
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadário,  
O quer que seja de extra-humano e de lendário ?  
Maior que nós, simples mortais, êste gigante  
Foi da glória dum povo o semideus radiante.  
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,  
Seu torrão dilatou, inóspito montado,  
Numa pátria . . . e que pátria ! a mais formosa e linda  
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda !  
Campos claros de milho moço e trigo loiro,  
Hortas a rir, vergeis noivando em frutos d'oiro,  
Trilos de rouxinóis, revoadas de andorinhas,  
Nos vinhedos pombais, nos montes ermidinhas,  
Gados nédios, colinas brancas, olorosas,  
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,  
Selvas fundas, névados píncaros, outeiros  
D'olivais, por nogais frautas de pegureiros,  
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,  
Eiras de sonho, grutas de génios e de fadas,  
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,  
E entre a harmonia virgiliana um povo rude,  
Um povo montanhês e heróico à beira-mar,  
Sob a graça de Deus, a cantar e a lavrar !  
Pátria feita lavrando e batalhando : Aldeias  
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.

Cada vila um castelo. As cidades defesas  
Por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas.  
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,  
Grimpas de catedrais, zimbórios de convento,  
Campanários de igreja humilde, erguendo à luz,  
Num abraço infinito, os dois braços da cruz !  
E êle, o herói imortal duma empresa tamanha,  
Em seu tuguriozinho alegre na montanha  
Simples vivia, — paz grandiosa, augusta e mansa,  
Sob o burel o arnês, junto do arado a lança.  
Ao pálido esplendor do ocaso na arribana,  
Di-lo-íeis, sentado à porta da choupana,  
Ermitão misterioso, extático vidente,  
Olhos no mar, a olhar sonambólicamente . . .

— « Águas sem fim ! ondas sem fim ! . . . Que mundos novos

« De estranhas plantas e animais, de estranhos povos,

« Ilhas verdes além . . . para além dessa bruma,

« Diademadas de aurora, embaladas de espuma ! . . .

« Oh, quem fôra, através de ventos e procelas,

« Numa barca ligeira, ao vento abrindo as velas,

« A demandar as ilhas d'oiro fulgurantes,

« Onde sonham anões, onde vivem gigantes,

« Onde há topázios e esmeraldas a granel,

« Noites de Olimpo e beijos d'âmbar e de mel ! »

E scismava e scismava . . . As nuvens eram frotas

Navegando em silêncio a paragens ignotas . . .

— « Ir com elas . . . fugir . . . fugir ! . . . » — Ûa manhã,

Louco, machado em punho, a golpes de titã

Abateu impiedoso o roble familiar,  
Há mil anos guardando o colmo do seu lar.  
Fez do tronco num dia uma barca veleira,  
Um anjo à proa, a cruz de Cristo na bandeira . . .  
Manhã d'heróis . . . levantou ferro . . . e, visionário,  
Sôbre as águas de Deus foi cumprir seu fadário.  
Multidões acudindo ululavam de espanto.  
Vélhos de barbas centenárias, rosto em pranto,  
Braços hirtos de dor, chamavam-no . . . Jâmais !  
Não voltaria mais ! . . . oh, jâmais . . . nunca mais ! . . .  
E a barquinha, galgando a vastidão imensa,  
Ia como encantada e levada suspensa  
Para a quimera astral, a músicas de Orfeus . . .  
O seu rumo era a luz, seu piloto era Deus !  
Anos depois volvia à mesma praia enfim,  
Uma galera d'ouro e ébano e marfim,  
Atulhando, a estoirar, o profundo porão  
Diamantes de Golconda e rubins de Ceilão.  
Naiades e tritões e ninfas, ao de leve,  
Moviam-na a cantar sôbre espáduas de neve.  
No estandarte uma cruz espartelando a esfera ;  
E Vénus, voluptuosa, à proa da galera  
Com o anjo cristão, virgem risonha e nua,  
A mamar alvorada em seus peitos de lua ! . . .  
O argonauta imortal, quimérico gigante,  
Voltava dos confins da epepeia radiante,  
Extasiados ainda os olhos vagabundos  
D'astros de novos céus, floras de novos mundos !

Epopeia inaudita ! Herói, êle a viveu,  
Sonhador, a cantou : Éschilo e Prometeu !  
Inda em hinos de bronze, em estrofes marmóreas  
Vibra eterno o clangor dessas passadas glórias . . .  
Mas a glória entontece e mata . . . Deslumbrado,  
Trocou por armas d'oiro as armas de soldado,  
Vestiu veludo e sêda e lhamas rutilantes,  
Estrelou de rubins, aljófares, diamantes  
Sua espada de côrte e seu gibão de gala,  
E, em vez do catre duro e pão negro de rala,  
As molesas do Oriente e as orgias faustosas,  
Com baixelas d'Olimpo e emanações de rosas . . .  
Perdida a antiga fé, morta a virtude antiga,  
Seu ânimo d'herói, caldeado na fadiga  
De mil empresas, mil combates de titãs,  
Domaram-no por fim braços de cortesãs.  
Com o ferro vencera o oiro ; em desagravo,  
O oiro, que é mau, venceu-o a êle, tornando-o escravo.  
Ingrato abandonara o teto paternal,  
Em cuja mesa à ceia aldeã, herói frugal,  
Eram de sua estreme e rústica lavoira  
O pão moreno, o vinho claro e a fruta loira.  
Deixou morrer o armento ; e campos e vinhedos  
Cobriram-se de tojo, urtigas e silvedos.  
Em seus castelos e palácios rendilhados,  
Sôbre leitos de arminho e veludo e brocados,

Entre beijos de harem e pompas de rajá,  
Desfalecera o vólho herói, caduco já.  
Mas era bravo ainda, e por vezes nas veias,  
Acordava-lhe o sangue, alvorando epopeias . . .  
Num ímpeto de febre, aceso, arrebatado  
Na visão deslumbrante e fulva do passado,  
Ergueu-se um dia, louco e triste, alma quimérica,  
Olhos em brasa a arder na face cadavérica . . .  
Aparelhou galeões, velas brancas arfantes,  
Cavaleiros aos mil, juvenis e brilhantes,  
Galopando a cantar, descuidados e ledos  
Lanças na mão, a pluma ao vento, aneis nos dedos,  
Cada bôca uma flor, cada arma um tesoiro,  
Rodelas d'oiro, arnezes d'oiro, espadas d'oiro,  
Pedrarias astrais em setins e em veludos,  
Drapejar de pendões, reverberes de escudos,  
E as trombêtas varando o céu leve de anil  
Co' o estridente clangor do seu furor febril !  
E, olhos em brasa a arder na face cadavérica,  
Lá partiu, lá partiu, alma errante e quimérica,  
À epopeia da glória, ao sonho aventureiro,  
Ao sonho lindo . . . oh, sonho triste e derradeiro ! . . .  
Num mar d'areia, fogo em pó turbilhonando,  
Sob o vitríolo da luz redardejando,  
Entre as carnagens do combate desvairado,  
Já trucidado, espostejado, aniquilado  
Seu exército louco, — oh sonho louco e vão ! —  
O calmo herói, noite no olhar, gládio na mão,

Negro de fumo e pó, rubro de chama e sangue,  
Os ilhais estoirando ao seu corcel exangue,  
Arrojou-se, como um destino, erecto e forte,  
À sangrenta hecatombe, à paz de Deus, à morte !  
E a morte não o quis : exâmine e desfeito,  
De lançadas crivado o arnez, crivado o peito,  
Sob o corcel tombou, por milagre inda vivo !  
Levaram-no depois sem acôrdo e cativo.  
Meio século preso e débil . . . De repente,  
Num assomo de fúria e de cólera ardente,  
Partiu grilhões, abriu o ergástulo fatal  
E voltou livre, livre ! ao seu torrão natal ! . . .  
Mas então. oh tristeza, oh desonra, oh desgraça !  
Feras do mesmo sangue, homens da mesma raça  
Envenenaram-no ! . . .

Iago atira-se furioso ao cronista.

O REI, *dando-lhe um pontapé* :

Silêncio ! deixa ouvir . . .

Tem cada uma êste cronista ! . . .

Iago não obedece. Outro pontapé.

Deixa ouvir !

E quem foi ? . . . e quem foi ? . . .

Rosnam os cães, fusilando os olhos ao cronista.

ASTROLOGUS, *embaraçado e perplexo* :

Quem foi ? . . . Mistério obscuro . . . enigma que se esconde . . .  
Já li sôbre isso, não sei quando, nem sei onde,  
Uma lenda qualquer . . .

Os cães enfurecem-se.

O REI :

Iago ! Judas ! . . . caluda !

ASTROLOGUS :

Mas nesse ponto, meu Senhor, a história . . .

Os cães ameaçam, desvairados.

é muda! . . .

.....  
Envenenaram-no, eis o facto, eis a verdade.  
E às escuras, extinta a mortal claridade,  
Louco autómato errante, alma cega e funérea,  
Veio andando através do tempo e da miséria,

Mendigo como um cão e mártir como um Cristo,  
Até chegar, meu Deus, vergonha eterna ! a isto !! . . .  
Vêde-o bem, vêde-o bem, o rude herói d'outrora :  
Teve o mundo nas mãos, nos olhos d'águia a aurora.  
E hoje, oh destino atroz ! sem amparo e sem lar,  
Tem andrajos no corpo e escuridões no olhar ! . . .  
Não no mandeis prender, eu vo-lo peço e requêiro !  
É inofensivo . . . é manso e bom como um cordeiro . . .  
Causam-vos mêdo, porventura, umas baladas  
Que anda à noite a cantar, canções d'almas penadas ? . . .  
É a doudice, hórrida e má, que tumultua  
Ou nas voltas do tempo ou nas fases da lua . . .  
Não afronta ninguém . . . Deixem-no ir, coitado !  
Deixem-no com seu mal e seu negro cuidado,  
A trovar pelo escuro e a viver pelos montes  
De luz do sol, d'erva do campo e água das fontes . . .  
. . . . .

Trás um livro na mão, reparaí bem, Senhor :  
Um livro usado, um livro gasto e sem valor . . .  
Sem valor ? ! . . . Um tesoiro, uma história de encanto,  
Que êle escreveu com sangue e hoje rega com pranto . . .  
Não a larga da mão, anda-lhe tão afeito,  
Que até dorme com ela escondida no peito . . .  
Mas que miséria a sua e que destino o seu !  
Quer ler . . . e não soletra o livro que escreveu !  
Muitas vezes de tarde encontro-o a meditar  
Sôbre rocha escarpada e nua à beira-mar . . .

Pega no livro então, abre-o sôfregamente,  
 E fica olhando, olhando, atónito e demente,  
 A epopeia d'outrora, a bíblia do passado,  
 Que lágrimas de fogo em sec'los tem queimado . . .  
 Mas ai ! que serve olhar, se os olhos são janelas,  
 E se a alma é quem vê, quem espreita por elas ! . . .  
 Fica a olhar . . . fica a olhar, hesitante e perplexo,  
 Balbucia, articula umas coisas sem nexo,  
 E, por fim, taciturno e torvo, aniquilado,  
 Como quem vislumbreia, horror !, o seu estado,  
 Fita as nuvens do azul . . . fita as ondas do mar . . .  
 E desata, em silêncio, a chorar ! . . . a chorar ! . . .  
 E depois vem a noite . . . e ali dorme ao relento,  
 Desamparado, abandonado, ao frio, ao vento,  
 Té que algum pescador, de manhã, pela mão  
 O recolha ao seu lar e lle dê do seu pão ! . . .  
 . . . . .

## CIGANUS :

Bem o dizia eu . . . bem o dizia eu  
 Êste cronista não regula . . . endoideceu !  
 Que histórias que êle inventa, o mágico ! . . .

## OPIPARUS :

Perlendas  
 De visionário tonto, inquiridor de lendas . . .

Vagueiam-lhe no caco obscuro, entre miasmas,  
Lemures, avejões, duendes, monstros, fantasmas . . .

CIGANUS :

E no entanto calcula e discorre direito,  
Se lhe cheira a questão de ganância ou proveito . . .

O REI :

Tantas magicações, tanto grego e latim  
Turvaram-lhe a razão, deram com êle assim.  
Pobre cronista ! anda na lua . . . As trapalhadas,  
As pandangas que êle architecta ! . . . E bem armadas !  
Bem armadas ! . . . com certo dedo . . . Francamente,  
Às vezes o ladrão quási embarrila a gente !  
Põe-se-me a fantasiar uns ca os de mistério,  
Com tamanho palavriado e tanto a sério,  
Que fico bêsta ! . . . Ora o ratão ! ora a inzonice !  
Vejam lá, vejam lá, tudo que p'raí dissê !  
Os maranhões, a lenga-lenga, a choradeira  
Sôbre um doido, coitado, a cair de lazeira !

Designando o doido :

Coitado ! meio ñu, faminto, vagabundo,  
De charneca em charneca, aos tombos pelo mundo,

Sem ninguém . . . vê-se bem que esta doida alimária  
É de família pobre, é de gente ordinária.  
E eu com receios e com mêdo ! Visto ao longe,  
Tão alto, um vozeirão, as barbaças de monge,  
Era um horror ! coitado ! um maluco, afinal . . .

Aos guardas :

Deixem-no em liberdade e não lhe façam mal.  
Não o espanquem . . . Ninguém lhe bata . . . ordens severas !  
Ninguém bate num doido ; os doidos não são feras.  
Tratem-no bem . . . com caridade . . . Para a ceia  
Uma côdea de pão e a gamela bem cheia.  
Desgraçado ! E dormir . . . dorme perfeitamente  
Na estrebaria ao pé dos cães : é limpo e é quente.  
Roupa grossa . . . Avisai lá em baixo a canalha . . .  
Duas mantas de lã e três feixes de palha.  
Não se esqueçam ! cumpram as ordens que lhes dei !

ASTROLOGUS, *curvando-se humildemente* :

Oh alma generosa ! Oh magnânimo rei !  
Que agradável não é ser o cronista obscuro,  
De espírito tão alto e coração tão puro !

O doido sai acompanhado dos guardas. Os cães perseguem-no, ladrando, até à porta. Desencadeia-se a tormenta. Raios, trovões, aguaceiros, ventanias lúgubres. O rei e os validos dirigem-se ao balcão. O cronista acaricia os cães, galhofeiramente, sorrindo amável.

O CRONISTA, *afagando Iago* :

Iago, meu bom amor ! faz' as pazes comigo !  
 Sabes quanto te quero e sei que és meu amigo . . .  
 Não te zangues . . . perdão . . . congratemo-nos, vá !  
 O doido foi-se embora e não torna a vir cá . . .  
 Havia de eu perder afeições como a tua,  
 Por causa dum maluco a divagar na lua ? ! . . .  
 Anda, não sejas mau . . . faz' as pazes comigo . . .  
 Meu protector . . . meu defensor . . . meu vélho amigo ! . . .

## Ameigando Judas :

E êste Judas ! . . . tão bom . . . tão leal . . . tão sincero ! . . .  
 Como eu gosto de ti, Judas ! como eu te quero ! . . .

## Pegando no Veneno ao colo :

E meu Veneno ! o meu *bijou* ! a rica prenda ! . . .  
 Que amor de cão ! . . . que perfeição ! . . . Nem de encomenda ! . . .  
 É de apetite o meu Veneno, o meu tesoiro . . .  
 Uma beijoca, vá, no focinhito loiro ! . . .

## Afagando os três cães simultâneamente:

E, para liquidar agravos duma vez,  
 Disponho-me esta noite a cear com-vocês !

O REI, *despedindo o cronista* :

Cronista, vai dormir . . . boa noite . . . Deus queira  
Que o sono te refresque um pouco a maluqueira . . .

O CRONI A *sai, pensando* :

Na batalha da vida evidente se torna  
Que ou havemos de ser martelo ou ser bigorna.  
Conclusão natural do dilema singelo :  
Evitar a bigorna triste . . . é ser martelo.  
Monstruoso, feroz, horrível, mas em suma  
Ponderemos que a vida é curta, — e que há só uma !

---

## SCENA IX

O REI, *sentando-se còmodamente ao fogão* :

Ora do doido estou eu livre ! Agasalhei-o,  
Matei-lhe a fome, e agora quente, o ventre cheio,  
Cama bem farta, vai dormir e repousar,  
E não volta por certo esta noite a cantar . . .

Repótreando-se alegremente:

Uff! sinto-me bem! volto a mim...

Trincando um charuto e voltando-se para Ciganus:

Dá-me lume.

Ia perdendo o vício... É da regra... é o costume...

Em não fumando, mau negócio! ando esquisito...

Pois àmanhã caçada e toirada, 'stá dito!

Hei-de abater, e sem fazer lá grandes fôrças,

Dôze toiros, trezentas lebres e cem corças.

OPIPARUS, *áparte*:

Já mente... Vai melhor!

Tiros ao longe. Clamor distante. Os cães ululam.

O REI, *sobressaltado*:

Ouvi... ouvi!... ouvi!...

Tiros... detonações... é próximo daqui...

Fusilaria!... Ouvi... Que demónio se passa?!...

CIGANUS :

São os guardas d'El-Rei, que andam de noite à caça . . .

O REI :

De noite à caça !

CIGANUS :

Montaria aos lóbos, meu Senhor . . .

O REI :

Dei cabo dum aqui há tempos . . . Que vigor,  
E que tamanho ! Era de noite . . . foi na estrada . . .  
Caíu logo no chão à primeira mòcada !  
Tenho morto dúzias de lóbos e de lóbas,  
Nenhum assim : pesava umas quarenta arrôbas.

OPIPARUS, *á parte* :

Sim senhor, eis El-Rei já no estado normal !

Ouvem-se marteladas cavas e repetidas nos subterrâneos  
profundos do palácio.

## O REI :

Que barulho lá baixo ! . . . Um estrondo infernal  
De marteladas ! . . . Santo Deus ! nem trinta diabos juntos,  
Pregando a tôda a pressa esquifes de defuntos !

OPIPARUS, *rindo* :

Gente carpinteirando em tábuas e barrotes,  
Não para esquifes, meu Senhor ; para caixotes !  
Mande encaixotar (a previdência é boa)  
Os milhões do tesoiro e as baixelas da c'roa.  
E enquanto à c'roa, Senhor meu,  
Ninguém lha roubará, ninguém !, defendo-a eu.  
O trono . . . o que é um trono ? uma simples cadeira  
De veludo já gasto-e de vélha madeira.  
É, pois, minha profunda e sábia opinião  
Deixá-lo ir sem resistência . . . A c'roa, não !  
A c'roa é d'oiro fino, esmeraldas, diamantes,  
Turquezas e rubins . . . (uns dois milhões cantantes !)  
E portanto, Senhor, havemos de levá-la,  
Há-de ir connosco, ao pé de nós, dentro da mala !

CIGANUS, *pensando e rindo* :

C'roa de procissão . . . rica para um andor :  
Pedras falsas ; troquei-lhas eu ; vidros de côr.

OPIPARUS, *continuando* :

E comido o banquete e devorada a presa,  
Bem nos importa a nós erguermo-nos da mesa !  
Partiremos a rir, terminado o *dessert*,  
Levando cada qual na algibeira o talher . . .  
Com três milhões de renda, um pecúlio feliz,  
Grande vida a dum rei destronado em Paris ! . . .

O REI :

É cínico, mas tem pilhéria êste demónio ! . . .

OPIPARUS :

Bom estômago e ventre livre : um património !  
A vida é bôa ou má, faz rir ou faz chorar,  
Conforme a digestão e conforme o jantar.  
Pode crê-lo, Senhor, tôda a filosofia,  
Ou tristonha ou risonha ou alegre ou sombria,  
Deriva em nós, tão orgulhosas criaturas,  
De gastro-intestinais combinações obscuras.

O REI :

E a moral ?

## OPIPARUS :

Rica farça a moral ! Não me ilude.  
 Examinem qualquer vendedor de virtude,  
 Casto como um carvão, magro como um asceta :  
 A abstinência é impotência, o jejum é dieta.  
 O diabo, meu Senhor, já velho e desdentado,  
 Sifilítico, a abanar como um gato pingado,  
 O traseiro sarnoso, em gangrena a medula,  
 Exaurido a chupões de luxúria e de gula,  
 Sentindo-se perdido e rabiando, afinal  
 Quis vingar-se do mundo . . . e inventou a moral !

O REI, *pensando* :

E, se eu ós pontapés desancaße esta corja,  
 Ia às malvas . . . adeus ! tinha banzé na forja ! . . .

Fundeou na praia uma galera de corsários. Desembarcam.

O DOIDO, *na escuridão* :

A lua morta bóia nas nuvens tôda amarela . . .  
 Corvos marinhos, corvos daninhos poisam sôbre ela . . .  
 Tiram-lhe os olhos, comem-lhe a bôca, já com gangrena . . .  
 Astros errantes, agonizantes, choram de pena . . .

Choram de pena, tremem de mágoa, morrem de dôr ...  
Na noite escura canta a Loucura, grita o Pavor ...

Lôbas tinhosas d'olhos d' enxôfre saltam valados ...  
Pobres dos gados ! ... pobres dos gados pelos montados ! ...

O REI :

Olha o doido ! ... Lá torna o doido ... Eu logo vi ...  
Canta p'raí até 'stoirar ... canta p'raí ! ...  
Bom telhudo ! em pelote e com êste nordeste,  
A ladrar cantochões à lua !, ... Que lhe preste !

CIGANUS :

Deixe lá ! faz-lhe bem ... faz-lhe bem ... P'rá mania  
Não há nada melhor do que o vento e água fria.

Rebenta, fora, um grande tumulto. O rei e os validos  
assomam-se ao balcão. Vem debandando, clamorosa,  
a revolta vencida. Soldados, prisioneiros, feridos, mori-  
bundos em macas. Ais de estertor, pragas, vivas avi-  
nhados, gritos de mulheres, choros de crianças. Os cães,  
truculentos, ululam na varanda.

O REI :

Que é isto ? ! ... que estardalhaço ! ... que chinfrineira ! ...

Gritarias . . . um rodilhão . . . Temos asneira . . .  
Temos coisa . . . não há que ver, temo-la armada . . .

CIGANUS, *rindo* :

É a guarda d'El-Rei, de volta da caçada.  
Os monteiros são bons . . . a matilha é valente . . .

OS SOLDADOS, *em clamor* :

Viva El-Rei ! viva El-Rei !

O REI :

Compreendo. Excelente .

Ora que espiga ! por um triz, hã ! por um triz,  
Não vou às malvas ! Ando em sorte ! . . . fui feliz ! . . .  
Iam-me empandeirando ! um cheque e mate ao rei !  
Ora a cáfila ! ora a çambada ! . . . Se eu o sei,  
Com mil bombas ! que os desfazia ! . . . Eu lhes diria !  
Oh, que porradaria ! oh, que porradaria !  
Rebentava-os ! dava-lhes conta do bandulho  
E dos cornos, mas à paulada ! era a 'stadulho !  
Quando o trono cair, sem lenha é que não cai . . .  
Mostarda rija ! O banazola de meu pai

Tinha-os em mau costume . . . Isto agora é p'rigoso . . .  
Aqui há unhas p'ros coser . . . olá, se os coso !

Entra um cavaleiro, portador duma mensagem:

CIGANUS, *depois de a ler :*

Montaria real ! Foi covil por covil :  
Feras mortas oitenta e prisioneiras mil.

O REI :

Dois gajões duma cana ! Obra de lei ! . . . Entrego  
Nas vossas mãos o meu destino, como um cego.  
Marquês, faço-te duque ; e ao ducado acrescento  
Quinze milhões . . . Encaixa a história no orçamento . . .  
Opiparus, a ti, reinadio e marau,  
Pago-te os cães : trezentos contos . . .

OPIPARUS :

Não é mau ;  
Recobendo eu o bôlo e fazendo a partilha ;  
O meu grande credor sou eu. Quanto à matilha,  
Que se esfalfe a ganhar . . . Não me incomoda nada . . .

O REI, *voltando-se para os cães* :

Iago, aboca ! Olha o petisco : uma embaixada !  
Faço-te embaixador ! hãh, que empanzinadelas ! . . .  
Que vidinha ! . . . Um sultão num harem de cadelas ! . . .  
A êste Judas circunspecto que hei-de eu dar ?  
O Conselho d'Estado ; é próprio e é bom lugar.  
Conselheiro, portanto. E o Veneno ? O Veneno,  
Conde e ministro. Um felizardo o meu pequeno !  
Um catita !

Acendendo um charuto e indo à varanda :

Perfeitamente ! Ora Deus queira  
Que abichemos um dia bom p'ra pagodeira !  
Um dia alegre ! O tempo muda . . . ronda ao norte . . .  
Magnífico ! hão-de ver dôze toiros de morte,  
Desembolados ! Inauguro enfim a minha praça :  
Vai o Botas, o Pintassilgo e o Calabaça.

O DOIDO, *na escuridão* :

Ao luzir d'alva semeiei de flores  
Uma encosta deserta ao pé do mar  
Cravos, lírios, jasmins, goivos, amores,  
Açucenas e rosas de tocar.

Ao redor vinha verde e trepadeiras,  
Medronheiros, figueiras, romanzeiras . . .  
Lindo jardim ! Lindo pomar !  
Como no monte não havia fonte,  
Desatei a chorar para o regar . . .  
Depois, oh meus feitiços !  
Enchi de abelhas d'ouro cem cortiços  
E dez pombais com pombas de luar . . .  
Olha o lindo jardim ! . . . olha o lindo pomar ! . . .  
E enxada ao ombro, já raiava a aurora,  
Abalei a cantar ! . . .  
Foi há mil anos . . . Venho mesmo agora  
De ver a linda encosta à beira-mar . . .  
Lindo jardim ! Lindo pomar !  
As açucenas deram-me gangrenas  
E os jasmims podridões a fermentar ! . . .  
Os cravos deram cravos . . . mas de cruzes !  
E as roseiras espinhos de tocar . . .  
Sôbre as ervas no chão crepitam luzes,  
Fogos fátuos de larvas a bailar . . .  
Só dos goivos, Senhor, brotaram goivos,  
Destilando loucura e rosalgar . . .  
Olha o lindo jardim ! olha o lindo pomar !  
Os figos das figueiras são caveiras  
E os medronhos são balas de matar . . .  
Oh, que lindas romãs nas romanzeiras !  
Corações fusilados a sangrar ! . . .  
Inda bem, que em vez d'uvas nas videiras

Há rosários de dor para eu rezar . . .

Olha o lindo jardim ! olha o lindo pomar !

De dentro dos cortiços, que feitiços !

Voam corvos e c'rujas pelo ar . . .

E dos pombais, aos centos,

Nuvens de abutres agoirentos,

Que sôbre as romanzeiras vão poisar ! . . .

Olha o lindo jardim ! olha o lindo pomar !

.....

.....

É de encantar a natureza ! . . . ai que beleza !

Quantas florinhas para a minha mesa ! . . .

Deus, quanta fruta para o meu jantar ! . . .

Lindo jardim . . . lindo pomar ! . . .

---

## SCENA X

OS MESMOS E MAGNUS, *que entra majestoso e solene.*

O REI :

Chega ao calhar . . . Então, meu duque, a trabuzana  
Foi boa . . . Por um triz, iam-nos à pavana !

MAGNUS, *grandioso*

Valeu-lhe, meu Senho , (dôa isto a quem dôa !)  
Haver três homens, como nós, junto da C'roa,  
Para a salvar dum grande abismo ! . . . A situação . . .

O REI :

Ganhou hoje, meu duque, o Elefante e o Pavão.

MAGNUS :

Nem sei como exprimir a Vossa Majestade  
A alegria que sinto ! . . . É de mais ! que bondade !  
A grã-cruz do Pavão ! . . . Nunca o julguei . . . Em suma,  
Feliz ! . . . morro feliz . . . Já não há mais nenhuma !

O REI, a *Ciganus* :

E agora ?

CIGANUS :

Meu Senhor, é dormir sem cuidados !  
Os mortos cemitério e os vivos . . .

OPIPARUS :

Enforcados.

CIGANUS :

Talvez que sim, talvez que não . . .  
É conforme : o rigor, a clemência, o perdão,  
Tudo às vezes convém, tudo tem seu logar . . .  
Enforco-os, claro está, se os puder enforcar.  
Não podendo, enxòvia ; e, se a nação revòlta  
Clama contra a prisão . . . deixá-los hei à solta.  
Enforcados, melhor. Eu, gente que deteste,  
Quero em vez de canhões a guardá-la um cipreste.  
Mas, se matando arrisco a própria vida, não :  
Converto-me, de algoz furioso em bom cristão . . .

Reinar, eis o importante ; o modo é secundário.  
É conforme se pode ; é dia a dia ; vário.  
Fica melhor um rei num corcel de batalha,  
O chicote na mão, contemplando a canalha.  
Inspira assim terror, incute mêdo e fé.  
Não há, porém, cavallo ? É governar a pé.  
E, se ainda precisa atitudes mais chatas,  
É governar de tôda a forma, — até de gatas !  
O caso é governar, seja lá como fôr :  
Com manhas de toupeira ou vôos de condór,  
Por caminho sinuoso ou caminho direito . . .  
Eu, para governar, a tudo me sujeito,  
Indo de cara alegre até ao sacrificio  
De ser exemplarmente honesto . . . por officio !

Continua a tormenta. Prosseguem os vivos. Os cães ladrando sempre.

MAGNUS, *sentencioso* :

Nas vistas do marquês há pontos em que abundo,  
Pontos em que discordo. O mal é mais profundo !  
Talhemos com firmeza o mal pela raíz !  
Nas circunstâncias desastrosas do país,  
Quando um vento de insânia brava nos arrasta,  
Quando abusos de tôda a ordem, tôda a casta,  
Andam impunes ; quando a moral e o direito  
Já não levam sequer à noção do respeito,

À noção do dever, urge com brevidade  
Dar fôrça à C'roa e dar prestígio à autoridade !  
Eu com rude franqueza o digo : o caso é sério !  
Nós vivemos (se isto é viver !) num baixo império !  
Olhem bem ao redor ; uma orgia ! um entrudo !  
Abocanha-se tudo, emporcalha-se tudo,  
Nem o sacrário da família se venera,  
Não há reputação, ainda a mais austera,  
Que a não manchem . . . um lodaçal, um tremedal de escombros,  
E nós a vemos isto e a encolhermos os ombros !  
É de mais ! é de mais ! Vamos todos a pique !  
É necessário um termo ! é necessário um dique !  
Sursum corda ! Que El-Rei leve a bandeira em punho !  
E inda há gente . . . inda há gente ! inda há homens de cunho !  
Inda há muita aptidão, muita capacidade  
E muita honra ! . . . O que é mister é uma vontade !  
Obre El-Rei com firmeza ! obre El-Rei sem demora !  
Qual o cancro que dia a dia nos devora ?  
Tôda a gente que vê, tôda a gente que pensa  
Põe o dedo na chaga e conclue : a descrença  
Se o mal vem da descrença, ataque-se a questão !  
Religião, Senhor e mais religião !  
Deus e mais Deus ! tendo nós Deus e a fôrça armada,  
Não há receio algum ; dormirá descansada  
A monarquia. Deus, embora neste meio,  
Queiram ou não, é sempre Deus ! . . . é ainda um freio !

OPIPARUS, *galhofeiro* :

E o profeta, que nos censura e nos fulmina,  
Tem palácio, grande estadão, mesa divina,  
É *joisseur* como dez banqueiros elegantes,  
E, facto escandaloso ! a respeito de amantes  
Cultiva sobretudo (às vezes com seus p'rigos . . .)  
Esta especialidade : a mulher dos amigos !

MAGNUS, *furioso* :

Safa ! Que língua ! que veneno ! . . .

O REI :

E o duque atomatado !

Como se não pudesse um ministro d'estado  
Regalar-se com vinhos bons ou fêmea alheia !  
Deixe-os morder de raiva. É tudo inveja, creia.  
Gosto dum velho assim, danado e atiradiço . . .  
Um velho folgazão . . . Simpatizo com isso.  
É cá dos meus . . . é cá dos meus . . .

MAGNUS, *risonho e vaidoso* :

Na juventude,  
Rapaz . . . como rapaz . . . vamos ! fiz o que pude ! . . .

A crónica inda o lembra . . . Hoje o caso é diverso . . .  
Aos sessenta já custa a endireitar um verso !

O REI :

Maganão !

MAGNUS :

Hoje não ! . . . Só em péquenas dóses . . .  
Falta o melhor . . . São mais as vozes do que as nozes . . .

O REI, *gracejando* :

Mas o que a mim me espanta, e não entra na bola,  
É saír-nos o duque um perfeito carola !  
Se a rainha estivesse, inda d'acôrdo, admito . . .  
Mas entre homens prègar sermões acho esquisito,  
Meu caro duque . . . Estou a vê-lo qualquer ano,  
Entrapado em burel, frade varatojano !

MAGNUS, *solene* :

Distingo, meu Senhor, distingo : sou cristão,  
Co'as rédeas do govêrno e do poder na mão.

Católico e de lei, sob o ponto de vista  
 Administrativo, e nada mais. Como estadista,  
 Eu considero a Igreja uma pedra angular  
 Da ordem ! Quero o trono achegado ao altar !  
 A Igreja tem prestígio ! a Igreja é um sustentáculo !  
 Convém ao scetro ainda a amizade do báculo !  
 O homem público em mim, o defensor da C'roa,  
 É des a opinião. Sustento-a e julgo-a bôa.  
 Mas á dentro, no fôro interno, a sós comigo,  
 Eu, o particular e o filóso'fo, digo-o  
 Alto e bom som, digo-o de cara e sem temor :  
 Não há ninguém ! ninguém ! mais livre pensador !  
 Eu admiro Voltaire ! . . . Eu encontro-me em dia  
 Com a marcha do globo e da filosofia.

O REI, *galhofando* :

Se a rainha lhe sente idéas desordeiras . . .

MAGNUS :

Leio Voltaire, mas quero os frades ! . . .

OPIPARUS :

E eu as freiras . . .

CIGANUS :

Por mim desejo tropa, em logar de irmandades.  
Mas, se a raínha quer os frades, venham frades.  
Com certo geito e condições, inda afinal  
Se atamanca de Deus um bom guarda rural . . .

Trovão retumbante. A caverna da noite, incendeia-se  
de oiro, abrasada a relâmpagos. Ais e lamentos. Gritos  
ferozes de soldados. Uivam os cães. Sente-se ao longe  
um rumór imenso de multidões que debandam.

MAGNUS, *meditando* :

Que demónio ! cheira a chamusco . . . Volta a dança . . .  
Olha que brincadeira ! . . . Isto, se a coisa avança,  
Vai tudo raso, vai tudo em cacos pelo ar !  
Não me sinto aqui bem . . . Nada ! ponho-me a andar ! . . .  
Uma história qualquer . . .

Ao rei :

Meu Senhor, a duquesa . . .

(Foi dêste abalo repentino, esta surprêsa . . .)

Achou-se mal, deu-lhe um febrão . . . em tal estado,  
Que não gosto . . . não gosto . . . inspira-me cuidado . . .  
E se El-Rei o permite . . .

O REI :

Ignorava . . . Ora essa,  
Meu caro duque ! Ande ligeiro, vá depressa . . .  
Boa noite . . . Dormir um pouco, e às cinco e meia  
Na toirada. Curro catita ! É de mão cheia !

O rumor longínquo, de maré humana, avança, trágico,  
na escuridão profunda. Surge na praia uma nau gi-  
gante, embandeirada de negro. Uivam os cães.

---

## SCENA XI

O REI :

Ouvi !

OPIPARUS :

O mar.

CIGANUS ;

Não é o mar : a ventania.

O REI :

Também não . . . Escutai . . . escutai . . .

OPIPARUS :

Dir-se-ia

O confuso estridor, desordenado e vário

Dum exército louco, em tropel tumultuário . . .

O rei com os validos assoma-se ao balcão. Hordas inúmeras de esfarrapados, multidões de mendigos, turbas espectrais, homens e mulheres, vélhos e crianças, ululando, gritando, praguejando, baixam a montanha em direcção à praia, numa torrente caudalosa, numa levada contínua de sofrimento e de miséria. E o porão tenebroso do navio-fantasma engulindo, aos cardumes, vertiginosamente, aquela humanidade enlouquecida. E a enxurrada sinistra, avolumando, alastrando, cada vez mais tumultuária e bramidora. Dir-se-ia um povo de malditos, debandando a um cataclismo inexorável ! Povo imenso, não tem fim, mas o navio não tem fundo. Cabe tudo lá dentro. Os cães, na varanda, rosnam, sombrios e provocantes.

O REI :

Que quer isto dizer ? ! que chinfrineira é esta ? ! . . .

Que balbúrdia ! . . . que multidões sombrias ! . . . temos festa ! . . .

Oh, com mil raios ! temos festa . . . Há banzé novo . . .

Que 'stardalhaço . . . Um mar de gente ! . . . um mar de povo,

A correr, a crescer . . . Gritos, uivos, bramidos . . .  
Era uma vez, marquês ! . . . Pronto ! estamos perdidos ! . . .

CIGANUS, *fleumático, acendendo um charuto :*

Coisa vulgar, Senhor : emigrantes, miséria . . .

O REI :

Cuidei que era chinfrim de novo . . . Ora a pilhéria !  
Cuidei que era chinfrim . . . E antes o fôsse ! Ao cabo,  
Zurzia-os duma vez a pontapés no rabo !  
Punha-os de môlho ! À garotada jacobina  
Hei-de-lhe eu amolgar às trombas numa esquina !  
Chegando-me ó nariz os vinagres, cautela !  
Dá-me a fúria . . . e caramba ! é d'altó lá com ela !  
Em Évora uma vez, há coisa de dois anos,  
Salta-me num caminho um bando de ciganos,  
Era de noite, mais escuro do que um prego,  
Atiro-me, arremeto às doidas como um cego,  
E esbandulhei quarenta e quatro ! . . . Um bom chinfrim . . .

OPIPARUS :

A canhão Krup ?

O REI, *sacando da algibeira uma navalha de ponta e mola :*

A naifa !

Com um gesto esfaqueante :

Eu cá é isto : assim !

O DOIDO, *na escuridão :*

A fome e a Dor escaveiradas  
Ululam roucas nas estradas,  
Irmãs sinistras de mãos dadas . . .  
Misericórdia ! Misericórdia !  
Na escuridão, entre lufadas,  
Que pavorosas debandadas  
De multidões desordenadas . . .  
Misericórdia ! Misericórdia !  
Turbas gemendo esfarrapadas,  
Por ventanias e nevadas,  
Filhos ao colo, ao ombro enxadas,  
Sem luz, sem pão e sem moradas ! . . .  
Misericórdia ! Misericórdia !  
E em salas d'oiro, iluminadas,  
Há beijos, risos, gargalhadas . . .

Misericó dia! Misericórdia!  
E, por outeiros e quebradas,  
Tombam choupanas arruinadas . . .  
Mortas . . . desfeitas em ossadas . . .  
Misericórdia ! Misericórdia ! Misericórdia !

OPIPARUS :

Que bela voz ! Dava um barítono estrondoso  
O diabo do maluco ! . . .

O REI :

A mim faz-me nervoso,  
Não sei porque . . . Faz-me nervoso . . . Embirro, é doença . . .  
Mas quanto poviléu ! que turbamulta imensa  
De esfaimados, de miseráveis no abandôno,  
Rafeiros a latir, sem albergue e sem dono !  
Vejam isto . . .

CIGANUS :

A miséria é lama, é sangue, e é pranto,  
A fermentar em crime e em veneno. Portanto  
Precisa esgôto ; quer-se um esgôto a despejá-la  
Contínuamente num porão ou numa vala.

Emigrar ou morrer ; degrêdo ou cemitério.  
O hálito da pobreza imunda é deletério.  
De trapos de mendigo e lençóis de vilão  
Faz a anarquia flamejante o seu pendão.  
Curta distância vai da indigência à rapina,  
Da mão que implora à que estrangula e que assassina.  
Dorme em cada esfaimado um tigre. Há que evitar  
Na rua aglomerações de ventres sem jantar.  
A miséria despeja-a Deus, a Providência,  
Do seu vaso nocturno ao saguão da existência.  
Que fazer contra a lei de Deus, contra o Destino ?  
Arredar para longe o excremento divino,  
Para bem longe, de maneira que a infecção  
Não nos perturbe a nós, Senhor, a digestão . . .

O REI :

É triste, mas enfim que remédio lhe dar ?!

OPIPARUS :

Comer, beber, dormir, jogar, caçar, dançar !  
Festas, Senhor ! Muitas e vãs, loucas e várias !  
Não há jantar ? Função. Não há pão ? Luminárias.  
A pobreza anda rôta, a canalha anda nua ?  
Girândolas ao ar e músicas na rua.

A fome e a dor bramem de noite, uivam nas eiras ?

Matinadas, clarins, vivas ao rei, bandeiras.

Alegria ! gozar ! folgar ! nada de luto !

Bombas ! Salvem canhões de minuto a minuto !

É a cada grito de miséria ou de estertor

O cantar dum Te-Deum e o rufar dum tambor.

Dê-se à plebe faminta uma estrondosa orgia,

Um banquete real, monstro — em scenografia !

Que bela idéa ! Armar de improviso um galeão,

— Tábuas, cinábrio, andrinopla e cartão, —

Pô-lo em rodas, tirado a parelhas d'Alter,

A côrte, dentro, o patriarca, o chanceler,

El-rei de c'roa d'oiro, a raínha taful,

Asas novas de arcanjo, uma branca outra azul,

Eu ao leme, pendões, músicas, auriflamas,

Bispos e generais, o núncio, arautos, damas,

Com brilhantes a arder em veludo e em brocado,

— Tripulação enfim de baixel encantado,

A navegar de rua em rua, e praça em praça,

Atirando à miséria, à nudez, à desgraça,

A carga inteira a plenas mãos : lôdo em confeitos,

Gargalhadas, sermões de entrudo (alguns perfeitos !)

Drogas de charlatães, ditos de saltimbanco,

Cinza, areia, impudor, fome . . . e notas de banco !

.....  
E por último a rir sentamo-nos à mesa,

A despejar champagne em favor da pobreza !

O REI :

Despovoa-se tudo !

CIGANUS :

Um êxodo . . .

OPIPARUS :

Senhor,

Grande mimo de Deus para um rei caçador !  
Terra despovoada e morta, sem ninguém,  
É terra inculta. Bem, perfeitamente bem.  
Ora uma terra inculta, (é, meu Senhor, um facto)  
Não dá vinho, nem pão, nem meloais, — dá mato.  
E o mato bravo e as brenhas virgens dão a caça  
Com mais fartura, variedade e doutra raça.  
Pelos jardins d'agora, em dez anos talvez,  
Andaremos ao lobo e ao cabrito montês.  
Olivedos, vergeis, campos, lezírias, prados  
Criarão a raposa, aninharão veados.  
E onde hoje há couves e maçãs, El-Rei, feliz,  
Galopando a primor, monteará javalis !

Trovão formidando. Um relâmpago lívido abraza as  
profundidades cavas do horizonte. As árvores, de sú-

bito, aparecem nuas e hirtas, sem uma fôlha. Dos ramos, batidos do vento, pendem enforcados. Dir-se-iam esqueletos de árvores frutificando, sinistros, em esqueletos de gente. Nuvens de abutres pairam em volta, crocitando.

O REI :

Pavoroso !

OPIPARUS :

Ora adeus ! nada mais natural :

A fome trás a morte, os mortos cheiram mal,  
E o cheirete dum morto, assim dependurado,  
Para um corvo é melhor que o dum faisão trufado.

O DOIDO, *na escuridão* :

Olha as macieiras que maçãs que dão :  
Gangrena por fóra, dentro podridão !

Lavrador-còveiro, lavrador-còveiro,  
As maçãs escusam de ir ao madureiro . . .

Oh, que estranhos figos que há nos figueirais :  
Mordidos d'abutres ! . . . figos que dão ais ! . . .

Lavrador-còveiro, lavrador-còveiro,  
Colhe-me essas bebras que já teem mau cheiro . . .

Se é fruta de embarque, vai pelo caminho  
Desfazer-se tôda nos caixões de pinho . . .

Fruta de tal raça, cavador lunar,  
Só a quer a morte para o seu jantar ! . . .

O REI :

Dou às vezes razão ao tonto do cronista . . .  
Que lhe querem ! não é agradável à vista,  
Por noite negra uma bandada de milhafres,  
Grasnando e devorando, à maneira de cafres,  
Uma ceia de carne pôdre . . .

CIGANUS :

Que limpeza !  
Deixe-os comer . . . deixe-os comer . . . Varrem a mesa.  
Mortos e mortos na floresta à dependura,  
Um açougue . . . Não há còveiro, nem há cura,  
Nem tochas, nem latim para tanta carcassa . . .  
Os corvos, meu senhor, enterram-nas de graça.

Admiráveis glutões, em bambocha funérea  
Liquidam numa noite a questão da miséria.  
Jantam-na. Devorado o problema. Afinal  
Restam ossos ; convém : tem fosfato de cal,  
Bom adubo . . .

E no entanto o país, meu Senhor,  
É uma beleza ! uma beleza ! encantador !  
Trinta portos ideais, um céu azul marinho,  
A melhor fruta, a melhor caça, o melhor vinho,  
Balsâmicos vergeis, serranias frondosas,  
Clima primaveral de mandriões e rosas,  
Uma beleza ! Que lhe falta ? Únicamente  
Oiro, vida, alegria, outro povo, outra gente.  
Raça estúpida e má, que por fortuna agora  
Torna habitável êste encanto . . . indo-se embora !  
Deixe morrer, deixe emigrar, deixe estoirar :  
Dois boqueirões de esgôto, — o cemitério e o mar.  
Que precisamos nós ? Libras ! libras, dinheiro !  
Libras d'oiro a luzir ! Onde as há ? No estrangeiro ?  
Muito bem ; o remédio é claríssimo, é visto :  
Obrigar o estrangeiro a tomar conta disto.  
Impérios d'além-mar, alquilam-se, ou então  
Sorteados, — em rifa, ou à praça, — em leilão.  
E o continente é dá-lo a um banqueiro judeu,  
Para um casino monstro e um bordel europeu,  
Fazer desta cloaca, onde a miséria habita,  
Um paraíso por acções, — cosmopolita.

Dar jôgo ao mundo, ao globo ! uma banca tremenda !  
 Calculo eu daí uns mil milhões de renda.  
 O comércio, dez mil . . . O trânsito, sem conta . . .  
 Cifras, Senhor, de pôr uma cabeça tonta !  
 De minuto a minuto, expressos e vapores,  
 Sempre a golfar carregações de jogadores,  
 Montões de malas, sacos d'ouro, (libras, luíses !)  
 Nuvens de cortesãs, dançarinas e actrizes,  
 Equipagens, *Barnoums*, *touristes*, saltimbancos,  
 Vinte raças, — mongóis, negros, mestiços, brancos,  
 Um ruidoso vaivém humano que circula,  
 Todo fausto, esplendor, alta luxúria e gula,  
 O mylord, o nababo, a Rússia, a Índia, a América,  
 Numa promiscuidade esplêndida e quimérica !  
 E todo êste país, éden de regabofe,  
 Iluminado à noite a faróis Jablokoff !  
 Que maravilha ! que surprêsa ! que grandeza !  
 E que tesoiros nesta rica natureza,  
 Cultivando-a a primor ! Em lugar d'erva e searas,  
 Plantas de luxo : coisas finas, coisas caras.  
 Eu imagino, (dando os máximos descontos)  
 Que o reino lucrará ùns trezentos mil contos,  
 Sòmente a produzir, ao ar livre e em estufas,  
 Ananazes, faisões, ópio, champagne e trufas.

Relâmpagos e trovões. Paisagem deserta. A nau fantasma, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar. Uma sombra disforme, como de ave gigante, vóa na escuridão.

O REI :

Um bacamarte ! uma clavina ! uma escopeta ! . . .  
Cheguem daí . . . salta depressa uma escopeta !  
Salta depressa ! que vão ver como rebento  
Às escuras aquela águia . . . É num momento.  
Já dum ocasião, (que pontaria a minha !)  
Com um balásio matei oito : iam em linha.  
A escopeta, marquês !

CIGANUS :

Não lhe serve de nada ;  
É a bandeira do castelo. Uma rajada  
Sem dúvida, Senhor, quebrou o mastro e leva  
Num frangalho o pendão errante pela treva.

OPIPARUS :

Ótimo ! de manhã flutuará no baluarte  
Pendão novo. Tem cinco quinas o estandarte :  
Uma quina de mais ; supprime-se, é evidente :  
Nos baralhos, Senhor, há quatro unicamente.

O navio fantasma, que levantou ferro, desaparece ao longe.

O DOIDO, *na escuridão* :

Ó nau gigante, ó nau soturna,  
Galera trágica e nocturna,  
Que levas, dize, no porão ? . . .

O vento chora sôbre o mundo,  
Chora de raiva o mar profundo . . .  
Que levas, dize, no porão ? . . .

A lua, aziaga e macilenta,  
Olha-te exânime e sangrenta . . .  
Que levas, dize, no porão ? . . .

Asas carnívoras em bando  
Poisam nas vêrgas crocitando . . .  
Que levas, dize, no porão ? . . .

Teu cavername exala miasmas,  
Teus marinheiros são fantasmas . . .  
Que levas, dize, no porão ? . . .

Teu pendão negro vai a rastros,  
São cruzes negras os teus mastros . . .  
Que levas, dize, no porão ? . . .

— Dentro do esquite, amortalhada,  
Levo uma pátria assassinada,  
No meu porão ! . . .

O REI :

Êste ladrão do doido irrita-me ! é demais !  
Não se cala, caramba ! é demais ! é demais !  
Já não posso . . . Marquês, se o diabo me enfernisa  
Outra noite co'a lenga-lenga, uma camisa  
De fôrças, bom vergalho, e, sem dó nem piedade,  
Enxòvia ou masmorra onde grite à vontade.

Abre um relâmpago o horizonte. As carcassas nuas dos  
enforcados baloçam ao vento nas árvores despidas.  
Nem viv'alma. No cêro dum monte erguem os piratas  
uma cruz descomunal, manchada de sangue. Uivam  
os cães.

O REI :

Uma cruz negra além ! . . .

CIGANUS

Onde ? . . . Não vejo nada . . .

O REI :

Uma cruz tôda negra e tôda ensangüentada ! . . .

CIGANUS :

Foi de-certo ilusão . . .

Rindo :

É calvário feroz  
Que espera alguém . . .

OPIPARUS :

Nenhum de nós . . . nenhum de nós . . .  
Poderemos dormir tranqüilos, sem receio  
Dum calvário onde apenas haja a cruz do meio . . .

Uivam os cães sinistramente.

O DOIDO, *na escuridão* :

Em noite sem lua, numa nau sem leme, fui descobrir mundos.  
Mundos pelo mar . . .  
O vento sopra, o vento sopra . . .

Quanta areia negra faz turbilhonar !

— Mundos a voar . . . mundos a voar . . .

Por manhã doirada, galeão doirado vinha cheio d'oiro ! . . .

Rubins scintilantes,

Pérolas, diamantes . . .

Vinha cheio d'oiro . . .

O vento sopra, o vento sopra . . .

Que cinza de campas se alevanta ao ar . . .

— Meu oiro a voar . . . meu oiro a voar . . .

Castelos nas praias, galeras nas ondas, reinos d'além-mar ! . . .

O vento sopra, o vento sopra . . .

Que bandos de nuvens ! . . . vão-se a desmanchar ! . . .

Castelos . . . galeras . . . reinos d'além-mar . . .

Foi um sonho lindo . . . foi um sonho lindo . . .

Como é bom sonhar ! . . .

Acordei sem alma . . . quem me encontra a alma . . .

Quem ma torna a dar !

Queimou-se o casebre . . . só tições escuros, só carvões escuros,

Inda a fumegar . . .

(Quem ma torna a dar !)

Que bem dormiria debaixo dos muros . . .

Tão quente ! . . . debaixo das pedrás do lar !

Oh, que inverneira ! oh, que inverneira !

Crestou-me o vinhedo, secou-me o pomar !

A terra levou-a . . . deixou-me só fragas . . .  
Deixou-me só fragas, para as eu calcar . . .  
Peguei na minha dor, botei-a às fragas . . .  
Não tinha mais que semear !  
O que viria, o que viria  
Da minha dor na primavera a rebentar ? . . .  
Um tronco despido me brotou das fragas,  
(Que singular ! que singular !)  
Um tronco despido,  
Sem ramos, sem fôlhas . . . um tronco no ar !  
Depois medrou tanto, como por encanto,  
Que andadas três luas era secular !  
E nem uma fôlha e nem um raminho,  
Onde um passarinho poisasse a cantar ! . . .  
Um tronco no ar !  
Mas de repente, de repente  
Deitou dois braços, logo um par !  
Braços estendidos, abertos e nus,  
Como que a chamar . . . como que a chamar . . .  
Mas, oh Deus ! que vejo ! uma perfeita cruz,  
Uma cruz erguida sôbre um grande altar ! . . .  
Minha dor nas fragas, entre uns estilhaços  
De rochedos duros no que veio a dar ! . . .  
.....  
Inda bem ! Ora inda bem que já no mundo há braços,  
Para me abraçar ! . . .

O REI :

Já 'stou farto de cantochões, de ventania  
E dos agoiros ! . . . Passa das três ; é quasi dia . . .  
Vamos dormir . . .

Apontando o pergaminho :

Cá deixo esta léria assinada.  
Falaremos depois. *Rendez-vous* na toirada.

---

## SCENA XII

O REI, só, ao fogão, olhando o pergaminho :

Belo ! toca a assinar o papelucho e cama.  
Vão-se os pretos ! Adeus, pretangada e moirama !  
Inda bem ! Já ninguém desde hoje me seringa,  
Levantando questões dum cafre ou duma aringa.  
Durmo esta noite como um odre. Para insónias  
O remédio é mandar à tabúa as colónias.  
Que se governem ! tudo ós quintos ! tudo à fava !

Olhando os retratos da dinastia :

O que diriam disto os maganões ? . . . Gostava  
Duma palestra com vocês . . . Vinha n'altura . . .

Trovão retumbante. Os cães ululam. Diante do rei,  
várado de assombro, ergue-se de improviso o fan-  
tasma de D. João IV. O rei quer falar, quer fugir,  
mas, paralítico de medo, olhar atónito, nem um gesto,  
nem um ai, nem um grito. Desfalece, caíndo imóvel.

---

## SCENA XIII

O ESPECTRO DE D. JOÃO IV, *ar untuoso, manhoso, beato, falso e  
pusilânime* :

Tens medo de assinar ? Pesa-te a assinatura ?

Vais ouvir meu conselho :

    Animo bravo e ardente,

Em lacaios fieis predicado excelente.

Num monarca já não . . . A fraqueza traiçoeira,

D'olhos de lince e passos mortos de toupeira,

Vence tudo . . . Precisa um rei de heroísmo audaz ?

Serve-se dos heróis e fica êle em paz.

Nada que nos perturbe a digestão e o sono ;  
Para dar bom assento é que se fez o trono.  
Os reis são reis e os homens cães, em vário estado :  
Ou cães de caça ou cães de fila ou cães de gado . . .  
Mas tudo cães. Chicote a uns e a outros festa,  
Eis do govêrno a arte ; é bem clara ; só esta.  
Com os homens, assim. Com Deus, trato diverso.  
Tu és o rei dum povo, êle o rei do universo.  
Depois da morte há inferno e paraíso ; então  
Lida sempre com Deus, como bom cortesão.  
Vale a pena. Medita as chamas infernais,  
As mil cobras de fogo em doudas espirais,  
Enleiadadas a nós ! . . . que tortura ! que horror !  
Ah, vale a pena servir Deus e ter-lhe amor !  
Não só a Deus ; aos santos todos ! E a Maria,  
À Virgem-Mãe, oh filho ! a essa, noite e dia  
É rezar ; é rezar de joelhos na capela !  
A nada atende Deus como a um pedido dela.

Firma o tratado. Firma-o de pronto e sem receio.  
Entre as hostes iguais a dúvida, no meio,  
Hesita, é bem de ver . . . Mas neste caso, em suma,  
Não encontra a razão hesitação alguma.  
O teu povo dum lado e o bretão do outro lado ;  
Ora, entre um borrego e um leopardo esfaimado,  
Não há brío a atender, há vida a defender.  
O leopardo é o mais forte : assina . . . tem de ser.

A fera vem bramindo e quer do teu jantar ;  
 Chicoteá-la ? Não ; pode-te estrangular.  
 Dividirás com ela ; e tu, quietinho e manso,  
 Fica à mesa comendo o resto com descanso.  
 Creio que para ti e para herdeiros teus  
 Há-de ainda chegar talvez, graças a Deus.  
 Graças a Deus e à Virgem-Mãe, a quem eu dei  
 A tutela do reino e o coração do rei.

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão* :

Dum duque fiz um rei ; e o rei me disse : Vamos  
 Ouvir à igreja (era de noite) o meu Te-Deum laudamus.  
 Era de noite . . . era de noite . . . na encruzilhada,  
 Quando me viu, cantou um galo preto uma alvorada.  
 Bonita festa, (disse eu entrando) bonita festa !  
 Que igreja esta  
 Tantos panos escuros . . . tantos panos escuros,  
 Velando os muros !  
 E um esquife sombrio  
 Num catafalco . . . um grande esquife negro, inda vazio ! . . .  
 Mas coisa horrenda e de pasmar,  
 O altar ! o altar !  
 Crucificado num madeiro um cordeirinho branco exangue  
 E treze tochas de gangrena azul, chorando sangue ! . . .

Veio da sacristia a cleresia . . . Olhai, olhai  
O padralhame que aí vai !  
Raposas sarnentas e lóbos gordos ulcerados,  
— Dominus vobiscum ! — todos paramentados e mitrados.  
E era um bode de andaina vermelha o sacristão,  
Um bode carcunda, ventruado e lanzudo, galhetas na mão.  
E quem cantou a missa de pontifical  
Foi o rei ! era o rei . . . tal e qual ! tal e qual !  
Mas tinha rabo de raposa e tinha olhos de chacal !  
Cantava de papo, cantava de papo,  
E a bôca imunda, sem tirar nem pôr, uma bôca de sapo !  
O Espírito baixou então divinamente,  
Poisou no rei, e o rei lhe disse : — Olá ! olá, Vicente —  
E os dois órgãos ao fundo, que rouquidões !  
Grunhindo trovões por entre os cantochões !  
E tôda a padralhada, no seu cartimpácio,  
— Oremus ! Oremus ! Santo Inácio e mais Santo Inácio ! —  
E ao levantar a Deus enfim,  
De hóstia e cálix na mão, o rei voltou-se para mim :  
— Êste vinho é o meu sangue. Êste pão negro é o meu corpo :  
Toma lá o meu sangue, toma lá o meu corpo. —  
Cuspiu no cálix, deu-mo a beber, bebi . . . bebi . . .  
E a hóstia impura, nem sei de azêda como a enguli !  
E envenenado fiquei . . . envenenado fiquei  
Pelo corpo do rei, pelo sangue do rei !  
Envenenado e paralisado,  
Mas inda a ver, inda a sentir . . . como um dormir  
De defunto acordado . . .

Então o rei pegou num cutelo, abriu-me o peito,  
Meteu as mãos . . . e tirou-me a alma com todo o geito !  
Era uma virgem, corpo de deusa, branca e nua,  
Como que feita, num sonho triste, do alvor da lua . . .  
A minha alma aquela ! a minha alma aquela !  
Oh, nunca a imaginei assim, tão formosa e tão bela !  
Mas que ar de nojo e de amargura  
Envolvendo-a, pálida e branca, em noite escura !  
Deitaram-na ao caixão, pregaram-lhe a tampa às marteladas,  
E o rei, — Oremus ! Oremus ! Oremus ! —  
Às gargalhadas.  
E no madeiro o cordeiro manso, dolorido,  
Deu o seu último gemido . . .  
E expiraram no altar  
As trezé velas bentas de rosalgår . . .  
E a cleresia pela noite, em chusma, como assombros,  
Debandando e levando o esquife, aos encontrões, nos ombros . . .  
E a mim deitaram-me a dormir num fraguedo deserto,  
Sem alma, com o peito um rasgão de sangue, todo aberto ! . . .  
Ei-lo aqui . . . ei-lo aqui . . . Nunca o deixei cicatrizar . . .  
Que é para a alma, quando me volto, poder entrar . . .  
As almas não morrem . . .  
As almas não morrem . . .  
Nem Deus, tendo-as feito, é capaz de as-matar ! . . .

---

## SCENA XIV

O ESPECTRO DE D. AFONSO VI, *que entra alucinado, hemiplégico, azorragando, furioso, uma matilha de cães imaginária:*

Ah, marotos ! ladrões ! . . . ladrões ! . . . perros danados ! . . .

Vão inda perseguir-me à tumba êstes malvados !

Assassinos ! ladrões ! Nem no sepulcro existe

Repouso para um morto, alívio para um triste !

Nem debaixo da terra enfim, víboras más,

Me deixais, me deixais apodrecer em paz !

Nem morto dormirei . . . coitada criatura !

E como o sono eterno é bom, ó noite escura ! . . .

Ah, como é bom dormir . . . dormir . . . dormir . . . dormir ! . . .

Não ter alma, não ver, não gemer, não sentir ! . . .

Sem reino, sem mulher, sem irmão, sem cuidado,

Dormir . . . dormir ! . . . Que brando leito de noivado ! . . .

.....  
Mas foram-me acordar, os malditos ! . . . Já sei . . .

O que querem de mim . . . Já sei . . . Já sei . . . És tu, El-Rei ?

Foi mandado d'El-Rei . . . Já sei . . . lembro-me agora ! . . .

.....  
Assina tudo . . . assina tudo e sem demora.

Tens mêdo de perder o trono, de o largar ?

Ah, deixa-o ir, deixa levar, deixa roubar . . .

Que leve trono e scetro e c'roa quem quiser . . .  
Para ti . . . para ti . . . guarda os cães e a mulher.  
Guarda a mulher . . . guarda a mulher ! Bem conta nela !  
Tens irmão ? Tens irmão ! . . . Pobre de ti ! . . . cautela ! . . .  
Não há crer em irmãos, nem há fiar em mães !  
Que levem tudo, tudo . . . excepto a amante e os cães ! . . .  
Oh, as noites d'amor ! . . . oh, as manhãs de caça ! . . .

Indo a saír e parando de repente, ao ver os cães :

Tens fracos cães . . . Adeus . . . Fracas ventas . . . má raça ! . . .

O DOIDO, *na escuridão* :

Quem me roubou da frente o meu diadema ? . . .

Quem ostenta na frente o meu diadema ?

— Teu irmão !

Teu irmão !

Quem abraça a rainha no meu leito ? . . .

Alva, loira e mimosa no meu leito ? . . .

— Teu irmão !

Teu irmão !

Quem bate as brenhas com meus cães de caça,  
Ao luzir d'alva com meus cães de caça ? ...

— Teu irmão !

Teu irmão !

Quem nesta campa me enterrou em vida ? ! ...

Quem nesta campa me enterrou em vida ? ! ...

— Teu irmão !

Teu irmão !

Ai, arranca-me os olhos por piedade !

Ai, arranca-me a vida por piedade !

Irmão ! irmão ! irmão ! ! ...

.....

O ESPECTRO DE D. JOÃO VI, *assomando ao balcão* :

Um doido enorme ! além ... na escuridão ... além ...

Doido sou eu também ... doido sou eu também ...

Pobre doido ! ... infeliz ... coitado ! algum irmão

Lhe roubou a mulher ...

Ao rei :

Tens mulher ? ... Tens irmão ? ...

Não há crer em irmãos, nem há fiar em mães . . .

Guarda a mulher . . .

Desaparecendo :

Oh, que estupor de cães ! . . . oh, que estupor de cães ! . . .

## SCENA XV

O ESPECTRO DE D. PEDRO II, *tipo de valentão de cavalaria, brigão de estúrdias, sanguinário e crapuloso, sifilítico e bêbado :*

Tu sabes escrever ? Assina. Porque não ?

Ora o grande poltrão,

Que é preciso borrar-se e andar de nágoas sujas,

P'ra lançar no papel, cõnho ! três garatujas !

Mêdo de quem ? Do povo ? O povo com que lidas

É cavalo velhaco e de manhas sabidas.

Monta-lo com temor ? Adeus ! cospe-te fóra.

Mas, sentindo-te firme e nos ilhais a espóra,

Cai-te em breve na mão e a preceito o governas.

E, se escabreia, ai dêle ! estoira-lo entre as pernas.

Vamos nós a saber, diz-me lá sem rodeios :

És homem ? quer dizer : — tem-los bons ? — tem-los cheios ?

Meu irmão não os tinha,  
E por isso ficou sem reino e sem raínha.  
Para inimigos força ; ou antes emboscadas,  
Despachando-os de vez a tiro e a cutiladas.  
Pedem tais aventuras  
Gente rija ; hás mister de quadrilhas seguras :  
Mulatos, valentões, brigões, ralé feroz,  
Que te adivinhe o olhar, pronta à primeira voz.  
Tive-os duros de lei ! homens sem embaraços  
Para estoirar, de frente, o diabo a clavinaços !  
À nobreza mercês e favor . . . mas cautela !  
Desconfia, vigia . . . e reparte com ela.  
Enfim, guarda bem paga, àlerta e sátsifeita,  
E atrás de cada muro um cão de lóbo à espreita.  
E nada máis, e nada mais ! gozar, gozar  
À vontade e sem mêdo, até Deus te levar :  
Correr toiros, domar corceis, adestrar fôças,  
Batidas pelo monte ao javali e às corças,  
Mesa opulenta, vinho antigo, cama vasta,  
E fêmeas boas e a granel, de tôda a casta !  
Mulherio de truz, às dúzias, sejam elas  
Freiras ou barregãs, com marido ou donzelas.  
E agora, adeus. Assina. Os ingleses, que diabo !  
É quem nos vai guardando os fagotes, e ao cabo,  
A trôco duns sertões com negros de má raça !  
Mercam-nos inda a pinga e vestem-nos de graça !

O DOIDO, *na escuridão* :

Era a rainha uma sereia,

Corpo de neve . . . Amei-a e desejei-a.

Meu irmão era o rei ; sem dor e sem abalo,

Mandei matá-lo.

Arranquei-lhe do peito o coração :

Batia inda por ela . . . Dei-o a um cão.

E fomos para a igreja iluminada

Eu, meu irmão e a minha amada.

Nós a casar,

Êle a enterrar.

Quem me casou a mim

Disse-lhe a êle o último latim.

A sepultura

Tinha quarenta braços de fundura.

Despenhado o caixão, entulhou-se o coval

De pedra e cal.

Boas noites, irmão ! . . .

Boas noites, irmão ! . . .

E fui-me alegremente, oh, que ventura a minha !

A noivar co'a rainha.

Deitamo-nos na cama, apagámos a luz,

E ao irmos enlaçar, furiosos e nus,

Como doidas serpentes,

Os desejos ardentes

Abraçámos, horror ! na escuridão,

Entre nós dois, amortalhado e morto, meu irmão !

Meu irmão ! meu irmão ! . . . Era êle . . . apalpei-o . . .

Lá estava escancarada a facada no seio . . .

Meti-lhe dentro a mão . . .

Não achei coração . . .

Era êle ! era êle ! era êle !

Cuidei em no matar, sem me lembrar

Que já morrera ! . . . Louca, a rainha tremia . . .

Quis atirá-lo ao chão . . . era de bronze ! era de bronze, não podia.

Quisemo-nos erguer, fugir, fugir ! . . . e de repente

Quedamo-nos os dois paralíticamente,

Ali imóveis, sem um gesto, sem um grito,

De sentinela tôda a noite ao cadáver maldito ! . . .

Oh, noite imensa !

Oh, noite imensa !

Oh, noite imensa !

Que eternidade ! . . . Enfim, desmaiada e gelada,

Eis a alvorada !

Erguemo-nos do leito . . .

E o morto, aconchegando o sudário no peito,

Cravou em nós, indo-se embora,

Aquele olhar nocturno e triste que apavora ! . . .

Fitamo-nos então os dois amantes :

Oh, que semblantes !

Nosso cabelo em desalinho,

Alvo de arminho,

Acusava dez séculos de dor !

Brando leito d'amor ! . . . brando leito d'amor ! . . .

Tôdas as noites depois dessa, tôdas, tôdas,  
 Vem meu irmão às minhas bodas !  
 Deita-se entre nós dois amortalhado  
 Até ser dia... Que noivado !... oh, que noivado !...  
 .....  
 Não te quero ver mais, ó meu algoz, ó meu espectro !  
 Leva a raínha... leva a c'roa... leva o scetro...  
 Leva-me tudo e deixa-me dormir,  
 Dormir em paz !... dormir ! dormir ! dormir ! dormir !...

## SCENA XVI

O ESPECTRO DE D. JOÃO V, *vélho, asqueroso, idiota, meio parálitico. Tartamudeia desconexamente, embrulha a ladaínha com a Martinhada, engole uma hóstia santa, depois uma pastilha afrodisíaca, geme, chora, dá um arrôto, baba-se e desaparece.*

O DOIDO, *na escuridão :*

Mora num convento, com onze mil freiras,  
 Um bode doirado, chamado Sultão :  
 São môças as monjas, loiras ou trigueiras,  
 E o bode frascário como um garanhão.

Ao dar meia noite, com fúria insensata,  
Na torre da igreja dobra o carrilhão ;  
Martelam nos sinos badalos de prata,  
De imunda, de horrível configuração ! . . .  
Milheiros de luzes, brandões macerados  
Tremulam no templo . . . que imenso clarão !  
Faíscam diamantes, lampejam brocados,  
Insensu da Arábia vôa em turbilhão !  
Os santos e as santas, alfaias e altares,  
É tudo oiro virgem, que scintilação !  
Crepitam fogos de gemas solares,  
Topásios da Pérsia, rubins do Indostão.  
Debaixo dum pάλio de lhama purpúrea  
Levanta-se um leito rútilo e pagão :  
O leito do bode, Senhor da Luxúria,  
Com mais pedrarias que o de Salomão.  
Já o órgão rebôa, frementes e nuas,  
As onze mil monjas vêm em procissão . . .  
Os olhos de chama, traseiros de luas,  
Rezando palavras de abominação ! . . .  
Mitra coruscando, sêdas fulgurosas,  
A cruz sôbre o peito, báculo na mão,  
Conduz a teoria das monjas ansiosas,  
Um bispo castrado, que é seu guardião.  
O bode rebrame no leito de pluma . . .  
Acercam-se as freiras . . . e o bispo capão  
Entrega-as ao bode, dá-lhas uma a uma,  
Com ar de respeito, com veneração . . .

São onze mil noivas, são onze mil bodas . . .  
Formidavelmente gira o carrilhão . . .  
E o monstro lascivo padreia-as a tôdas,  
Num delírio tremens de fornicação !  
Depois do execrando, bruto cevadoiro,  
O bode, desfeito de devassidão,  
Toma um semicúpio numa concha d'oiro,  
Em água benzida pelo capelão.  
E, sinos calados, extintas as luzes,  
Entregues as freiras ao seu guardião,  
Persigna-se o bode, fazendo três cruces;  
E em paz adormece como bom cristão.  
E ao cabo duns meses, final de tais contos,  
As monjas nas celas, com tôda a razão,  
Parem arcebispos, mitrados e prontos,  
Exemplo mui alto de gran devoção ! . . .

---

## SCENA XVII

O ESPECTRO DE D. JOSÉ, *que vem de manso, desconfiado, olhando à volta, como temendo o quer que seja. Depois, baixinho, ao ouvido do rei :*

O marquês não está ? . . . Vê lá . . . Guardas segrêdo ?  
Então assina . . . Adeus . . . pode vir . . . tenho mêdo ! . . .

Desaparece.

O DÓIDO, *na escuridão :*

Diz o rei à amante : « Vem para os meus braços ! »  
— Ardem nos teus braços nódoas do meu sangue ! . . .

« Vem para os meus braços, dorme no meu peito . . . »  
— Ardem no teu peito nódoas do meu sangue ! . . .

« Dorme no meu peito, junto dos meus lábios . . . »  
— Ardem nos teus lábios nódoas do meu sangue ! . . .

« Oh, que idéas loucas, meu amor doirado ! . . . »  
« Fui à caça aos lôbos, venho ensangüentado. »

Deitam-se na cama . . . Longe, ao pé do mar,  
Centos de martelos, truz ! a martelar ! . . .

— Ai, levantam forcas ! . . . Pesadelo horrendo ! . . .  
« Um bergantim d'oiro que te estão fazendo . . . »

Beija o rei a amante com lascivo ardor . . .  
Vem da noite funda gritos de estertor . . .

— Matam-me os parentes ! . . . bem lhes oiço os ais ! . . . —  
« São as rôlas, filha, pelos pinheirais . . . »

Beijam-se um ao outro, presos por abraços,  
Sente-se nas trevas um mover de passos,

E entram degolados, arquejando arrancos,  
Três fantasmas, vêde-os ! com sudários brancos ! . . .

---

## SCENA XVIII

O ESPECTRO DE D. MARIA I, *louca, furiosa, delirando:*

Meu pai ! . . . meu pai ! . . . meu pai ! . . . meu pai ! . . .

Castigo eterno, chamas do inferno ! . . .

Meu pai ! . . . meu pai ! . . .

Olha os diabos . . . olha os diabos . . .

Coriscos os cornos, serpentes os rabos ! . . .

Ui ! o marquês ! . . . ui ! o marquês ! . . .

Num caldeirão em brasa, a derreter em chumbo, a ferver em pez !

Vão-me coser ! já estou a arder ! já estou a arder ! . . .

Kyrie Eleyson ! Kyrie Eleyson ! Kyrie Eleyson !

Miserere nobis ! ora por nobis !

Jesus ! Jesus ! Jesus ! Jesus !

Levem a purga ! . . . levem a seringa ! . . . não me quero purgar !

Não me quero purgar . . . não tenho ventre . . . sou feita de ar . . .

D. Rosa ! D. Rosa ! ó D. Rosa ! ! . . .

Acode depressa ! anda depressa, que me deitam ao mar ! . . .

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão* :

Satanás, zombando, fez um rei de espadas,  
Fez um rei de espadas com um cão tihoso ;  
Com um cão tihoso fez um sapo côxo ;  
Com o sapo côxo fez um porco bravo ;  
Com o porco bravo fez um bode d'oiro ;  
Com o bode d'oiro fez um corvo negro ;  
Com o corvo negro uma galinha doida . . .  
Ko-ko-ro-có ! Ka-ka-ra-cá ? ! . . .  
A galinha doida que é que parirá ? ! . . .

## SCENA XIX

O ESPECTRO DE D. JOÃO VI :

Toca a sentar ! deixa sentar esta carcassa,  
Já roída do bicho e comida da traça !  
Um corpo que pesou talvez seus dois quintais,  
Ou mais,  
Hoje é isto ! olha lá, mira-lhe bem em tórno :  
Uns vinte arráteis d'osso e outros tantos de corno !  
P'ra-que diabo é que Deus fez a alma imortal,  
Não me dirão ? ! O corpo, acho eu natural

Que engordasse e medrasse em paz na eterna glória ;  
Mas a alma ! ora sebo ! Uma alma incorpórea,  
Sem bôca, sem nariz, sem barriga, sem nada,  
Que não come um leitão, nem funga uma pitada,  
Deus me perdôe a asneira, uma indrómima assim,  
Inda que êle a enghou, não me convém a mim !  
A morrer por morrer, antes a alma ; em suma,  
O desgôsto era leve, a perda era nenhuma.  
E o corpo desalmado, escorreito e perfeito,  
Êsse é que Deus com todo o geito  
O devia levar, dando-lhe a eternidade,  
P'ra comer como um porco e roncar como um frade.  
Neste mundo em que'stou, nesta vida infinita,  
Grande falta me faz a barriga, acredita !  
Os miolos, já não . . . E, caso estranho, agora  
Penso muito melhor do que pensava outrora . . .  
Dão-me idéas ! que espiga ! . . . Atribuo tais factos  
A andar-me na caveira uma porção de ratos.  
Idéas ! . . . Qual a idéa humana, por sublime,  
Que se compare ou se aproxime  
Dum peru com arroz, bem gordo e bem tostado ? !  
Que é a vida ? jantar ! E a morte ? ser jantado !  
Comer ou não comer, eis a eterna questão.  
Mas comer com descanso e com satisfação.  
Comer em paz ; sem um remorso e sem fadigas.  
Nada de inquietações mortais, nada de brigas !  
Temor a Deus, mesa de abade, cama quente  
E rir a gente !

Eu fui um infeliz como não há segundo,  
Um malaventurado aos tombos pelo mundo !  
A mulher uma cabra ; os filhos um veneno ;  
Sustos ; o hemorroidal, vê lá, desde pequeno !  
E não parar ! sempre em bolandas, sempre à tôa ...  
Que vida ! E como a vida, a-pesar-disso, é boa !  
Oh, cantochões em Mafra ! ... oh, merendas no Alfeite ! ...  
Oh, séstas de Queluz em Junho ! ... Que deleite ! ...  
Manda ao demónio a guerra, a mulher e os cuidados !  
Enfardela-me aí cem milhões de cruzados  
Em peças d'oiro, assina o que tens de assinar,  
Veste o capote, leva a c'roa e põe-te a andar !  
Deixa os ingleses ... Fracas bêstas ! ... raça vil ! ...  
Muda-te p'ró Brasil ... Muda-te p'ró Brasil !  
Fruta maravilhosa e súbditos leais ...  
Eu, no teu caso, até não voltava cá mais.  
E o povo, adeus ! ... que se governe ... enfim, paciência  
E cá lhe fica, que mais quer ? a Providência ! ...

.....

Boas noites ... É tarde ... o sepulcro me chama ...  
Vou-me deitar ... Que fria e triste a minha cama !  
Gêlo e chumbo ! ... Os lençóis, farrapos com matéria,  
Nem me tapam sequer os ossos, que miséria !  
E depois sôbre mim, em cardumes, aos centos,  
Pulgas da eternidade, os vermes fedorentos !  
Ai, no jazigo escuro, a esfarelar-me em pó,  
Consola-me uma idéa única, uma só :

Não tornar a sofrer (oh podridão calada!)

Nem de hemorróidas, nem de gases, nem de nada ! . . .

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão* :

Que noite escura ! Que noite escura !

Bramem as ondas cavernosas . . .

A grande armada vai largar . . .

Oh, a armada do rei ! . . . oh, as naus pavorosas

Na escuridão, turbilhando, a baloiçar ! . . .

São esquifes mortuários,

São féretros com velas de sudários,

Tumbas negras nas ondas a boiar ! . . .

Ai que gemidos, que alaridos

De multidões na praia, olhando o mar ! . . .

Lá vem o rei . . . lá vem a côrte . . . e luzes, luzes

De brandões, de tocheiros a sangrar . . .

Vai a embarcar ? . . . vai a enterrar ? . . . Não trazem cruzes,

Nem há sinos por mortos a dobrar . . .

Oh, a lúgubre, estranha comitiva

A bandada de espectros singular ! . . .

É gente morta ? . . . é gente viva ? . . .

Procissões de defuntos a marchar ! . . .

Cortesãos, cavaleiros e soldados,

Tudo esqueletos descarnados,

Olhos de treva e crânios de luar ! . . .

Ladeiam côches fúnebres doirados . . .  
São os côches d'El-Rei . . . vai a enterrar ? . . .  
Lá se apeiam as damas das liteiras . . .  
Gestos de manequins, rir de caveiras . . .  
Fitas e plumas sôltas pelo ar . . .  
Olha a rainha, vem em braços, morta e doida.  
Morta e doida a clamar que a vão matar ! . . .  
E o rei ! . . . olhem o rei ! . . . que rei de entrudo ! . . .  
Um porco em pé, com manto de veludo  
E c'roa na cabeça, a andar, a andar !  
Mas reparem . . . tem cornos ! é cornudo !  
Dois chavelhos de boi no seu lugar !  
Um rei, que é porço e tem chavelhos !  
Um rei que é porco e tem chavelhos !  
Que fantasia ! enlouqueci . . . ando a sonhar ! . . .  
Mas bem no vejo ! eu bem no vejo,  
C'roa de rei, tromba de porco e chifres no ar ! . . .  
.....  
Cái de rastros, chorando, o povo inteiro.  
Beija-lhe a côrte as patas e o traseiro . . .  
E êle a grunhir ! e êle a roncar ! . . .  
.....  
Lá vão as naus . . . lá vai o rei com seus tesoiros . . .  
E lá ficam na praia, como agoiros,  
As multidões soturnas a ulular ! . . .  
.....  
.....

Olha uma águia rubra, uma águia bifronte,  
Incendiando o horizonte,  
A voar, a voar, a voar ! . . .  
Ai dos rebanhos ! . . . ai dos rebanhos ! . . .  
Águia de extermínios, onde irás poisar ? !

## SCENA XX

O ESPECTRO DE D. MARIA II :

Inclina um rei perante um rei (somos iguais)  
A realeza. Perante um vassalo, jãmais !  
O monarca ao monarca (é irmão com irmão)  
Dobra o orgulho sem infâmia ; o rei ao povo, não !  
Assina, e já ! Príncipe vil, que se amedronte,  
Usa, mas sem direito, um diadema na fronte.  
Povo em rebelião, não é povo, é canalha.  
Beija-te os pés ? — indulto. Ergue o braço ? — metralha.  
Faltam soldados e clavinas ? Pouco importa :  
El-Rei de Espanha os mandará ; tem-los à porta.

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão* :

Tremia a rainha de me ouvir cantar . . .  
Oh, loucura minha, desventura minha !  
Cantigas são asas, fazem-nos voar . . .  
Mandou-me prender, mandou-me espancar.

E eu desatei a rir, eu desatei a rir,  
E três dias cantei com mais três noites a seguir ! . . .

Não dormia a rainha de me ouvir cantar . . .  
Oh, loucura minha, desventura minha !  
Cantigas são graças para não chorar . . .  
Mandou-me prender, mandou-me enforcar.

Chegaram as tropas e eu, desarmado,  
Zás ! desbaratei-as com o meu cajado !

E pus-me a cantar ! e pus-me a cantar !

Tremendo, a rainha disse então ao rei :  
« Enquanto o não matem não descansarei.  
« Com teus cavaleiros vai-mo tu buscar,  
« Traz-mo aqui de rastros para o degolar. »

Veio o rei à frente dum grande estado,  
Zás ! desbaratei-o com o meu bordão !  
É de temer, é de temer  
Um doido varrido com um pau na mão ! . . .

E sempre a cantar ! e sempre a cantar !

Então a raíña, vileza traíçoeira !  
Chamou inimigos d'além da fronteira . . .  
E tantos ! e tantos ! . . . Que havia de eu fazer ? . . .  
Quebrei de raiva o meu bordão e deixei-me prender . . .

Levado de rastros aos pés da raíña,  
Cuspiu-me na cara !  
Oh, vergonha minha ! por fortuna minha,  
Melhor me matara ! . . . melhor me matara ! . . .  
O gôsto que teve durou-lhe bem pouco . . .  
Foi ela que morreu ! . . . foi ela que morreu ! . . .  
Vi-a passar já no caixão, ia a enterrar . . .  
E sabeis o que eu fiz ? (o que é ser louco ! . . . o que é ser louco !...)  
Desatei a chorar ! . . .

## SCENA XXI

O ESPECTRO DE D. LUÍS

Que remédio, meu filho ! assina tudo . . . assina tudo . . .

Glória, Pátria, Dever,

Bom de dizer !

Assina tudo e vai andando . . . vai andando . . .

Do mister de reinar, que Deus te deu em sorte,

Faz, como eu fiz, modo de vida e não de morte.

E a vida é boa !

A alegria do sangue, os regalos da C'roa,

A mulher, o charuto, o livro, o leito, a mesa,

Lista civil, paz e descanso . . . Com franqueza,

A vida é boa, e vale a pena de a gozar,

Como néctar precioso e raro, — devagar !

Com um pouco de astúcia, um pouco de bondade,

Covardia risonha e indolência de frade,

Conseguirás viver alegríssimamente

Até ser posto de escabeche em S. Vicente.

E, se o destino te arrancar o scetro, vai-te embora

Filosòficamente, sem demora,

Dedicando no exílio uns ócios eruditos

A traduzir em portugûês os meus escritos . . .

Vai a saír e retrocede.

É verdade, Pedro faltou . . . faltou . . . não veio . . .  
Pedro ! meu pobre irmão ! Acordei-o, chamei-o,  
Quis levantar-se, ergueu a fronte, abriu o olhar,  
Exalou um suspiro . . . e tombou a chorar ! . . .

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão* :

O reino é podre . . . o rei é podre . . .  
Oh, que fedor ! oh, que fedor !  
Quando a planta apodrece, a podridão  
Germina em margaridas pelo chão . . .  
Quando apodrece a carne, a sepultura  
Touca-se de verdura . . .  
Lepras e pus, chagas e cancos  
Dão jasmineiros, dão lírios brancos . . .  
Mas do reino e do rei apodrecido,  
Oh, que fedor ! oh, que fedor ! . . . que tem nascido ?  
Mais podridões a fermentar,  
Envenenando a terra, envenenando o ar.  
A gente morreu tôda envenenada . . .  
É côr de sangue a lua, é de crepe a alvorada ! . . .  
Desfolharam-se os bosques pelos montes,  
Há nas rochas gangrena, há peçonha nas fontes !

Destruíram-se os ninhos  
 E emigraram, chorando, os passarinhos!  
 Vivo, só eu fiquei neste monturo  
 De lêdo escuro!  
 O reino é podre... o rei é podre... tudo é podre...  
 Oh, que fedor! oh, que fedor!...

O REI; *volvendo a si, atónito e desordenado:*

Olho e custa-me a crer!... tonto!... a cabeça vária,  
 À roda... Já nem sei... Que noite extraordinária!...  
 Que noite!... aparições, visões, trovões, um pandemónio  
 De inferneiras, de bruxarias do demónio!...  
 Eu 'starei doido ou 'stou sonhando?!... Que aventura! oh que aventura  
 Monstruosa!... Perco a razão... foge-me a vista...  
 O ladrão do maluco e o diabo do cronista  
 Deram-me volta à cachimónia, esfutricada  
 Já de tanto banzé e de tanta noitada!...  
 Quem pudesse dormir!...

Vendo o pergaminho:

Assinemos de vez

Esta léria...

Assinando e chamando :

Marquês !

Aterrado, em altos gritos :

Marquês ! marquês ! marquês !

Raios os partam ! ninguém ouve . . . tudo dorme ! . . .

Sòzinbo ! ! . . .

O DOIDO, *na escuridão* :

Oh, que fedor ! . . . oh, que fedor ! . . .

O REI :

Ah, o móstrengó enorme,

Eu lhe darei a cantilena ! . . . Para açoiros,

Quatro estoirós à queima-roupa ! quatro estoiros !

Surge o espectro de Nunalvares, vestido de monge carmelita. O rei desfalece de novo. Os cães investem, mas, diante do olhar sobreumano do condestável, recuam trémulos, como obedecendo a um fluído mágico.

## O ESPECTRO DE NUNALVARES :

Por teus avós chamaste. Um falta ainda,  
Falta a raiz da árvore de morte,  
Que em ti, vergôntea exausta, expira e finda.

Oh, miseranda, lastimosa sorte,  
A dêste coração desbaratado,  
Que outrora se julgou tão puro e forte !

Deu com êle a gangrena do pecado,  
Qual um bicho escondido que apodrece  
Um deleitoso fruto embalsamado.

Nada valem tenções, nem vale a prece :  
É das obras que vem à criatura  
O galardão e a pena que merece.

Não acuso de ingrata a sorte dura ;  
Volvo-me contra mim unicamente  
Em meu desassossêgo e má ventura.

Tamanino inda eu era, inda inocente,  
Alma cândida e pura, como a rosa,  
Aberta junto d'água ao sol nascente

---

Quando uma noite uma visão formosa  
Me aparece e me diz com voz divina,  
Ao mesmo tempo clara e misteriosa :

« Li numa estrêla d'oiro a vária sina  
Que a esforçadas, magnânimas empresas  
E a feitos não obrados te destina.

« Mas que valem altíssimas grandezas,  
Mas que valem as pompas e as vitórias,  
Se a mundano desejo andarem presas ? !

« Só da fé, só do bem quedam memórias ;  
Tudo o mais é poeira, um vão ruído,  
Uns tumultos de sombras illusórias . . .

« Cavaleiroso coração ardido  
A grande termo levará seus feitos,  
Quando ponha em Jesus alma e sentido.

« Melhor que duro arnez, defendem peitos  
Virtude adamantina e graça clara,  
Com que Deus abroque!a os seus eleitos.

« Sê casto como a luz beijando a seara,  
Firme qual entre as ondas o rochedo,  
Manso como ovelhinha em pedra d'ara.

« E, como o sol d'Abril veste o arvoredo,  
D'armas resplandecentes vestirás  
O teu corpo d'herói, viçoso e ledô.

« Só pela Pátria e Deus batalharás.  
De tua larga mão caíam na terra,  
Num gesto grande a beatitude e a paz.

« Seja neve dos píncaros da serra  
Teu limpo coração, bondoso e humano,  
Quer na tranqüilidade, quer na guerra.

« A tirania ao fim pune o tirano.  
Contra o injusto volta-se a injustiça,  
E a maldade é aos maus que faz o dano.

« Arreda para longe ódio e cubiça ;  
Contra fero inimigo um bravo alento,  
Contra amargura e dor alma submissa.

« Viva dentro da carne o pensamento,  
Na pureza da virgem confinada  
Dentro da cela branca dum convento.

« E a carne exultará transfigurada,  
Qual a nuvem escura em céu ligeiro,  
Em lhe batendo a luz da madrugada.

« De tal guisa, vencendo-te primeiro,  
A todos vencerás como um leão,  
Formidável e nobre cavaleiro.

« E de Cristo e da Pátria em defesa  
Brilhará tua lança como um raio,  
Mandarás tua voz como um trovão ! »

Assim falou (se me abalou julgai-o !)  
A graciosa visão, que se desfez  
Pouco a pouco em suavíssimo desmaio

Donzel eu era já, quando outra vez  
As mesmas falas ela, de improviso,  
Me repete co' a mesma candidez.

Todo cheio de lágrimas e riso,  
Num enlevo quedei, numa ansiedade,  
Mais que da terra já, do paraíso.

E à celeste, benéfica deidade  
Jurei suas razões maravilhosas  
Puramente cumprir e de vontade.

Jurei que nunca minhas mãos culposas  
Mulher manceba haviam de tocar,  
Feita que fôra de luar e rosas.

Jurei, unido em Cristo à luz do altar,  
Pôr batalha de morte a meus desejos  
E meus vícios da carne assossegar.

Anos do mundo, breves ou sobejos,  
Fadigações da vida tão mesquinha,  
Com seus ais, com seu pranto, com seus beijos,

Tudo votei sem pena e bem asinha  
À cruz do Redentor e à cruz da espada,  
Ao meu Deus verdadeiro e à pátria minha,

Jurando guardar sempre, e bem guardada,  
Ūa alma pura em natureza pura,  
Qual em âmbula d'oiro hóstia sagrada.

Ai, de mim ! ai, de mim ! faltei à jura !  
Ai, de mim ! ai, de mim ! porque uma peste  
Logo te não queimou, língua perjura ? !

Ah, donosa visão, visão celeste,  
Bem devera de ter descortinado  
Naquelas altas falas que me deste,

Que eu, em vício de amor sendo gerado,  
Remiria na carne aborrecida  
Pela grã penitência o grã pecado.

Madre senhora ! ó madre estremecida !  
Antes ficaras tu noiva e donzela,  
E eu não abrisse o olhar à luz e à vida !

Ó padre carinhoso ! ó madre bela !  
Vossa culpa caíu no vosso fruto,  
E, com a culpa amarga, o nojo dela !

Queixa não hei de vós : a mim imputo  
Lástima e dano, que me só provém  
Dêste bichoso coração, corrupto.

Por vós criado fui, como ninguém ;  
Vós me guiastes com suave jeito,  
Desde menino a alma para o bem.

Remidor dum pecado eu fôra eleito ;  
Assim mo disse a cândida visão,  
E mo escreveu com lágrimas no peito.

Quando tu, padre meu, alto varão,  
Mulher me cometeste, logo ansioso  
Se me agastou, nublado, o coração.

E tôda a noite o arcanjo luminoso  
Repetindo : Não deixes, filho meu,  
Glória celestial por triste gôzo !

E a miséria da carne me venceu !  
Ó padres ! perdoai, chorai comigo,  
Que o vosso algoz tirânico fui eu !

Eis aqui vosso algoz, vosso inimigo ;  
Por mim no purgatório estais sofrendo,  
E eu soffro, além do meu, vosso castigo.

Oh, destino cruel ! oh, caso horrendo !  
A livrar-vos da falta me hei proposto,  
E sou o Judas negro que vos vendo !

Nem pára aqui meu transe e meu desgosto.  
Como de olhar-me, ó sol deslumbrador,  
Não se te muda em noite a côr do rosto ?

Como não gelas, dize, de pavor,  
Vendo que em fraco peito miserável  
Cabe tormenta assim de nojo e dôr ? !

Ó terra triste ! ó céu inexorável !  
Que ventre de mulher pariu um dia  
Desventura a esta assemilhável ? !

Nobres guerras armei, como cumpria,  
D'ânimo afoito a rudes castelhanos,  
Desbaratando-os Deus por minha via.

Contra seu vão furor, contra seus danos,  
Batalhei desde a alva alegradora,  
Ao derribado ocaso de meus anos.

Sangue de irmãos verti . . . Vertido fôra  
Novamente mil vezes, sem piedade,  
Que alma não é de irmão alma traidora.

Pátria minha gostosa, quem não há-de,  
Em risonho sabor, vida e fortuna  
Dar por teu livramento e majestade !

Como a de fogo altíssima coluna  
Vai do povo de Deus na dianteira,  
Afim que se não perca ou se desuna,

Tal na frente das hostes, sobranceira,  
Contra duro inimigo acovardado,  
Tremeu sempre no ar minha bandeira.

É que nela Jesus ia pregado,  
Jesus, rei das estrêlas, rei do mundo,  
Meu capitão fermoso e sublimado.

Ordenará, porém, o céu profundo,  
Que em tal cometimento era mister  
Carne sem nódoa e coração jucundo.

E estas mãos (ai do feito em que as puser !).  
Tocado haviam já, tornadas lama,  
Com vil desejo, em corpo de mulher.

Fôsse a Virgem celeste a minha dama  
Se, como Galaaz, herói invito,  
Alcançar me propunha honrada fama.

Deus castigou-me o coração maldito :  
Pois que sôbre êle ainda vem pesando  
O carrêgo mortal do meu delito.

Ó cidadela da pureza, quando  
Um vício te faz brecha, sem tardança,  
Prestes os mais acodem galopando.

Em minha carne, um dia honesta e mansa,  
Por onde entrou luxúria malfazeja,  
Entrou ira e soberba, entrou vingança,

Inda me sangue o peito lagrimeja  
Da boa e má tenção, que, desvairadas,  
Armaram nele horrífica peleja.

Oh, pelejas da alma encarniçadas !  
São as outras uns jogos inocentes,  
Com o furor das tuas comparadas.

Anjos d'asas de luz resplandcentes,  
Séculos dia e noite a batalhar  
Com demónios, com tigres, com serpentes !

Ah, nem ousou de espanto relembrar  
Essa guerra feroz, que já não arde,  
Entre meu crime duro e meu pezar . . .

Tão animoso, nela fui covarde ;  
Tão vencedor, a miúdo fui vencido,  
E a vitória, se a hei, me chegou tarde.

Uma noite em que mais me vi perdido,  
Com afinçada raiva e crua sanha  
Dos demónios ardentes combatido,

A visão me ressurgue em forma estranha,  
E em tão grande e mortal melancolia,  
Que nunca em mim a houve assim tamanha.

Um longo véu de dó ela vestia,  
Numa tal soledade e desconforto,  
Que a disséreis a Virgem na Agonia.

Meiga, sem me falar, o olhar absorto  
Pousou em mim então, como se fôsse  
Mãe encarando um filho morto.

No seio me verteu, divina e doce,  
Lágrima d'oiro, e, com suspiro etéreo,  
Silenciosa esmaiando, evaporou-se.

Ó lágrima de dôr, por que mistério  
Súbitamente ao ânimo torvado  
Me deste paz, clareza e refrigério ? . . .

Todo eu me senti purificado :  
Num ditoso sofrer o meu tromento,  
Numa pena bemvinda o meu cuidado . . .

Tal o mísero rei, que vai sangrento  
De perdida batalha, alfim se lança  
Em ditoso e profundo acostamento.

Descobrira que a dôr é irmã da esp'rança :  
E que ao alto perdão, no azul divino,  
Só a humildade, a rastros, se abalança.

Já liberto de espírito malino,  
Com as veras palavras de Jesus  
Assentei de acordar o meu destino.

De mundanários bens fácil dispuz ;  
Que só virtude é oiro, e a mór grandeza  
Da terra são três pregoş numa cruz.

Dentro de mim, numa fogueira acesa,  
Queimei glória e valor : não ficou nada  
Mais que melancolia e que tristeza.

Parti a lança ; pendurei a espada ;  
Com bordão de pastor ou de ceguinho,  
Bem andamos de noite esta jornada.

Fama grande do mundo tão mesquinho,  
Dando às trombetas com ardor, não vôa,  
Onde vôa, cantando, um passarinho.

E onde há, ó meu Jesus, se a dor te crôa,  
Se é teu vestido sangue e o vinho fel,  
Pena digna de nós, que bem nos dôa ?

Sem escudo, sem cota, sem laudel,  
Minha triste nudez arrecollida  
Numa samarra triste de burel,

Determinei findar miséria e vida  
Lá em partes inóspitas, distantes,  
Entre gente comum desconhecida.

Êstes olhos, que arderam relumbrantes,  
Verteriam de dor sangue coalhado,  
Qual os olhos de Job verteram d'antes.

Êstes pés, que no vício hão caminhado,  
Manariam gangrena, já desfeitos,  
Como os pés de Jesus Crucificado.

Êstes braços, altivos de seus feitos;  
De logar em logar, côdeas de pão  
Buscariam, rendidos e sujeitos.

E esta abatida alma de cristão,  
No cárcere da carne prisioneira,  
À míngua mór, à mór tribulação,

Gostosa sorriria e prazenteira,  
Qual o bom lavrador, em vélha idade,  
Sorri festivalmente ao pão na eira.

E, já em Deus o espírito e a vontade,  
Me acolheria às solidões dum ermo,  
Na derradeira angústia e pouquidade.

Lá houvera afinal benigno termo,  
Se, em tão grande, humildosa desventura,  
Prouvera a meu Jesus de conceder-mo.

D'El-Rei me veio o embargo ; e na clausura  
D'A que, chorando estrêlas, nos conforta,  
Em silêncio, escondi minha amargura.

Vida do mundo, junto dessa porta,  
Com o rouco fragor que tudo abala,  
Aos pés, em sombra vã, me caíu morta.

Dir-se-ia que o mar perderá a fala,  
E a terra se volvera em nuvemzinha,  
Bastando um ai de dor a evaporá-la.

Já diversa era ali a pátria minha ;  
Que o trono do meu rei era uma cruz,  
E o chão, banhado em sangue, o da rainha.

Ó Rainha da Angústia ! ó Rei Jesus !  
Venha a nós êsse império onde reinais,  
Todo amor, todo esp'rança e todo luz !

Venham a nosso peito os vossos ais !  
A nossas mãos, ó Cristo, os vossos cravos !  
Maria, à nossa alma, os teus punhais !

Venham a nós as chagas que são favos,  
Venham tua agonia e teu madeiro,  
A nós, ó Rei do Céu, a teus escravos !

Dias de soledade e de mosteiro  
Eu os vivi, na temerosa esp'rança  
Da alva do meu dia derradeiro.

Esta dôr, que abrandou, que se fez mansa,  
Ali chorou aos ais, como perdida  
Num deserto, de noite, uma criança.

E oh, alívio da alma arrependida !  
Quanto mais afincado era o tromento,  
Mais nos ombros ligeira a cruz da vida !

Como no ar o vento sôbre o vento,  
Como no mar a vaga sôbre a vaga,  
Só na dôr tem a dôr sossegamento.

E com a fôlha nua duma adaga  
Todo eu me prazia em revolvê-la,  
Dentro do coração a hedionda chaga !

Qual as tuas, Jesus, quisera eu vê-la  
De purpurina abrir-se numa rosa,  
De inflamada acender-se numa estrêla.

Tôda imunda, porém, tôda verdosa,  
Só matéria escorria peçonhenta,  
Só gângrena letal, cadaverosa.

E eu a escarnava com a mão cruenta.  
E eu lhe metia, para não sarar,  
Carvões a arder na bôca pestilenta.

Mas a Virgem tristíssima, a chorar,  
Lhe derramava, bálsamo divino,  
O luminoso perdão daquelle olhar.

Era assim, irmãmente cristalino,  
O da visão angélica e suave,  
Que amistosa me foi desde menino.

E, a tão cândida luz, meu pezar grave  
Ia alvorando, como rocha bruta,  
Que pouco a pouco se fizesse em ave.

Já da úlcera ardente, quási enxuta,  
Manava um soro apenas, filho ainda,  
De podridão tão negra e tão corrupta.

Hora do livramento, hora bemvinda,  
Uma noite, em um sonho d'esplendor,  
Ma predizeu, chorando, a Virgem linda.

E, abraçando e beijando o Redentor,  
Sem angústia enfadosa, sem queixume,  
Dei a alma nas mãos do Criador.

Esbûlhada de vício e de azedume,  
Às regiões celestes foi voando,  
Como pálida luz solta do lume.

Numa névoa, a boiar, quedou sonhando :  
Sonho de dôr feliz, dôr sem memória,  
Névoa d'ante-manhã que vem raiando.

Não era ainda ali perpétua glória :  
Mas falecera já da vida ausente  
A lembrança amarga e merencórea.

Sono d'alma levíssimo, inocente,  
Em músicas de estrêlas embalado,  
Quem o dormir pudera eternamente !

E um véu de lua cheia, engrinaldado,  
A Virgem desdobrou, em ar divino,  
Sôbre a encantada paz do meu cuidado.

Era uma graça, um bem que eu não defino . . .  
Jucundo enlévo . . . candidez airoso . . .  
Num presepe, a sonhar, feito menino . . .

E uma luzinha ao longe, misteriosa,  
Cantando-me as canções que me cantava  
Minha madre no berço, em Frol da Rosa . . .

Oh, descuidado alívio ! . . . não cuidava  
Que das culpas do mundo temeroso  
Esta essência revel jazia escrava.

Deus a espertou do sono deleitoso,  
E, por mais a punir, inda um momento  
A banhou, ao de leve, em claro gôzo.

Só as estrêlas, só o firmamento  
Recontar poderiam, se quisessem,  
Meu desvairo, meu nojo e meu tromento !

Convinháveis palavras me falecem.  
As que as bôcas dos homens deitam fóra  
Tribulações daquelas não conhecem.

Lá d'alta estância donde venho agora,  
Lá donde o Eterno me elegeu pousada,  
Duzentos anos grandes, hora a hora,

Vi eu, alma em tromento, alma calada,  
Minha pátria, a meu sangue ridimida,  
Por meu sangue afinal desbaratada !

Por sangue do meu sangue foi traída ;  
Eu que alentos lhe dei, lhe dei nobreza  
Ao cabo lhe arranquei nobreza e vida !

Os filhos dos meus filhos, oh, tristeza !  
A danaram com raiva tão medonha,  
Que nem lóbos a hão contra uma presa.

Descendentes da míngua e da vergonha,  
Réprobos eram, pois é justa a lei  
Que do câncaro mau cria a peçonhá.

Feze-os a sina herdeiros do meu rei,  
Por que um a um no trono dessem conta  
Dêste perdido reino, que eu livreí.

E eu lá daquela altura que amedronta,  
Sem poder abalar, correr asinha,  
Vingar com mão sanhosa a dura afronta !

Em vão, oh, dôr cruel ! oh, dôr mesquinha !  
Alevantava súplicas piedosas,  
À dos anjos tristíssima Rainha !

Ela vertia lágrimas fermosas . . .  
E nasciam estrêlas como flores,  
Canteiros de boninas e de rosas . . .

Porém, Deus era surdo a meus clamores !  
Mais pesavam meus crimes na balança,  
Que os teus olhos de luz, ó Mãe das Dores !

Tal um peito rasgado duma lança,  
Que em torvação eterna agonizara,  
Sem alívio, sem morte e sem esp'rança !

Ó filha ! ó anjo pulcro ! ó alva clara !  
Antes em leda e tenra meninice  
Uma víbora má te envenenara !

Antes bôca de monstro te engulisse,  
E daquele êrro o fruto miserando  
Teu ventre criador nunca o parisse !

Vozes tais eu gemia, senão quando  
Ouço como o ruir d'ũa montanha,  
Como um trovão de súbito estoirando !

Deus arrasara a nobre flor da Espanha !  
Nem a Virgem do Carmo em seu mosteiro  
O defendeu de cólera tamanha !

Virgem do Carmo ! vê-la num braseiro,  
Misturada com pedras e destroços,  
Vê-la eu ! seu algoz, e seu coveiro !! . . .

A igreja, que por môr dos olhos vossos  
Alevantei, ó Virgem da Piedade,  
Minha infâmia a ruíu contra os meus ossos !

Grito d'alma naquela imensidade  
Tão agudo expedi súbitamente,  
Que fez branca de dôr a Eternidade !

Assim horrenda, assim diretamente,  
Em quejanda e cruel desventura  
Não foi posto no orbe um ser vivente !

Já dois séculos idos de amargura,  
Acreditei que enfim o Criador  
Houvera dó da triste criatura :

Do meu sangue de lástima e de horror  
Cavaleiroso príncipe foi nado,  
Qual nasce duma campã ebúrnea flor.

Ah, ó nobre donzel, d'olhar fadado,  
A imagem de mim mesmo era talvez,  
Quando isento do vício e do pecado.

Risonha aurora em noite se desfez . . !  
Breve expirou, qual expiraram breve  
Dentro em mim a virtude e a candidez.

Não perdôa o Eterno a quem lhe deve :  
De culpa grande a ofensa lhe devia,  
E o castigo aturado, o julgou leve.

Minha dôr empenosa acabaria  
Com teu acabamento e sorte infanda,  
Último rei de infanda dinastia.

Criatura nojenta e miseranda !  
Ó vítima final ! já na procela  
Descubro o raio, a arder, que Deus te manda !

E a pátria ! o meu amor ! a pátria bela ! . . .  
Em que minguia eu a vejô ! . . . Quem a abraça,  
Quem vai lidar até morrer por ela ? ! . . .

Já o mundo a meus olhos se adelgaça ! . . .  
Montes, fragedos, tudo se evapora . . .  
São nuvens . . . sonho . . . sombra vã que passa . . .

Quási liberto já ! . . . não tarda a hora . . .  
Sorri-me a Virgem ! . . . como vem brilhante ! . . .  
Deus ! . . . quanta luz ! . . . que mar de luz ! que aurora ! . . .

Queda enlevado, extático, sobreumano. Irradia oiro.  
Descortina, súbito, numa panóplia, a vélha espada de  
Aljubarrota. O gládio heróico entre cutelos de verdu-  
gos! Como eximi-lo à afronta, se já mãos de eleito não  
devem tocar em ferros homicidas! Embora! Arran-  
ca-o, beija-o, ergue-o na dextra, e, da varanda, olhando  
a noite, em voz soturna de trovão

Cavaleirosa espada relumbrante!  
Se nesse lôdo amargo um braço existe  
De profeta e de herói, que te levante!

Inda bem que na lâmina persiste,  
Em crua lembrança e galardão,  
Do sangue fraternal a nódoa triste.

Descobre o gládio a quem o houver nã mão,  
Que ante a justiça recta e verdadeira,  
Não há padre, nem madre, nem irmão!

Porém, se a pátria, já na derradeira  
Angústia e míngua onde a lançou meu dano,  
Terra d'escravos é, terra estrangeira,

Rútila espada, que brandi ufano!  
Antes um vélho lavrador mendigo  
Te erga a custo do chão, piadoso e humano!

Volte à bigorna o duro aço antigo ;  
E acabes, afinal, relha de arado,  
Pelos campos de Deus, a lavar trigo.

Arrojando a espada ao abismo da noite :

Deus te acompanhe ! Seja Deus louvado !

Desaparece. O rei fica no chão, imóvel e sem acôrdo.

---

## SCENA XXII

O espectro de Nunalvares atravessa, resplandecendo,  
a escuridão nocturna. Enxerga, a distância, o vulto fan-  
tástico do doido. Pára, surpreendido. Contemplam-se.

O ESPECTRO DE NUNALVARES, *melancólico, fitando o doido* :

Se esta alma, há três séculos gemendo,  
Em carne humana andasse, e, dia a dia,  
A perdição da pátria fôra vendo,

No semblante de louca amostraria  
 Aquela dôr soturna e tenebrosa,  
 Aquele olhar de pasmo e de agonia ! . . .

O DOIDO, *absorto* :

Oh, que figura estranha e luminosa ! . . .  
 Que aparição aquela ! . . .  
 E eu já a vi . . . eu já a vi . . . lembro-me dela . . .  
 Mas onde foi ? . . . Cabeça tonta ! . . . Onde seria ? ! . . .  
 Ah, ah, já me recordo ! . . . quando eu vivia,  
 Tive assim um parente . . . um irmão . . . Um irmão ?  
 Eu nunca tive irmão ! . . .  
 Oh, que loucura ! oh, que loucura !  
 Mas eu conheço êste fantasma . . . esta figura . . .  
 Aquele ar singular de guerreiro e de monge . . .  
 Eu conheço-o . . . Mas onde foi ? quando é que foi ? lá muito ao longe . . .  
 Muito ao longe . . . Ora espera ! . . . Já sei ! Não era irmão, não era . . .  
 Fui eu próprio ! . . . Fui eu assim ! . . . Fui eu ! fui eu ! fui eu !  
 É tal e qual . . . é exacto,  
 O meu retrato ! . . .  
 Fui eu ! . . .  
 . . . . .  
 Ah, fui eu . . . um outro eu . . . que andou no mundo e já morreu !

## SCENA XXIII

Corre, de braços abertos, para o espectro, que subitamente se evapora. Relâmpago abrasador. Trovão medonho. Chovem os raios no castelo. O incêndio, num minuto, veste-o de lavaredas fabulosas. Estrondos de explosões, derrocamentos de muralhas, gritos de angústia, alaridos de pânico.

O DOIDO, *triumfante, num regosijo de criança, vendo as lavaredas a brilhar :*

Olha o palácio a deitar chamas dos telhados ! . . .

A arder ! . . . a arder ! . . .

Lá arde o rei, o trono, a côrte, os cães . . . Ah, cães danados

Ides morrer queimados !

Tudo a arder ! . . . tudo a arder ! . . .

Que lavaredas ! Que esplendor ! Ai, que alegria !

Parece dia ! . . .

Vão os galos cantar

E trinar, de surpresa, a cotovia ! . . .

Rolos de fumo em sangue pelo ar . . .

Desabamentos . . . vigamentos a estoirar . . .

Oh, que fogueira ! . . . oh, que fogueira ! . . . Ai, que alegria !

Que chamas d'ouro relumbrantes ! . . . Andem vê-las . . .

Olha a subirem para o céu milhões de estrêlas,

Tantas estrêlas, tantas, tantas,  
Que o castelo abrasado  
Vai-nos deixar o céu azul todo estrelado !  
Ó lavaredas d'oiro ! ó lavaredas santas !  
Subi ! subi ! subi ! . . . dai luz e dai calor ! . . .  
Vós que não tendes fogo em vossas casas,  
(Que lindas brasas ! que lindas brasas !)  
Vinde assentar-vos e aquecer-vos ao redor !  
Oh, surdi de tropel, em alcateias,  
Miseráveis, famintos, vagabundos !  
Surdi das tocas negras das aldeias,  
Dos matagais profundos,  
Das pocilgas, dos antros, das cadeias,  
E em turba-multa, em debandada, aos milhões, aos milhões,  
Vinde aquecer as mãos neste braseiro,  
Vinde aquecer as mãos, vinde aquecer os tristes corações ! . . .  
Já vai florir nas sebes o espinheiro,  
Já vão florir nas bôcas virgens as canções ! . . .

.....  
Dobram os sinos . . . dobram os sinos . . . Deixa dobrar !  
Foi Deus que deitou fogo àquilo tudo . . .  
Quem no há-de apagar ? ! . . .  
Repica os sinos, meu sineiro campanudo,  
Que à volta da fogueira as môças tôdas vão bailar ! . . .

.....  
E eu vou ter, que prazer !  
Mal sabeis . . . mal sabeis o que eu vou ter ! . . .

A minha alma ! a minha alma ! . . . nova . . . nova,  
Como um sol de aleluia a refulgir !  
Ela estava ali presa numa cova . . .  
Ardeu o rei, ardem os cães . . . e vai fugir !

O incêndio devorou o palácio. Ardeu tudo : mármore e madeira, rei e cortesãos, oiros e brocados, alfaias e baixelas. Salvaram-se os cães : nada mais. De entre os escombros, fumegando, ergue-se religiosamente, em ascensão eucarística, um vulto angélico de mulher. O corpo é de luar de opala, a túnica de luar de neve, e os olhos, fundos e dolentes, de luar de lágrimas. Peito manando sangue, olhos chorando estrêlas, caminha suspensa, direita ao doido, num sonambulismo vago e melancólico. Poisa em terra, com a graça aérea dum arcanjo. É a alma do doido. Trezentos anos sem se verem ! Contemplam-se. Como estão mudados ! . . .

O DOIDO, em frente da alma, já recuperando a lucidez :

Ó alma vagabunda, alma exilada,  
Eis teu corpo infeliz, tua triste morada :  
Vê, que abandôno e que pobreza !  
Ninguém te espera ! nem candil na escada  
Nem banqueté na mesa !  
Vens tranzida de frio a tiritar ? . . .  
Não há lume no lar !  
Vens morta de miséria e de aflição ? . . .  
Não há vinho, nem pão !

Vens fatigada repousar ? . . . Porém,  
Não há leito também !  
Tua casa deixaste,  
Teu albergue natal desamparaste,  
Numa noite d'horror . . .  
E os ventos e as procelas  
Desmantelaram portas e janelas,  
Desmoronaram tetos com furor . . .  
Restam negras paredes lastimosas  
Do teu ninho d'amor ! . . .  
Há cardos na varanda em vez de rosas,  
Luto e morte nas salas pestilêntes . . .  
Na alcova onde dormias,  
(Oh, mal dirias ! mal dirias !)  
Hoje dormem as c'rujas e as serpentês ! . . .  
E tu, ó alma triste, alma exilada,  
Branca, da alvura mesta dos sudários,  
De que prisões, de que galés, de que calvários,  
Vens a rastros assim crucificada !  
Quem te cobriu de lágrimas e sangue ?  
Quem trespassou teu coração exangue  
De tanta dôr e tanta punhalada ? !  
Regressas ao teu lar, alma divina,  
Para morrer aqui ;  
E no teu lar contempas uma ruína,  
E êle uma sombra em ti ! . . .

.....

Entra no lar . . . entra no túmulo . . . descansa,  
Alma pobre, varada de amarguras,  
Alma sem fé e sem esp'rança !  
Entra no lar abandonado . . . entra às escuras . . .  
Deita-me a um canto sonolentemente,  
E extinta e muda, vulto vago, informe,  
Nunca mais abras teu olhar silente,  
Dorme ! repousa eternamente . . . dorme !

.....

A alma embebê-se-lhe no corpo.

Alma a expirar, clarão sombrio,  
Porque vieste  
Iluminar um túmulo vazio ? ! . . .  
Porque vieste  
Ressuscitar de novo, inda um momento,  
A poeira do meu nada ? ! . . . Antes o vento  
A sacudisse inânime e delida  
Na eterna paz do eterno esquecimento !  
Memória ! espelho fúnebre da vida,  
Porque me vens de súbito trazer  
A apagada, a esquecida  
Imagem tormentosa do meu ser !  
Que despertar medonho  
Da caótica noite do meu sonho ! . . .

Antes o sonho louco, o sonho vão !  
Cavaleiro magnânimo de outrora,  
Contempla o teu retrato . . . olha-o agora . . .  
Nem a ti próprio te conheces, não !  
E és tu, és tu, ó cavaleiro antigo,  
Êste pálido e trôpego mendigo,  
Êste mendigo ensangüentado e nu ! . . .  
Nem semelhança leve achas contigo ?  
Repara bem . . . repara bem . . . és tu ! . . .

.....

Num ímpeto de orgulho e de vanglória :

E astros do céu, povos da terra, ondas dos mares,  
Viram passar, como ãa águia ovante,  
O meu pendão quimérico nos ares !  
Retumbaram meus feitos de gigante  
Pelo universo, em ecos seculares !  
Cavaleiro e argonauta vagabundo,  
Gravaram sôbre terra e mar profundo  
Mil roteiros de luz os passos meus,  
Como se houvera circundado o mundo,  
Listrando-o a-fogo, o Espírito de Deus !  
Minha abrasada crença visionária,  
Medindo o globo inteiro, achou-o estreito . . .

E a alma da humanidade, imensa e vária,  
Nũa maré de assombros, tumultuária,  
Bateu um dia junta no meu peito !  
Vinham bandos de frotas portentosas  
Páreas de reis trazer-me alegremente :  
Maravilhas estranhas, caprichosas,  
De longínquas cidades fabulosas,  
Berços d'ouro de sol resplandecente ! . . .  
Nas mil tôrres, mais altas do que a Fama,  
Do meu empório vasto olhando o mar,  
Via-se o globo e a cruz como auriflama,  
E sôbre globo e cruz, d'asas de chama,  
Minha epopeia homérica a cantar ! . . .

.....

Ah, do sono da morte enregelado  
Porque havias de, ó alma, despertar ? ! . . .  
Que é da grandeza heróica do passado,  
Que é das tôrres d'outrora olhando o mar ? ! . . .  
Blocos no chão, vestidos d'heras,  
Ameias, gárgulas, esferas,  
Poeiras de sonhos, de quiméras,  
Luto, nudez, desolação,  
Eis os restos de tantos extermínios,  
De tanta dôr e tanta maldição ! . . .  
Já nem cabe sequer em meus domínios  
À magra sombra vã do meu bordão !  
Régios palácios, fortalezas,

Mosteiros, campas, catedrais,  
Orgulhosos padrões de mil empresas,  
Conspurcados de lama e de impurezas,  
Entre montes de entulho e silveirais !  
Meus impérios distantes divididos,  
Minha terra natal inculta e só ! . . .  
Loucos de dôr, em tórvos alaridos,  
Correm bandos de aldeões espavoridos,  
Miseráveis tropeis de luto e dó . . .  
Por mim passam atónitos, julgando  
Ver um monstro maldito,  
Um espectro soturno e formidando . . .  
Da escuridão do nada ressuscito . . .  
Abro os olhos na treva . . . estendo as mãos . . .  
E de mim fogem com horror, clamando,  
Meus parentes, meus filhos, meus irmãos . . .  
. . . . .  
Deus, onde estás ? ! . . .  
Deus ! a mentira eterna ! . . .  
Algum lóbo voraz,  
Mais piedoso que o céu que nos governa,  
Pode emprestar-me um antro, uma caverna,  
Onde se durma e se agonize em paz ? ! . . .  
. . . . .

Ao cabo dum longo e meditativo silêncio :

Oh justiça do Espírito divino,  
Pensando bem, bem clara te revelas  
Na trágica lição do meu destino !  
Minhas glórias passadas ! . . . É por elas,  
Que eu hoje estou sofrendo e me crimino !  
Minhas glórias ! . . . infâmias e vergonhas  
De ladrão, de pirata e de assassino !  
Que bárbaras, que atôzes, que medonhas,  
A escorrer sangue negro e pestilento,  
As vejo em tórno a mim neste momento,  
Essas glórias nefandas, que eu supus  
D'ouro e de luz !  
A epopeia gigante !  
Empresas imortais ! feitos sublimes !  
Grandeza louca dum instante . . .  
Miséria eterna . . . meus eternos crimes !

.....  
Novos mundos eu vi, novos espaços,  
Não para mais saber, mais adorar :  
A cubiça feroz guiou meus passos,  
O orgulho vingador moveu meus braços  
E iluminou a raiva o meu olhar !  
Não te lavava, não, sangue homicida,  
Nem em mil milhões d'anos a chorar ! . . .  
Cruz do Gólgota em ferro traduzida,

Minha espada de herói, ó cruz de morte,  
Cruz a que Deus baixou por nos dar a vida ;  
Vidas ceifando, desumana e forte,  
Ergueste impérios, subjugando o Oriente,  
Mas Deus soprou . . . ei-los em nada . . .  
E te cravou a ti, vermelha espada,  
Nesta alma de lobo eternamente !  
Ó espada de dôr, abre-me o peito !  
Rasga de lado a lado o coração !  
Rasga-o, meu Deus, e torna-o perfeito,  
Que eu te bemdigo e louvo e me sujeito,  
Sem uma queixa, aos golpes da tua mão !  
Seja feita, Senhor, tua vontade,  
Venha o remorso igual à iniquidade,  
Deus de justiça e luz, Deus de perdão !

.....

Nunca nascido houvera o resplendor  
Do dia, em que no abeto milenário  
Pus o gume do aço com furor !

Antes aparelhara o meu calvário,  
Antes a minha tumba silenciosa  
Com o tronco do roble funerário !

Antes mil vezes, do que a aventureosa  
Barca ligeira, que levou seu guia  
Dos desastres à praia fabulosa !

E, a meus golpes crueis, eu bem ouvia  
Uma alma no roble que chorava,  
Um coração lá dentro que gemia !

Um coração de avô que perdoava,  
Só com ais de amargura respondendo  
A cada novo golpe que eu lhe dava.

Eu os traduzo hoje, eu os entendo,  
Os merencóreos ais vaticinantes  
Das lágrimas de fel que estou bebendo !

À sombra de teus ramos verdejantes,  
Ó árvore formosa, bem quisera  
Adormecer eu inda como dantes ! . . .

Não abatessem minhas mãos de fera  
O teu corpo sagrado, roble augusto,  
Patriarca da lei vestido de hera !

Fôsse eu ainda o camponês adusto,  
Lavrador matinal, risonho e grave,  
D'alma de pomba e coração de justo !

Sentisse eu inda a música suave  
Da candura feliz no peito agreste,  
Qual em rorida brenha um trino de ave !

Em vez do mundo (fome, guerra e peste !)  
Conquistasse, por única vitória,  
Os tesoiros sem fim do amor celeste.

Nunca de feitos meus cantasse a História ;  
Ignorasse o meu nome a voz da Fama  
E a minha sombra humilde a luz da Glória.

Vivesse obscuro e triste, erva da lama ;  
Nas alturas, porém, fôsse contado  
Entre os que Deus aceita, os que Deus ama.

No mundo, bicho ignoto e desprezado ;  
Mas, nos reinos da luz adamantina,  
Um cavaleiro grande e sublimado,

Cai-lhe o livro das mãos. Erguendo-o e beijando-o com fervor :

E contudo, alma infame e libertina,  
Em teu horror, esqualido e sangrento,  
Uma luz existiu, que era divina !

Uma luz existiu, que num momento  
Fez o dia mais claro e mais jucundo,  
Pôs mais cêrca da terra o firmamento !

Ó lira d'oiro que abalaste o mundo !  
Sonho d'astros ! . . . ó fúlgida epopeia !  
Canta, dá vida nova ao moribundo !

Da cólera do Eterno a maré cheia,  
Naus, barbacãs, palácios, de improviso  
Levou tudo nas ondas, como arca . . .

Levou tudo nas ondas . . . ficou isto !  
Ficou na mão exangue a lira d'oiro,  
E é por ela existir que eu inda existo ! . . .

Lira de Orfeu ! meu único tesoiro !  
Bem como a voz do mar enche uma gruta,  
Encheu o azul teu canto imorredoiro !

---

Pudesse eu, d'alma livre e resoluta,  
Olhos no fogo da manhã nascente,  
Erguer ainda os braços para a luta !

Não, como outrora, para a luta ardente  
Da riqueza e grandeza, que é vaidade . . .  
Da fortuna, que é sombra que nos mente . . .

Seja a hora do prélio a Eternidade !  
E o globo estreito a arena, onde não cansa  
A batalha do Amor e da Verdade !

Cavaleiro de Deus, ergue-te e avança !  
Põe na bigorna os cravos de Jesus ;  
Bate-os cantando . . . É o ferro da tua lança !

Faz a haste da lança duma cruz ;  
Vai, cavaleiro, de viseira erguida,  
Dá lançadas magnânicas de luz ! . . .

E hão-de estrêlas sangrar, de cada f'rida,  
Que em rosários, ardendo, chorarão  
Uma a uma no Gólgota da Vida.

Ah, sonho de esplendor, que sonho em vão !  
Põe os olhos em ti, alma de hiena,  
Em teu rebaixamento e escuridão ! . . .

Como nascer em pútrida gangrena,  
Sob os olhos de Deus, a flor de encanto,  
Vaso de ideal, a mística açucena !

Como ? chorando ; derretendo em pranto  
As máculas do crime ; e o criminoso,  
Vestido de esplendor, ficará santo.

A Dôr, a eterna Dôr, eis o meu gozo.  
O pão do meu banquete, cinza escura,  
E o meu vinho jovial, fel amargoso.

É a Dôr quem liberta a criatura :  
Ou em miséria humana ande encarnada,  
Ou em tigre feroz ou rocha dura.

Oh, abrasa-me a alma envenenada,  
Faz em carvão meu coração perverso,  
Dôr temerosa, Dôr idolatrada,

O Dôr, filha de Deus, mãe do universo !

Longo silêncio. Transe-lhe a alma, de repente, um frémito de angústia. Adivinha no escuro, marchando, a Fatalidade inexorável. Suor de Agonia. Com um ai cruciante :

A hora grande, a hora imensa,

Já por um fio está suspensa . . .

Não tarda muito que ela dê ! . . .

Carne medrosa, porque tremes ? . . .

Ó alma ansiosa, porque gemes ? . . .

Porque ? ! . . .

Arde na Dôr, carne maldita !

Revive em Dôr, alma infinita !

Na Dôr bemdita espera e crê ! . . .

Marcha de tropel, na escuridão, um bando de corsários, gigantes espadaúdos e membrudos, rosto sanguíneo, cabelos de oiro fulgurando. Entoam, epiléticos de alcool, uma canção infrene e vagabunda. Relampeiam as armas, à claridade vermelha dos archotes. O andar é deliberado e resolutivo, como o de quem trilha, às escuras, uma vereda já sabida. É que na dianteira, a encaminhá-los, Iago e Judas trotam sombrios e ofegantes. Um dos marinheiros, brincando, meteu o Veneno no bôlso. Os cães, pelo instinto, levam a horda temerosa em direcção ao doído. Apenas o descobrem, estacam de súbito, ladrando raivosos e covardes, como a dizer : — Ei-lo ! Aí o tendes : — O vélho herói, pálido de morte, fita-os soberanamente desdenhoso. Rodeiam-no, tumultuando e clamorando. Brilham adagas, lâminas frias de cutelos. Deitam-lhe algêmas, dão-lhe bofetões, insultam-no, mascarram-no de lôdo, cospem-lhe na cara. E a face do herói sôbreumanamente resplandece, como zurzida por estrêlas. Em meio de chufas e labéus o arrastam ao alto da montanha, onde a cruz negra e sanguinolenta lhe estende os braços

para a Dôr. Com vilipêndio o desnudam, por escárnio lhe cingem uma tanga de cafre, e, a marteladas truculentas, desumanos o pregam no madeiro bárbaro. Ao tôpo da cruz, desenhada a sangue, esta ironia: — *Portugal, rei do Oriente!* — Expele o seio do mártir um ai agudo, lança angustiosa de varar infinitos. E a Dôr o exalta, a Dôr o diviniza: É de alabastro o corpo macerado, as longas barbas ondeantes de luar choroso, e os olhos fundos e proféticos, duas cavernas de noite, com estrélas. À volta os verdugos tripudiam e cantam. Bôcas aguardentadas rugem blasfêmias e sarcasmos. Atiram-lhe pedras, que se convertem em rosas. Atiram-lhe estêrco, e chegam-lhe lírios e açucenas. Os cães, furibundos, pulam em vão, desaustinados, a ver se o mordem; e, insaciáveis, abocanham o tôro do madeiro, lambendo avidamente o sangue fresco a gotejar. Depois, escumantes de raiva, ladram à cruz, hienas possessas e diabólicas. Varreu a tormenta. A noite desmaia. Já os aventureiros, levando os cães, embarcam na galera. Os olhos do moribundo pairam em volta, suplicantes. Cemitério deserto, Ninguéim. Campos revoltos, carcavões tenebrosos, ossadas de penedias, um castelo derruído fumegando, esqueletos de gente em esqueletos de árvores, terra de pavor, terra de morte, onde a única vida, bruxuleante, é uma agonia numa cruz. Quási a expirar, soltando um gemido:

Pranto, que manas dos meus olhos,

Bemdito és!

Bemdito és, porque és o mar de pranto

Que os meus crimes verteram pelo mundo . . .

Sangue a correr das minhas f'ridas,

Bemdito és!

Bemdito és, porque és o mar de sangue

Do meu orgulho e minha iniquidade . . .

Súbito, numa visão interior, descobre em roda d'êle as nações armadas, cêrco de lóbos à volta dumã presa. Já no estertor, agonizando :

Deus ! abandonas-me ! . . .

Expira. Clareia, roxa, a manhã de Novembro, triste lençol de misericórdia, a que limpassem forcas ou calvários. Um aldeão senil e vagabundo, caminha ao longe, trôpegamente, como um fantasma, em direcção à cruz. Rôto, cheio de lama e de sangue, no bordão aos ombros uma taleiga, e, escondida no peito, aninhada nos braços, uma criancinha forte e luminosa. Vêlho e doente, perdeu-se de noite na debandada trágica, não alcançou o navio, já o não enxerga . . . onde irá êle ! . . . onde irá êle ! . . . Por montes e mares circundeia os olhos enublados de horror, desorbitados de loucura . . . Ninguém ! ninguém ! ninguém ! Campos desertos, ondas sem uma vela, e nos bosques, mirrados, sem uma fôlha, carcassas pútridas . . . ninguém ! . . . Dum povo exilado ficára êle só, cadáver ambulante, espectro bissonho, a chorar num ermo, com o seu netinho nos braços. Aproximando-se da cruz, reconhece o doido, o estranho doido inofensivo, que a horas mortas vagueava, ululando, por cerros e quebradas, e a quem êle tantas vezes, benignamente, dera agasalho e dera pão. Quem o crucificou ? ! . . . Porque seria ? ! . . . Mete mêdo e respeito . . . Que estatura de homem ! . . . que gigante ! . . . Morto, semelha um Deus ! . . . E, fronte descoberta, — Avé-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bemdita sois vós entre as mulheres . . . — E os olhos da criança devoram a cruz, estrêlas inocentes, cheias de angústia e cheias de alma . . . Há naquele olhar uma inconsciência misteriosa, que adivinha . . . Luz enigmática, vem de longe, do fundo do passado, morrendo ao longe, em sonho, nas obscuridades do porvir . . . Êsse vêlho fantasma, com êsse menino ao

colo, lembra a derradeira árvore dum bosque, árvore nua e carcomida, com uma florinha última no tronco. Flor de morte! . . . flor d'esperança! . . . Nasceu dum cadáver, e dela se hão-de gerar, talvez, os rumorosos bosques de amanhã! . . . O aldeão, assombrado, meio louco, procura o castelo do rei . . . evaporou-se . . . já o não avista. Em frente, na montanha, só lavaredas e ruínas. Vai descendo, descendo, descendo, e lá ao fundo estaca de improviso, inclina-se, e vê no chão, abandonada, uma arma guerreira. É o montante de Nunalvares. Empolga-o a custo. Os braços da criança estendem-se com avidez, numa alegria doida . . . Nobre montante, qual o teu destino? Sulcarás, relha de arado, a gleba deserta dêsse camponês? Nas mãos dessa criança, um dia homem, brilharás acaso, espada de fogo e de justiça? Mistério . . . mistério . . . Invisivelmente, saudando a luz, as cotovias gorjeiam . . .

FIM

## ANOTAÇÕES



## Balanço patriótico :

Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúcio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, bêsta de nora, agüentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de misérias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes, a energia dum coice, pois que nem já com as orelhas é capaz de sacudir as moscas ; um povo em catalépsia ambulante, não se lembrando nem donde vem, nem onde está, nem para onde vai ; um povo, enfim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional, — reflexo de astro em silêncio escuro de lagoa morta ;

Um clero *português*, desmoralizado e materialista, liberal e ateu, cujo vaticano é o ministério do reino, e cujos bispos e abades não são mais que a tradução em eclesiástico do fura-vidas que governa o distrito ou do fura-urnas que administra o concelho (1) ; e, ao pé dêste clero indígena, um clero jesuítico, estrangeiro ou estrangeirado, exército de sombras, minando, enredando, absor-

---

(1) Há excepções individuais, claramente. A fisionomia geral, no entanto, é aquela.

vendo, pelo púlpito, pela escola, pela oficina, pelo asilo, pelo convento e pelo confissionário, — fôrça superior, cosmopolita, inventável, adaptando-se com elasticidade inteligente a todos os meios e condições, desde a aldeola ínfima, onde berra pela bôca epiléptica do fradalhão milagreiro, até à rica sociedade *elegante* da capital, onde o jesuitismo é um dandismo de sacristia, um beatério chic, Virgem do tom, Jesus de high-life, prédicas untuosas (monólogos ao divino por Coquelíns de fralda) e em certos dias, na igreja da moda, a bonita missa encantadora, — luz discreta, flores de luxo, paramentos raros, cadeiras cómodas, latim primoroso, e hóstia *glacée*, com pistache, da melhor confeitaria de Paris ;

Uma burguesia, cívica e politicamente corrupta até à medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavra, sem vergonha, sem carácter, havendo homens que, honrados (?) na vida íntima, descambam na vida pública em pantomineiros e sevandijas, capazes de tôda a veniaga e tôda a infâmia, da mentira à falsificação, da violência ao roubo, donde provém que na política portuguesa sucedam, entre a indiferença geral, escândalos monstruosos, absolutamente inverosímeis no Limoeiro (1) ;

Um exército que importa em 6.000 contos, não valendo 60 réis, como elemento de defesa e garantia autonómica ;

Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo ; êste criado de quarto do moderador ; e êste, finalmente, tornado

---

(1) Se o Nazareno, entre ladrões, fôsse hoje crucificado em Portugal, ao terceiro dia, em vez do Justo, ressuscitariam os bandidos. Ao terceiro dia ? que digo eu ! Em 24 horas andavam na rua, sãos como pêros, de farda agaloada e grã-cruz de Cristo.

absoluto pela abdicação unânime do país, e exercido ao acaso da herança, pelo primeiro que sai dum ventre, — como da roda duma lotaria ;

A Justiça ao arbítrio da Política, torcendo-lhe a vara a ponto de fazer dela um saca-rôlhas ;

Dois partidos monárquicos, sem idéas, sem planos, sem convicções, incapazes, na hora do desastre, de sacrificar à monarquia ou meia libra ou uma gota de sangue, vivendo ambos do mesmo utilitarismo scéptico e pervertido, análogos nas palavras, idênticos nos actos, iguais um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se amalgamando e fundindo, a-pesar-disso, pela razão que alguém deu no parlamento, — de não caberem todos duma vez na mesma sala de jantar ;

Um partido republicano, quási circunscrito a Lisboa, avulmando ou diminuindo segundo os erros da monarquia, hoje aparentemente forte e numeroso, àmanhã exaurido e letárgico, — água de pôça inerte, transbordando se há chuva, tumultuando se há vento, furiosa um instante, imóvel em seguida, e evaporada logo, em lhe batendo dois dias a fio o sol ardente ; um partido composto sobretudo de pequenos burgueses da capital, adstritos ao sedentarismo crónico do metro e da balança, gente de balcão, não de barricada, com um estado maior pacífico e desconexo de vélhos doutrinários, moços positivistas, românticos, jacobinos e declamadores, homens de boa-fé, alguns de valia mas nenhum *a valer* ; um partido, enfim, de índole estreita, acanhadamente político-eleitoral, mais negativo que afirmativo, mais de demolição que de reconstrução, faltando-lhe um chefe de autoridade abrupta, uma dessas cabeças firmes e superiores, olhos para alumiar e bôca

para mandar, — um dêesses homens predestinados, que são em crises históricas o ponto de intercepção de milhões de almas e vontades, acumuladores eléctricos da vitalidade duma raça, cérebros omnímodos, compreendendo tudo, adivinhando tudo, — livro de cifras, livro de arte, livro de história, simultâneamente humanos e patriotas, do globo e da rua, do tempo e do minuto, fôrças supremas, fôrças invencíveis, que levam um povo de abalada, como quem leva ao colo uma criança ;

Instrução miserável, marinha mercante nula, indústria infantil, agricultura rudimentar ;

Um regime económico baseado na inscrição e no Brasil, perda de gente e perda de capital, autofagia colectiva, organismo vivendo e morrendo do parasitismo de si próprio ;

Liberdade absoluta, neutralizada por uma desigualdade revoltante, — o direito garantido virtualmente na lei, posto, de facto, à mercê dum compadrio de batoteiros, sendo vedado, ainda aos mais orgulhosos e mais fortes, abrir caminho nesta porcaria, sem recorrer à influência tirânica e degradante de qualquer dos bandos partidários ;

Uma literatura iconoclasta, — meia dúzia de homens que, no verso e no romance, no panfleto e na história, haviam desmornado a cambaleante scenografia azul e branca da burguesia de 52, opondo uma arte de sarcasmo, viril e humana, à frandulagem pelintra da literatura oficial, carimbada para a immortalidade do esquecimento com a cruz indelével da ordem mendicante de S. Tiago ;

Uma geração nova das escolas, entusiasta, irreverente, revolucionária, destinada, porém, como as anteriores, viva maré

dum instante, a refluir anódina e apática ao charco das conveniências e dos interesses, dela restando apenas, isolados, meia dúzia de homens inflexos e direitos, indenes à podridão contagiosa pela vacina orgânica dum carácter moral excepcionalíssimo.

E se a isto juntarmos um pessimismo canceroso e corrosivo, minando as almas, cristalizado já em fórmulas banais e populares, — *tão bons são uns como os outros, corja de pantomineiros, cambada de ladrões, tudo uma choldra, etc., etc.*, — teremos em sintético esbôço a fisionomia da nacionalidade portuguesa no tempo da morte de D. Luís, cujo reinado de paz podre vem dia a dia supurando em gangrenamentos terciários.

O advento do materialismo burguês, inaugurado pela ironia scéptica do Rodrigo, acabava pela galhofa cínica do Mariano. O riso de sibarita, levemente amargo, desfechava no riso canalha, de garotão de aljube. O patusco terminava em malandro.

A burguesia liberal, mercieiros-viscondes, parasitagem burocrática, bacharelize ao piano, advogalhada de S. Bento, *morgadinhas, judias*, sinos, estradas, escariolas, estações, inaugurações, locomotivas (religião do Progresso, como êles diziam), todo êsse mundo de vista baixa, moralmente ordinário e intelectualmente reles, ia agora liquidar numa infecta *débâcle* de casa de penhores, num Alcácer-Kibir esfarrapado, de feira da ladra.

A nação, como o rei, ia cair de podre.

O conflito inglês e a revolução brasileira, dois cáusticos, puseram a nu, de improviso, tôda a nossa debilidade orgânica, — miséria de corpo e miséria de alma.

Falecimento e falência. Ruínas. Montões de vergonhas, tra-

pos de leis, cisco de gente, lama de impudor, carcassas de bancos, famintos emigrando, porcos digerindo, ladroagem, latrinagem, um salve-se quem puder de egoísmos e de barrigas, derrocada dum povo numa estrumeira de inscrições, — 700 mil contos de calote público, a bela colheita do torrão português, regado a oiro, a libras, desde 52 até 90.

A crise não era simplesmente económica, política ou financeira. Muito mais : nacional. Não havia apenas em jôgo o trono do rei ou a fortuna da nação. Perigava a existência, a autonomia da pátria. Hora grande, momento único. A revolução impunha-se. Republicana ? Conforme. Se o monarca nos saísse um alto e nobre carácter, um grande espírito, juvenil e viva encarnação de ideal heróico, tanto melhor. A revolução estava feita. Imprimia-se, dum dia ao outro, no Diário do Govêrno.

Mas feita com quem, perguntarão, se tudo era lôdo ? Feita com o elemento moço do exército e da marinha, com quási todo o partido republicano (1), com individualidades íntegras e notáveis dos partidos monárquicos, com a juventude das escolas, com um sem-número de indiferentes por nojo e por limpeza, com os duzentos homens de sério valor inlelectual dispersos nas letras, nas sciências, no comércio e na indústria, e com o povo, o povo inteiro, que acordaria, Lázaro estremunhado, da sua campa de três séculos, à voz dum vidente, ao grito dum Nunalvares.

O português, apático e fatalista, ajusta-se pela maleabilidade

(1) Continuará a haver algumas dúzias de republicanos, por coerência, brio pessoal ou teima doutrinária. O espírito republicano que alarrou no país, êsse extinguiu-se, ou antes não se tinha gerado.

da indolência a qualquer estado ou condição. Capaz de heroísmo, capaz de cobardia, toiro ou burro, leão ou porco, segundo o governante. Ruge com Passos Manuel, grunhe com D. João VI. É de raça, é de natureza. Foi sempre o mesmo. A história pátria resume-se quasi numa série de biografias, num desfilar de personalidades, dominando épocas. Sobretudo depois de Alcácer. Povo messiânico, mas que não gera o Messias. Não o pariu ainda. Em vez de traduzir o ideal em carne, vai-o dissolvendo em lágrimas. Sonha a quimera, não a realiza.

O próprio Pombal é o *Desejado* ? Não. Fez-se temer, não se fez amar. Cabeça de bronze, coração de pedra. Moralmente, ignóbil. Rancoroso, ferino, alheio à graça, indiferente à dôr. Inteligencia vigorosa, material e mecânica, sem vô e sem asas. Um brutamontes raciocinando claro. Falta-lhe o génio, o dom de sentir, nobreza heróica, vida profunda, — humanidade, em suma. Máquina apenas. Não criou, produziu. A criação vem do amor, a génese é divina. Criar é amar. Por isso a obra lhe foi a terra. Pulverisou-se. Só dura o que vive. Uma raíz esteia mais que um alicerce. Pombal em três dias, num deserto, quis formar um bosque. Como ? Plantando traves. Adubou-as com mortos e regou-as a sangue. Apodreceram melhor.

Sei muito bem que o estadista não é o santo, que o grande político não é o mártir, mas sei também que tôda a obra governativa, que não fôr uma obra de filosofia humana, resultará em geringonça anedótica, manequim inerte, sem olhar e sem fala.

A ductilidade, quasi amorfa, do carácter portugêus, se torna duvidosas as energias colectivas, os espontâneos movimentos nacionais, facilita, no entanto, de maneira única, a acção de quem

rege e quem governa. Cera branda, os dedos modelam-na à vontade. Um grande escultor, eis o que precisamos.

Há, além disso, bem no fundo dêste povo um pecúlio enorme de inteligência e de resistência, de sobriedade e de bondade, tesouro precioso, oculto há séculos em mina entulhada. É ainda a sombra daquele povo que ergueu os Jerónimos, que escreveu os Lusíadas. Desenterremo-la, exumemo-la. Quem sabe, talvez revivesse!

Fôra o rei um *homem*, que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão política, da forma de govêrno. Essencial, a forma do governante: Prefiro uma boa república a uma boa monarquia. A coroa de rei, de pais a filhos transmissível, cõmo a coroa de Vénus; o tronõ hereditário como as escrófulas, — absurdo evidente. Mas se de absurdos anda cheio o mundo! Salta-se menos da *majestade* à *ex.<sup>a</sup>* que da *ex.<sup>a</sup>* ao *tu*. Impero eu mais no meu criado que o rei em mim (1). Há em cada burguês uma monarquia. Milhões de burgueses, milhões de absurdos. E eliminam-se acaso numa hora?

Não se tratava por enquanto de modalidades orgânicas de existência; tratava-se de existir. Problema social e problema político marchariam evolutivamente na órbita ininterrupta do seu destino. Quando um vapor alagado vai ao fundo, discute a marinhagem construções navais? Primeiro salvá-lo, o estaleiro depois. Quer dizer: a revolução urgente não era social, nem política, era moral. Nem havia a escolher entre monarquia e república, pois que, para escolher entre duas coisas, é necessário existirem, e a

---

(1) Um rei segundo a Carta, entende-se.

república, tanto custava a realizar, que ainda até hoje a não fizemos.

A segurança da pátria exigia inadiavelmente à frente do govêrno um homem de superior inteligência, de altivo carácter, de ânimo heróico e resoluto. Era-o D. Carlos ? obedeceríamos a D. Carlos. Uma alma, uma vassoira e uma carroça, de nada mais precisava. Varrer, limpeza geral, pôr isto decente ! Tal embaixador levantara castelos de milionário com o dinheiro da nação ? Transferi-lo de embaixada : representante vitalício do Limoeiro em África. Tal ex-ministro compra as quintas, vendendo a vergonha ? Penhora e prisão. Os bens ao erário, o corpo à penitenciária. Deslaçar Grã-cruzes e chumbar grilhetas. Norte e Leste, lamas do Tejo, Banco Lusitano, obras do estado, etc., etc., tôdas essas montureiras gangrenadas, — polos de escândalos, obscenamente fermentando ao ar livre, — queimá-las a calcium, purificá-las a vitríolo. Calcamos infâmias, respiramos veneno. Que um ciclone de justiça nos purificasse o ar e desentulhasse as estradas. Caminho livre, atmosfera nova ! Quem baldeou o país à ruina, à miséria do lar, à indigência da alma ? Idiotas ? Aposentá-los em onagros. Bandidos ? Metê-los na cadeia.

E a questão económica ? Resolvida por si. Direi mais : útil e necessária. Mas resolvida de que forma ? Pelo sacrifício de todos, pela abnegação colectiva. As pátrias, como os indivíduos, só se regeneram sofrendo. A dôr é salvadora. Não há virtude sem martírio, não há Cristo sem cruz. A Redenção vem da Paixão. A vida fortalece-se na angústia. Nem só a do homem, a vida inteira, a vida universal. A procela avigora o roble, e o ferro candente adquire a têmpera, mergulhando-o em gêlo. Quando a desgraça

parece matar uma nação, é que tal nação estava morta. O cáustico, que levantou o doente, decompõe o cadáver.

Resumindo : desastres, misérias, vergonhas, infortúnios, calamidades, subjugadas com energia e padecidas com nobreza, ensevariãam de novo alento o coração exânime da pátria. O raio lascou a árvore ? Brotaria, amputada, com maior violência. A alma habita na raíz.

Mas seria possível conjurar quatro milhões de interesses, quatro milhões de egoísmos, num ímpeto de fé heróica e de renúncia ? Era. Digo-o sem hesitar. O sibarita que ria, o cevado que ronque. Era ! O espírito, como o fogo, consome traves, calcina pedras, derrete metais. O facho duma alma pode incendiar uma Babilónia. Um iluminado pode abrasar um império. Tem-se visto. O cofre-fortè é de ferro, a libra é de oiro, o egoísmo é de bronze, mas a electricidade impalpável, invisível, imponderável, volatiliza tudo num momento. Ora o espírito é a electricidade de Deus. Nada lhe resiste. Devora séculos, evapora mundos. Jesus e Buda, — um crucificado, o outro mendigo, — refazem o globo, põem nova máscara à criação. Joana d'Arc e Nunalvares, irmãos gémeos, redimem duas pátrias. Focos ambulantes de espírito divino, arrasam e vencem, — magnetizando. O céu é contagioso como a lepra.

Claro que o milagre exige a fé. Nem todos os sábios juntos escreveriam os evangelhos. A língua do homem, sem a língua de fogo, não apostoliza, discursa. Um Doutor não é um Messias.

A metempsicose, em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, bôca para rezar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim : ajoelhando primeiro. O Nunalvares de hoje não usaria cota, nem

escudo, mas, ao cabo, seria idêntico. A mesma chama noutro invólucro. Não combateria castelhanos, combateria portugueses. O inimigo mora-nos em casa. Aljubarrota no Terreiro do Paço e os Atoleiros . . . nos mil atoleiros de infâmias que enodoam as ruas, e obstruem o trânsito. Queríamos um justo inexorável, um santo heróico, com a verdade nos lábios e uma espada na mão. Os quadrilheiros que infestam Lisboa e os sub-quadrilheiros que infestam as províncias, anulá-los, esmagá-los num dia, numa hora, sem pena e sem remorso, vasando-os logo, — atascadeiro de baixezas, lôdo de malandros, — pelo buraco infecto duma comua. Depois pregar a tampa. Um colector *in pace*, um cano de esgôto jazigo de família.

E, removidos os focos epidémicos, voltaria em breve a saúde geral. A obra de reconstrução, inda que lenta, marcharia sem estôrvo. Humanizar o ensino, nacionalizar a indústria, um clero português e cristão, a justiça fora da política, o exército fora de S. Bento, os burocratas para a burocracia, o professorado para as escolas, o poder legislativo entregue às fôrças independentes e vivas do país, arrotear o solo, colonizar a África, — tudo era possível, tudo era simples, desde que nos dessem uma fé, uma crença, vida luminosa, — uma alma !

Alma ! eis o que nos falta. Porque uma nação não é uma tenda, nem um orçamento uma bíblia. Ninguém diz : a pátria do comerciante Araujo, do capitalista Seixas, do banqueiro Burnay. Diz-se a pátria de Herculano, de Camilo, de Antéro, de João de Deus. Da mera comunhão de estômagos não resulta uma pátria, resulta uma pia. Sócios não significa cidadãos. O burguês estúpido, perante as calamidades que nos assaltam, computa-as em libras,

redu-las a dinheiro. Parece que se trata duma mercearia em decadência. Dívida flutuante, impostos, câmbios, cotações, alfândegas, cifras, dinheiro, nada mais. A ruína moral não entra na conta nem por um vintém. Deve e há-de haver, eis o problema. Direito, Justiça, Honra, Pundonor, — palavras ! Se o gigo das compras andasse farto e os negócios corressem, podiam encafuar Jesus Cristo na penitenciária e sua Mãe no aljube, que a récua burguesa, dizendo-se católica, não se moveria. O câmbio estava ao par.

Falir um banco, que desastre ! Falir uma alma . . . — Mas que demónio é isto de falir uma alma ? —

Ouve lá, burguês rotundo. Um exemplo. Ouviste já nomear por acaso o Fialho de Almeida ? Vagamente. Ora bem : êsse Fialho é a mais rica natureza artística que Portugal tem gerado há duas dúzias de anos. Um talento grande, rutilando em génio por instantes. Em génio, sim. Leiam os *Pobres*, o *Filho*, a *Velha*, o *Idílio triste*. Natureza de sensibilidade vibrátil, agudíssima, quasi mórbida. Depois português, idolatrando o seu Alentejo, adorando a sua pátria, instintivamente, orgânicamente, como a raiz adora a terra.

A uma tal natureza, em Lisboa, de 90 a 93, hora a hora assistindo à decomposição putrefacta daquela percevejaria nauseante, não lhe era lícito o refúgio nirvânico dos metafísicos ou dos *hábeis* na decantada tôrre de marfim. O Fialho estava pobre e o marfim muito caro. Índole ardente e valorosa, palpitante de plebésmo robusto, de humanidade sanguínea, olvidou planos de arte, sonho alado, quimera astral, e de chicote nas unhas, mordaz e mordendo, arremeteu contra a fandangagem da sociedade lisboeta, como alguém que marchando direito a um nobre destino, se ati-

rasse de repente às ondas, aventurando a vida, — para salvar um bêbado.

Entre os projectos literários do admirável artista, um havia mais que todos acariciado e fecundo, os *Cavadores*, rústico poema, síntese sublime da vida da terra, da planta e do camponês, obra de fisiologista, de psicólogo e de poeta, reçumando sangue, transpirando lágrimas, drama tangível e real, movendo-se numa atmosfera enigmática de infinito e de sonho. Um livro elevado. Lisboa rasgou-lho. Em troca deu-lhe os *Gatos*. Dum poeta épico fez isto : um varredor da Baixa. O Fialho durante três anos varreu o Chiado, espiolhou a Havanesa, catou S. Bento. Os trapos converteram-não em trapeiro. A águia baixou a milhafre. O milhafre é útil, depura e limpa. Os *Gatos* foram, em parte, uma obra de justiça, por vezes de cólera. Mas o rancor dos bons denota ainda bondade. Só os grandes idealistas desceram a grandes satíricos. Cristo dava chicotadas.

Nos *Gatos* estoira de quando em quando um rugido de tigre. É o melhor do panfleto. O resto, tirante algumas páginas literárias, maravilhosas, descamba na insignificância, — cisco, anedotas, noticiário, zero. O estilo não basta. Uma melancia em bronze não deixa de ser uma melancia. Os *Gatos* tem valor moral e valor de arte. Mas êste é relativo, e portanto inferior, e aquele ineficaz, e portanto menos proveitoso. Varrer Lisboa nos *Gatos*, acho bem ; varrê-la no *Diário do Govêrno*, acharia óptimo. Conclusão : o desmantelamento da sociedade portuguesa actuou no espírito impressionável dum grande poeta, esterilizando-lhe a génese da obra humana, imorredoiira, e fecundando-lhe a semente da obra particularista e transitória. Desviou do seu curso natural

a água límpida que regava plátanos e searas para com ela inundar estrumeiras e desentupir esgotos.

Bom burguês, comprehendes agora o que é a falência dum espirito? Calcula, pois, em 2 milhões de consciências (1), o déficit moral, a ruína interior, que os teus guarda-livros não escrituram nas agendas. Perdeste dinheiro, meu rico homem, na quebra fraudulenta dum banco? O Fialho e nós perdemos os *Cavadores* na quebra fraudulenta duma nação. O prejuizo maior foi o nosso. O nosso, o da pátria. Porque é mister que to diga, bom burguês: sem o banco de Portugal ficaríamos pobres 30 anos. Mas sem os *Lusíadas* ficaríamos pobres para sempre. As libras voltam. O génio não se repete. Por isso, burguês odioso, te não lamento. Mais ainda: regalam-me às vezes, Deus me perdôe, os teus desastres, lembrando-me que só te levantarás honradamente, quando se te der, de fome, um nó nas tripas! Idiota! Nem egoísta és. Vês apenas dinheiro, e hão-de deixar-te sem camisa. Inda bem. Só nu ficarás decente.

Continuemos. A nação, mais do que de libras, carecia de alma. Quem lha daria? Quem a tivesse como o sol tem luz: infinita. Pobre D. Carlos! Que havia de êle dar, — mediocridade palúdica, já aos 25 anos atascado no sebo dinástico, nas banhas brigantinas! Alma? Bem alma, não; quási, pequena diferença: lama. Uma inversão de duas letras. Ligeiro lapso, cuja emenda é esta: Viva a república!

O rei falhára. Nulo, insignificante. Pedir-lhe génio, heroísmo,

---

(1) É meia consciência por habitante. Talvez excessivo.

grandeza, sublimidade, — o mesmo que pedir astros a uma couve ou raios a uma abóbora.

A existência da pátria dependia da revolução. O rei não pôde, não soube, ou não quis fazê-la. Em suma, não a fez. Perdeu-se. Que restava ? Fazê-la o povo. Não a fazendo, perdia-se também.

O rei, em vez de cortar o cancro, identificou-se com êle. Chaga maior, operação mais grave. Já ninguém suprimirá o cancro, sem suprimir a realeza.

O republicanismo não é aqui uma fórmula de direito público ; é a fórmula extrema de salvação pública. No prédio em chamas há só uma janela aberta. Preferem os monárquicos morrer queimados, por a janela estar pintada de vermelho ? Fôsse ela branca, que eu saltaria sem escrúpulos.

Republicano e patriota tornaram-se sinónimos. Hoje quem diz pátria, diz república. Não uma república doutrinária, estupidamente jacobina, mas uma república larga, franca, nacional, onde caibam todos. Não dum partido, da nação. Presidente o melhor. Foi por acaso miguelista ? Embora. Uma revolução por selecção de caracteres.

Tal movimento cívico, espiritualizado e grande, requeria pelo menos um homem. Existe ? Existiu : José Falcão.

José Falcão ! Alma tão nobre de patriota não a conhecerei jàmais. A idéa de pátria, feita verbo, nela encarnára divinamente. Hóstia sublime ! Trigo de comunhão deu-nos a fé, e trigo de viático, na hora da nossa morte, dá-nos ainda a esperança.

À volta de mim vejo monturos, dentro de mim encaro cinza. Tudo acabou, não é verdade ? Melancòlicamente revolvo a cinza, poeira de quimeras, e uma flâmula fulge, uma brasa crepita . . .

É a alma dêle . . . Não quiere apagar-se. Mesmo dentro de nós, túmulos cerrados, continúa ardendo. Amanhã de tais campas podem brotar ainda labaredas.

Grande homem ! Como o sangue em momento de pânico reflue de chofre ao coração, dir-se-ia que na hora suprema tôda a alma da pátria naquela alma se ajuntára.

Em José Falcão a intelligência era robusta, a sciência enorme, mas a grandeza moral incomparável e soberana. Dizia o que pensava, fazia o que sentia. Um justo. Portanto, um solitário. Querendo viver puro, viveu em si mesmo. Isolou-se. Nem ambicioso, nem vaidoso. Nos altos píncaros, de gêlo e de luz, não há micróbios.

Egoísta intelectual ? Nunca. Ânimo generoso, os problemas sociais cativaram-no. A sociedade evitou-a. Livros e família : cérebro pensando, coração amando.

Mas o sentimento da pátria com tal furor e febre lhe girava no sangue, tão inato e profundo lhe ardia lá dentro, que aquele homem de idéas instantâneamente se volveu, como por milagre, em homem de acção. O ruído molestava-o ; procurou o ruído. A turba incomodava-o ; procurou a turba. Agitou-se três anos em movimento frenético. Pátria ! Pátria ! a visão constante, o sonho de tôda a hora ! Fogo sagrado, fogo devorador. Queimou-se, abraçou-se nele. Auto-de-fé dum corpo nas labaredas duma crença.

O patriotismo tornára-se em José Falcão um misticismo. Compreende-se bem. Idéa tão inflamável, em tão candente natureza moral sublima-se, ilumina-se, perde-se no êxtase, no enlêve, no transcendentalismo religioso. Aquele homem exalava de si o quer que fôsse de sobrenatural e de divino. Sentia-se que ro

grande momento arriscaria tudo : família e vida, fortuna e lar. Através do crente apercebia-se o herói. Por isso arrastava. A eloqüência vinha-lhe espontânea, dominadora, magnética. Não a eloqüência literária dos artistas. Eloqüência de alma, verbo interior, luz de uma chama.

Depois naquele homem tudo era português, sóbrio, simples, varonil, vernáculo : figura, gesto, palavra, intonação, modo de vestir, maneira de andar. Tudo beirão, tudo nosso. Nem um galicismo. Austero e risonho, violento e meigo, — a singeleza na grandeza. Lembrava ainda o Condestável. Como êle, espírito heróico,, braço de ferro para o comando, bôca de santo para a piedade.

Extenuado e letárgico, pressentindo a morte, nunca desanimou. Pois a doença da pátria não era ainda bem mais grave ? Por ela sim, desejaria viver, desejaria morrer. A fôrça física abandonava-o, só a vontade sobreumana o tinha de pé. Era já uma existência feita de ressurreições, um ideal galvanizando um cadáver.

Dizia-nos êle, quási no fim : Não duro muito ; aproveitem-me. Morria daí a meses.

Não há uma íntima e dolorosa afinidade entre a alma quebrantada dum povo, baldadamente, durante séculos, evocando um Messias, e a breve aparição dum redentor, miragem súbita, que mal se desenha se desfaz ?

Tal a árvore-espectro, frutos de aurora sonhando, caveiras torvas produzindo, que um dia gerou, milagre de amor ! o pomo de oiro deslumbrante, e o viu desprender, esbroando em cinza, do galho nu, do ramo estéril de esqueleto . . .

Árvore nocturna, a morte gira-te nas veias, e os frutos de

Ideal que tu concebes já trazem no âmago, quando nascem, as larvas deletérias do sepulcro . . .

Desiludido, assim o creio por vezes. Depois, a um golpe de sol, o Quichote revive, exalto-me de novo, de novo espero . . .  
Florinha azul, beijo de Deus, — divina Esperança . . .

\*

\*   \*

Escrevi há ano e meio as páginas que aí ficam. Tencionava completá-las, documentando-as. Inútil. O inquérito definitivo à montureira circundante é a ferro e fogo, não a pena e a tinta, que deve executar-se.

Ampliarei ainda estas anotações com o protesto que foi dado a lume, quando o govêrno tolheu a homenagem a Guilherme Braga. É um rápido exame dos planos últimos da monarquia. Por isso o transcrevo. Ei-lo :

O govêrno proibiu a manifestação anti-jesuítica, que hoje deveria realizar-se no cemitério de Agramonte em volta da campa do grande poeta Guilherme Braga.

Os jesuítas são o auxiliar da monarquia. Atacando-os, atacamos o rei. O ministério não o permite. Não há que estranhar. É lógico.

Desde a crise do *ultimatum* inglês, que tanto podia significar uma onda de vida nova como o estertor dum moribundo, resvala a nação, dia a dia, ao letargo estúpido da indiferença. Estará morta ? Estará cataléptica ? O futuro, breve talvez, o vai dizer.

Mas na opinião do mundo, já Portugal não existe. Dura, mas não existe. Dura geográficamente, mas não existe moralmente. A Europa já considera isto uma coisa defunta, espólio a repartir, iguaria a trincar. Salva-nos da gula dos comensais a rivalidade dos apetites. No dia em que se harmonizem devoram-nos.

Como resistir ? pela fôrça física ? impossível. Não há balas nem libras, não há ouro nem ferro. Qual o meio então ? Um único : a fôrça moral. Não vale tudo, mas vale alguma coisa. Na balança da realidade efémera, os canhões pesam como bronze, e o Direito e a Justiça pesam como ar. Sim ; às vezes, não sempre.

Houve profetas que domaram leões : mártires que aterraram algozes. E quando um homem ou um povo sucumbem altivos em nome da verdade, êsse homem ressuscitará nas consciências, e êsse povo ressuscitará na História. O justo, expirando na Cruz, ao terceiro dia levanta-se do túmulo. O covarde, mergulhando em lôdo, em lôdo agoniza e em lôdo se transforma.

Qual era, pois, a grande missão de um govêrno em Portugal ? Fazer de quatro milhões de espíritos um só espírito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz divergentes, aquecem ; convergentes abramam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quási estéreis, na indiferença colectiva. Não mudam aos olhos da Europa a fisionomia portuguesa. Mas a abnegação e o sacrifício de todos, a comunhão unânime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Pátria, transfigurar-nos-ia por encanto, de povo de chatins em povo de heróis, de mortos com direito ao cemitério, em gente viva com direito ao pão, com direito à luz.

E o problema religioso, nada mais singelo : na esfera do pen-

samento, liberdade absoluta ; na esfera dos actos, tolerância recíproca.

O povo dos campos mantém a sua fé tradicional. Quando se dirige a Deus precisa ainda um língua : o Padre. Faltando-lhe a hóstia, falta-lhe Cristo. Levando-lhe a igreja, levam-lhe o Céu.

O Catolicismo é roble caduco, mas nos galhos exangues, de verdura pálida, inúmeras aves inocentes gorjeiam ainda, fabricam o ninho em que adormecem. Não lancemos o machado ao tronco do roble, sem dar aos corações ingénuos, que o povoam, outra verdura calma onde se abriguem. O mundo róla no infinito ; no infinito deve igualmente girar o espírito do homem. Ai dos que vivem só na terra, olhando o horizonte com o olhar da carne ! Êsses não vivem. Andam quilómetros e contam horas, mas o Espaço é a jornada da alma e o Tempo a hora eterna que não finda. O homem sem o ideal sobreumano, regressa à bestialidade donde veio.

Se o cavador miserável não comunga em Cristo senão pela hóstia, que a hóstia lhe seja oferecida, mas cândida e branca, em mãos de misericórdia e de pureza. Organizem um clero nacional e cristão, evangelista pela virtude, embora católico pelo dogma. Varram da Igreja a estrumeira política ; para bispos escolham santos, e a questão religiosa desaparece num momento. Spinoza ou Schopenhauer entender-se-iam muito bem com S. Francisco de Assis.

Porém, os homens que há muito dirigem os destinos da Nação, últimas varreduras do constitucionalismo agonizante, quasi sempre democratas vazios aos vinte anos, e cínicos redondos aos

quarenta, são incapazes de um plano de govêrno, gerado numa filosofia superior, amoldado a uma razão prática luminosa e traduzido em factos, por uma vontade inabalável e contínua. Que êles, francamente, visam apenas salvar o seu interêsse, o seu egoísmo e as suas lantejoulas de mediócras.

Conservam a realeza no intuito de se conservarem a si próprios. Mas uma realeza moribunda só entre mortos alcançará reinar. Fazer do País um cemitério de almas, eis o problema. As associações protestam ? Dissolvidas. Os clubes ameaçam ? Trancados. As Côrtes incomodam, às vezes ? Suprimem-se. Os jornais irritam ? Cadeia. Todo o obstáculo, desfazê-lo : se é venalidade, pela compra ; se é moralidade, pela tirania. Há consciências que se indignam ? Prendam-nas. Há gente que se revolte ? Fuzilem-na. Ordem, muita ordem ! Quere dizer : Silêncio ! Digerir e calar. O País inteiro uma campina raza, e nela manobrando, ovante e livre, o general Queirós. Olhai : galopa de Norte a Sul e nem um montículo para surpêras, uma ravina para emboscadas. Planura perfeita : bem chã, bem unida e bem morta. Vivos, a municipal e a polícia.

Receio, pois, de quem ? da burguesia liberal ? Por via de regra o burguês, liberal ou não, traz nos intestinos um polícia ingénito : ó mêdo. Anda guardado.

Receio do operário ? O operário português é sofredor e humilde. A grande indústria concentra-se em Lisboa e Pôrto, onde a polícia usa revólveres e a municipal Kropatcheks. Contudo, a maré do socialismo invade, formidável, os parlamentos europeus. À cartela, proteger S. Bento. Decreta-se uma lei, inutilizando o voto ao operário : eleitor, às vezes ; elegível, nunca.

Receio do exército ? Lisonjeá-lo . . . e diminuí-lo. O exército é a municipal.

Ótimo. Só fica uma nuvem negra : os campos, a plebe da enxada. Horda infinita. Na alucinação da miséria, quem a há-de conter ? O Queirós ? O Graça ? Não chegam. Só um Queirós em cada aldeola, um Graça em cada freguesia. O perigo, enorme, vem daí. Meio milhão de esfarrapados com êste general—a Fome, tornam-se invencíveis. Existe apenas um recurso : Deus. Muito bem. Trate-se com Deus.

*Il y avec le ciel des accommodements.* Há efectivamente. Mas conforme o céu, e conforme o Deus. O Deus dos Evangelhos, por exemplo, é um Deus esquisito, não presta. Leva à submissão, nunca à ignomínia. Capaz de gerar um mártir, nunca um hipócrita. Depois, a sua doutrina igualitária, em certos temperamentos, cria alucinados, produz rebeldes. O Niilismo é filho bastardo de Jesus. E êle, o próprio Deus, numa crise de cólera, não desatou às chicotadas ? Com o Deus do Calvário, abrigo de humildes, redentor de plebes, um homem de estado, espelho de cordura, não deve entrar em negócios. Arrisca-se.

Quere-se um Deus maleável, arguto, scéptico, inteligente : o Deus da Companhia de Jesus. Ora aí está um Deus civilizado, sem preconceitos, útil a um govêrno. Instruído e metódico, ambicioso e cauteloso. Boa educação, boas maneiras, limpeza de roupas, latím excelente.

Sabe catequizar uma duquesa ou fanatizar uma peixeira. Dispõe de infernos com lavaredas de fogo ou lavaredas de gaze, de céus confortáveis para gente rica e céus de quinto andar para a canalha. Harmoniza o lausperene com a quermesse, S. Carlos

com Santo Inácio, um sermão com um baile, e o Espírito-Santo da Igreja de S. Luís com o tiro aos pombos na tapada da Ajuda.

Por isso a monarquia firmou aliança com o Jesuíta, e o Jesuíta vai esburacando o sub-solo moral da pátria portuguesa. Alastrou, minou, furou sem ninguém ver. Debaixo da terra. Agora aparece. Caminhou na sombra, de joelhos, como um larápio. Agora mostra-se. Mostra-se e desafia. A rêde escura da sua influência abrange a área da nação. Colégios e conventos em tôdas as cidades, em tôdas as províncias. Levantou baluartes, estrategicamente, escolhendo o terreno. Julga-se inexpugnável. Manobra à luz, desfila em batalhões, forma em revistas. É a guarda municipal da consciência portuguesa. O seu Deus corresponde-se com o ministério, tem entrada na côrte e verba no orçamento.

Preguntarão : Se o govêrno dispunha do clero, por que chamou o jesuíta ? Se havia de casa o abade, por que recorreu ao missionário ? É que o abade, desmoralizado pelo constitucionalismo em sessenta anos de tranqubérnia eleitoral, perdeu, lentamente, aos olhos do camponês, o carácter augusto de interdiário de Jesus. O missionário, ainda não.

E eis aí porque o govêrno pactuou com o jesuíta, e nos inibe de responder, como desejávamos, àquela entrudada grotesca de Santo António, que durante semanas emporcalhou as ruas de Lisboa. Carnaval sacrílego ! A humildade, a virtude e a pureza do sublime franciscano, enxovalhadas e calcadas em correrrias de titeriteiros e de bêbedos ! O discípulo cândido da mais angélica alma que ventre materno deu à luz, exposto a glorificações mercenárias, a apoteoses aviltantes ! Para celebrar a dôr, fogueatórios e músicas ! Para celebrar a mansidão, toiradas e baionetas !

Para celebrar a renúncia, jogos e toiros, galopes e clarins ! Um banquete suntuoso, uma raíha constelada de jóias, convivas em fardalhões auriluzentes, damas cobertas de brocados, na mesa opulenta uma hecatombe luculiana, e um burguês anafado e ventruado, ao *dessert*, copo de champagne na mão, erguendo um brinde (com arrotos), à doçura, à singeleza evangélica do amigo do *Poverello*, de Santo António de Lisboa ! E não fulminou Deus o animalaje estercorário !

E, por fim, aquela debandada de entremez eclesiástico, em que os padres de Jesus, loucos de terror, cegos de covardia, largavam da mão as coroas e as insígnias, para melhor se escapulirem, desordenados e fedorentos.

Iremos a Agramonte, iremos silenciosos, a um e um, esconder em flores o túmulo modesto dêsse belo poeta, a quem a sociedade, em troca do Génio, doou amarguras e vilipêndios. Tardia romagem da nossa indesculpável ingratidão. E, enquanto a protestos ruidosos, só um a fazer. Mas êsse deve fazê-lo a nação inteira, e sem pedir licença aos governantes. Protesto único e definitivo, donde resulte uma sociedade virtuosa e nobre, equitativa e harmónica, impregnada, nas leis e nos costumes, da moral sublime de Jesus, e refractária, portanto, à moral ambígua do Jesuíta.

\*

\* \*

Eis aí, em síntese, a obra do rei e do govêrno. Obra de estupidéz, obra efémera. Imbecis. Conhecem, da Eternidade, o minuto em que jantam, e, do Espaço, as dôze cabeças de comarca onde

fazem bulha. Raciocinam com os pés, com as mãos, com os olhos, com os ouvidos, com o estômago. No crânio, farelos. Supõem-se grandes e não existem. Mandam, decretam, dão ordens, e não existem. Só espiritualmente se existe, vivendo no infinito, e eles, espiritualmente, moram no vão duma escada.

E julgam, os idiotas, salvar o rei ! Por que forma ? Já o disse : tornando o país um cemitério de almas. Dinastias agonizantes querem vassallos defuntos. Entre quatro milhões de cadáveres um ventre com duas pernas, dois braços, uma abóbora nos ombros e uma espada na mão, a distância, movendo-se, ilude ainda : parece gente. Rodeiam-no baionetas, cavaleiros o guardam. Contra quem ? contra os mortos. Invencível então, não é verdade ? Perdido, inteiramente perdido. Se os mortos ressurgem, êle evapora-se. Se tudo é findo, se os Lázaros se não levantam, quando chegarem os corvos, principiarão por êle o seu banquete. Ou devorado pela nação, ou devorado pelo estrangeiro. A nação acorda ? É o exílio. Submete-se ? É que está morta, e, das nações que morrem, as nações vivas se alimentam.

Mas, por enquanto, folga. O dia de hoje pertence-lhe. O estado é o rei. Cidadão há um único : D. Carlos. Os deveres são nossos, os direitos, dêle. É dêle o meu pensamento, é dêle a minha bolsa, é dêle a minha vida. Estrangula-me as idéas, arromba-me a gaveta, ou corta-me o pescoço, conforme queira. A justiça é um relógio que êle atrasa, adianta ou faz parar, segundo lhe dá na vontade. Decreta a lei e nomeia o Juiz. O parlamento é o seu capricho. Entre uma toirada e uma férra, escreve ordenações com uma navalha. O país é D. Carlos. Seja. E quem é D. Carlos ? Aí vai um retrato que é um libelo :

*Tôrre do Outão.* Esta primeira fantasia régia de sua majestade importou em duzentos contos de réis, ou mais, subtraídos ao tesouro. Juridicamente, um crime. Artisticamente, uma indecência.

*Exéquias de D. Luís, mandadas celebrar pelo município de Lisboa, capital do reino :* Sua majestade, a-pesar-de convidado, não quis assistir. Foi-se aos coelhos para o Alfeite. Se vagueiam no ar as almas dos que morrem, a de D. Luís I, nesse dia, chumbou-a porventura, ao levantar da hóstia nas exéquias, a filial escopeta do Snr. D. Carlos.

*Ultimatum inglês:* Roubados e insultados. O país protesta, num vigoroso movimento de indignação e de cólera. Uma criatura houve que ficou impassível : o rei. Não teve aquela mão um gesto de furor, não encontrou aquela bôca uma palavra de altivez. No dia seguinte, em carro descoberto, charuto a arder, expunha D. Carlos, na Avenida, aos transeúntes atónitos, a inconsciência lôrpa da sua figura habitual.

*Convénio inglês :* O art. 75.<sup>o</sup> da constituição do reino diz o seguinte : *O rei é o chefe do poder executivo e o exercita pelos seus ministros de Estado. São suas principais atribuições :* 8.<sup>o</sup> *Fazer tratados.* Bem. De duas, uma : ou o rei conhecia o convénio que o Snr. Barjona negociava em Londres, ou não o conhecia. Naquela hipótese, tôdas as injúrias, todos os doestos, tôda a lama aviltante, que a nação, às mãos ambas, arremessou ao convénio, cáem, de chofre, em sua majestade. Se era alheio ao convénio,

alheio e indiferente a um acto nacional, de vida ou de morte para a honra da pátria, então ou sua majestade é um miserável ou sua majestade é um irresponsável (1). Daqui não há que fugir.

Chegam a Lisboa as bases do convénio. O Snr. D. Carlos em 21 de Agosto de 1890, ao procurar nos jornais o anúncio dos teatros, viu-as naturalmente, viu-as de-certo. Ignorância, agora, não a pode alegar. Conhecía o crime. Que fez ? Abram as *Novidades* de 22 de Agosto. No artigo editorial, violentíssimo, há êstes períodos :

« Na história da nossa decadência, levantou-se um novo e ruinoso padrão. O tratado do Snr. Hintze Ribeiro segue-se nesta série lamentosa ao tratado de Methwen, e deixa-o no escuro.

« Em nossa honra e consciência, diremos alto e bom som : o tratado firmado em nome de Portugal com a Inglaterra é um padrão de imperecível ignomínia, e o dia, em que o seu texto completo fôr publicado no *Diário do Govêrno*, deverá ser considerado por todos os cidadãos amantes do seu país como um verdadeiro dia de luto nacional. »

E mais adiante, na 3.<sup>a</sup> coluna, sob o título — *As festas em Sintra, o Rally paper, o Baile*, — escreve ainda o mesmo jornal :

« Conforme estava anunciado, realizou-se ontem em Sintra, nos terrenos da Granja do Marquês, o *Rally paper*. Perto das 3 horas chegaram el-rei e a rainha num *landeau* à Daumont,

---

(1) Irresponsável segundo Lombroso, não segundo a Carta.

acompanhados pela Snr.<sup>a</sup> D. Josefa Sandoval, veador António de Vasconcelos e official às ordens A. de Serpa.»

Segue uma comprida nomenclatura de altos senhores e nobilíssimas damas, que, em volta do rei, tomaram parte na função.

E conclue a notícia :

«Na retirada, suas majestades vinham em carro descoberto, escoltados por todos os jogadores que tinham entrado na partida, e seguidos por mais de duzentas carruagens descobertas, conduzindo tudo o que há de mais elegante em Sintra.»

E eis aí como o rei de Portugal e tudo que há de mais elegante em Sintra encaravam a imperecível ignomínia do tratado de 20 de Agosto de 1890. Hipp, hipp, hurrah ! God save the King ! Viva Salisbury ! Viva D. Carlos ! Que imundície !

Sua majestade, ainda à última hora, doente, no castelo da Pena, queria a recomposição do gabinete Serpa, isto é, mantinha o convénio. Foi o Snr. João Crisóstomo quem determinou a queda do govêrno, afirmando ao rei que, se êle insistisse, a revolução era inevitável.

Sintetizando : O tratado de 20 de Agosto, no juízo da imensa maioria do país, quasi a unanimidade, significava a última das afrontas, a última das vergonhas. Pois o Snr. D. Carlos deixou-o negociar, no dia que êle chegou a Lisboa celebrou uma festa, sustentou-o meses contra a vontade clara da nação, largando-o apenas, humilhado, diante das baionetas e da revolta.

O país, rasgando-o, rasgou-lho na cara.

*Revolta do Pôrto* : O Verbo era de luz. Encarnou mal. Daí o desastre. A lava purpúrea, não abrindo cratera, rompeu, angustiosa, por uma fenda. Colem o ouvido na montanha : há trovões lá dentro. Um dia dêstes será vulcão. Adiante . . .

O município do Pôrto, em 12 de Fevereiro de 91, dirigiu ao rei uma mensagem. Copio dela estas frases :

« Não basta repelir e condenar os factos, é mister, mais que tudo, inquirir das causas que os tornam possíveis e mesmo fáceis. E a consciência nacional, interrogada, responde sem hesitar que erros de muitos anos ; abusivas tolerâncias em tôda a espécie de deveres sociais e públicos ; quebras freqüentes de disciplina, tanto na classe militar como em tôda a ordem de serviços públicos ; relaxação no cumprimento das obrigações de cada um ; irresponsabilidade freqüente para faltas de tôda a ordem ; deploráveis complacências acobertadas com o que abusivamente se chama a doçura dos nossos costumes, tais parecem as causas gerais que permitiram e facilitaram tão deploráveis acontecimentos. E a câmara municipal do Pôrto, neste momento intérprete dos sentimentos da cidade, entende que faltaria ao seu dever, se não chamasse a atenção de V. M. sôbre êstes males, que é dever de todos os cidadãos, desde a mais elevada jerarquia à mais humilde condição, combater e destruir a todo o custo, se quisermos salvar a nossa pátria do inevitável naufrágio das nações que chegam a semelhante estado. »

(Extracto da representação da Câmara do Pôrto ao Rei, em 12 de fevereiro de 91).

Eis agora o extracto da resposta do Snr. D. Carlos :

« O sustentamento da justiça e a rigorosa aplicação das leis são o fundamento moral de tôda a sociedade bem organizada ; a pública administração tem de ser necessàriamente económica e modesta ; a política precisa de se mostrar, agora e sempre, evidentemente elevada e respeitável nos seus intentos e nos seus caracteres dominantes. Êstes salutaes princípios que a digna vereação municipal do Pôrto me relembra na sua mensagem, professo-os eu como verdades fundamentais, e tenho-os para normas inquebrantáveis da minha magistratura constitucional. Diz-me a consciência que lhes tenho sido fiel ; e se ainda não pude mostrar tôda a minha profunda dedicação pela nossa pátria, tem sido isso devido ao pouco tempo da minha vida de rei, desgraçadamente assombrada por acontecimentos de que me não cabe a responsabilidade, mas de que sinto, como os que muito a sentem, a triste e dolorosa significação. »

Que quere isto exprimir ? Que a Câmara do Pôrto, com o aplauso de D. Carlos, justificou a revolta de 31 de janeiro. Embora lhe desaprovassem a forma, justificavam-lhe a essência. Mas a braveza dum acto, quando a razão o determina, desculpa-se bem. Há um julgador que diz a um réu : « A lei condena-te, mas a verdade absolve-te. » Que faz êsse juiz, quando êle é um rei ? Perdoa.

Volveram anos. Os grandes criminosos, a que se referia a mensagem do município de Pôrto, onde é que estão ? Nas mais altas dignidades, rodeando o trono.

E o tenente Coelho, meu senhor ? onde é que está êle ? Apodrecendo em África.

*Viagem do Snr. D. Carlos ao Pôrto, depois do 31 de janeiro :*  
Mais dum ano decorrera, antes de sua majestade se abalançar à viagem. Serenados os ânimos, mete-se a caminho. Os estudantes, em Coímbra, assobiam-no. Chega ao Pôrto. Desfila o cortejo. Ao lado do carro de sua majestade seguia um chefe de esquadra, a pé, durindana ao vento. Entala-se-lhe o gládio numa das rodas, partindo-se em bocados. O monarca desembaíinha, veloz, a sua espada de commnadante em chefe, e bizarramente lha entrega com donairoza cortesia. Lá está na esquadra.

*Baile do ministro inglês, em Sintra :* No verão de 1892 dava o ministro inglês uma festa pomposa em honra do Snr. D. Carlos. Sua majestade aceitou-a. O ministro inglês, naquele instante, era a Inglaterra. O soberano de Portugal era a nação portuguesa. Pois o rosto que levava a bofetada sangrenta ia ver-se aos espelhos do animalejo que lha dera ! Ia limpar os escarros ao guardanapo de quem lhos atirou !

Um rei que a fatalidade inexorável, que o destino impiedoso submetesse, algemado, a semelhante vergonha, choraria de raiva lágrimas de sangue, a não guardar no íntimo da alma, como D. Carlos, o retrato de D. João VI, num pataco falso. Desejaria eu ver, em lance de tal ordem, a grande e melancólica figura de D. Pedro V. Que trágica altivez e que dorida nobreza não exprimiria o seu olhar ! E D. Carlos ? D. Carlos, em tôda aquela noite pavorosa, jogou descuidadamente o *bleuff*, espécie de batota, com

dois casquilhos elegantes do mundanismo que se diverte. Verifiquem, lendo o *Jornal do Comércio*, que relatou o baile. Acrescento mais : quem o relatou assistiu a êle.

*Dissolução das côrtes. Primeiro golpe de estado* : O Snr. D. Carlos, um belo dia, farto de atirar às perdizes, alveja à queimadura o código político da nação. Com que fim ? Salvar-nos, salvar a pátria. Era a vida da pátria, que, em risco iminente, o constrangia à ditadura. Espesinhava os códigos, para manter a nacionalidade, sacrificando (com que mágoa !) o juramento do rei à existência do reino. Acto solene, acto grandioso. D'ora-avante quatro milhões de espíritos do seu espírito viveriam. Escultor dum povo, cinzelador duma raça, ia fazer história, fazer humanidade. Como Deus, trabalhava em almas. Um rei idealista, que em tal momento, no fogo divino duma obra de arte, — quadro ou estátua, música ou poema, — quisesa sublimar-se, escolheria naturalmente uma obra elevada, de essência religiosa, de feito heróico. Guilherme, o visionário, escutaria o *Lohengrin*. Carlos, o gordo, foi ao *Brasileiro Pancrácio*. Os jornais o disseram. Textual : ao *Pancrácio*. Perfeito, simbólico.

*Regresso da expedição à Guiné* : Vai um bando de homens, filhos da miséria, a terras inóspitas e distantes jogar a vida pela pátria. Chegam, cumprido o dever, exaustos e dizimados. Quem lhes sai ao encontro ? O rei ? O rei, àquela hora, ou andava às lebres ou palitava os dentes. Galardoou-os com meia dúzia de crachás. Eram poucos. Muito bem : que os rifassem. E rifaram-nos !

*Pândega a Paris* : Vinte e quatro dias no cérebro do mundo. Que trouxe de lá sua majestade ? Recibos e gravatas.

*Viagem à Inglaterra* : Quando em 30 de janeiro de 1891 compunha eu êste verso, — *A desonra, a abjecção, o trono . . . e a Jarreteira* —, envolvia a Jarreteira, em último lugar, a máxima ignomínia. Tão grande, que parecia hiperbólica. Vaticinei, adivinhei. Ei-la, a insígnia infamante, na perna esquerda do Snr. D. Carlos. Na outra, já a rainha Vitória, no dia 11 de Janeiro, lhe havia soldado uma grilheta.

*Viagem à Alemanha* : Dias antes do roubo de Keonga houve baile no Paço. Na quadrilha real, em frente da Snr.<sup>a</sup> D. Amélia, quem ? O ministro alemão. Não bastava. Deveria D. Carlos envergar, de joelhos, uma libré prussiana. E foi envergá-la. Contam os jornais que lha improvisaram numa noite, em dôze horas. Escudeiro novo de senhor tão grande, queria logo vesti-la.

*O entêrro de João de Deus* : Reinou alguns anos o Snr. D. Carlos, sem se lembrar um minuto de que João de Deus existia. Compreende-se. Da *Heresta* a uma férra a distância é larga. Sobrevem, — justiça imanente ! — a apoteose nacional do grande lírico. A alma da pátria, num vago desejo de renascer, contrapunha a soberania do espírito à soberania da carne ; a pureza, vestida de beleza, à traficância, vestida de impudor ; a idealidade mística dum génio ao crasso materialismo visceral da imunda récuca dos governantes. E eis logo o snr. D. Carlos a admirar o poeta e a visitá-lo, em sua casa, deitando-lhe à garganta, a ver

se o prende, uma coleira qualquer de S. Tiago. O intuito evidenciava-se : erigir a glória de João de Deus em pára-raios da monarquia. Mas a homenagem, tardiamente hipócrita, não iludiu o senso íntimo da juventude, radiosa origem espontânea daquela consagração de amor e de verdade. Na festa de D. Maria gelou-se à volta de D. Carlos um silêncio de morte. Nem um viva. Aclamava um povo o seu maior génio, a suprema flor da idealidade dum aça, e o chefe dêsse povo era afastado, como um intruso, que ninguém convidára, que ninguém ali conhecia.

Volvido um ano morre João de Deus. As Necessidades e o Terreiro do Paço affectam, decorativamente, pungidoras mágoas. O snr. Hintze, lúgubre e solene, banhado em pranto, de joelhos, rouqueja trémulo, fitando o cadáver, esta despedida angustiosa : *Adeus, Mestre !* Como se João de Deus houvera sido alfaiate, barbeiro ou sapateiro, únicas mestranças que a estética do snr. Hintze poderia aquilatar devidamente.

Quarenta mil homens, *a pé*, seguiram o féretro. Na cauda, *em três coches*, três paquidermes do ministério, espapaçados e sonolentos, a ruminar asneiras.

E o Snr. D. Carlos, que os meus olhos buscarem, em vão, ansiosamente, durante quatro horas, onde é que estava, onde estaria êle ? Duas gazetas o disseram no mesmo dia, em telegrama idêntico, de Mafra. Ei-lo : *Mafra, 15, ás 8 da noite. O Snr. D. Carlos retirou hoje ás 5 e meia da tarde ; o resultado da caçada foi : 10 galinholas, 5 gamos e 15 coelhos.* Por alma do sublime poeta do amor e das estrêlas, das florinhas e das aves, dos anjos e das crianças, rezou o Snr. D. Carlos, inconsolavelmente, uns trinta tiros de espingarda. Dez Padre-Nossos na grelha, cinco Avè-Ma-

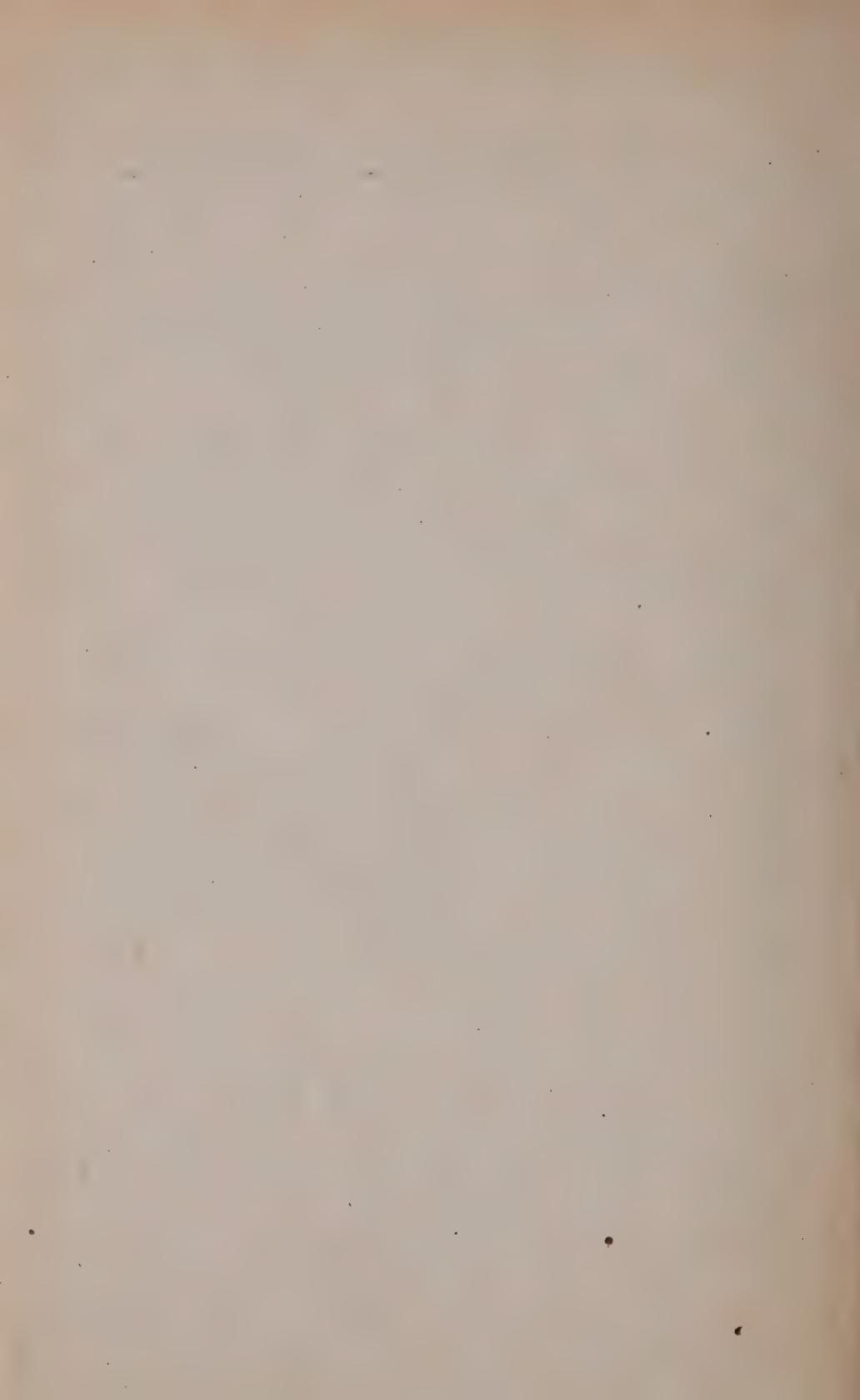
rias de escabeche e quinze Salvè-Rainhas, à Colete Encarnado, em môlho de vilão.

*A cultura intelectual de sua majestade* : Transcrevo duma publicação comemorativa do centenário Henriquino, êste famoso documento do Snr. D. Carlos. É um autógrafo. Diz assim :

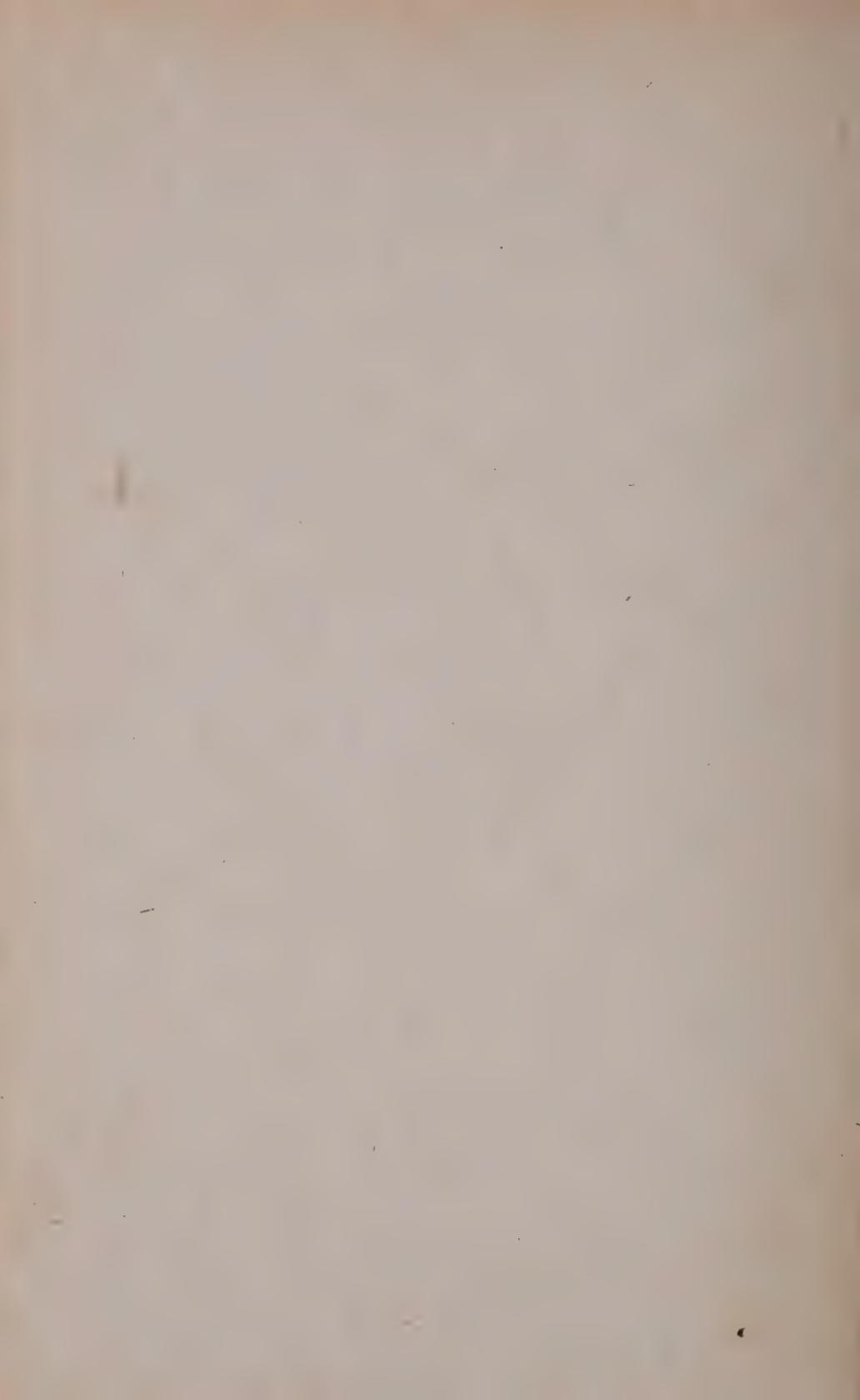
« *Para celebrar a imorredoura memoria, do Infante D. Henrique, nada encontro melhor, do que, transcrever, a estancia de Camões, que serve de epigrafe á excelente e benemérita, tradução, do notável livro de Major.* »

Leram ? Que indigência de frase e que pontuação ! Um estudentinho imberbe não escreveria aquilo.

E eis aí, a ligeiros traços, a vera efígie de sua majestade o Snr. D. Carlos. Quem a olhar, exclamará por fôrça : Viva a república ! Nesta agudíssima crise nacional a república é mais do que uma simples forma de govêrno. É o último esfôrço, a última energia, que uma nação moribunda opõe à morte. Viva a República ! é hoje sinónimo de Viva Portugal !



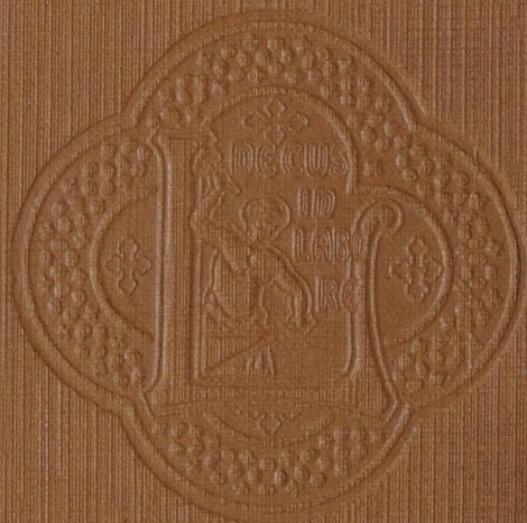












UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL



\*00001279832\*